



# **UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA**

## **DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E SOCIOLOGIA**

### **MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**CRIATIVIDADE EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE PSICOSSOCIAL:  
UMA INVESTIGAÇÃO HEURÍSTICA À LUZ DO REFERENCIAL DA ACP**

(Dissertação de Mestrado em Psicologia – Relação de Ajuda e Intervenção Terapêutica)

Márcia Píramo Coelho Machado – N.º 20081406

**SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÃO:** Professor Doutor José Paz  
*Universidade Autónoma de Lisboa – UAL*

**ORIENTADOR:** Professor Francisco Silva Cavalcante Junior – Ph.D.  
*Universidade Federal do Ceará - UFC*

Lisboa, dezembro de 2010

## CERTIFICADO

Eu, REGINALDO RODRIGUES DE ALMEIDA, Director da Administração Escolar da Universidade Autónoma de Lisboa, certifico de harmonia com os respectivos registos arquivados nesta Secretaria, que **Márcia Piramo Coelho Machado Proença**, filha de Lauro Dias Coelho e de Alice Piramo Coelho, portadora do Passaporte n.º FB749844 emitido em 2 de Setembro de 2010, Belo Horizonte, Brasil, nascida a 20 de Agosto de 1949, em Conselheiro Lafaiete, Brasil, obteve o **GRAU DE MESTRE EM RELAÇÃO DE AJUDA E INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA**. O curso está de acordo com o Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março, revogado, em parte, pelo Decreto-Lei n.º 107/2008, de 25 de Junho. O plano de estudos está publicado no Diário da República, 2.ª Série, n.º 85, de 2 de Maio de 2008, e corresponde a 120 (cento e vinte) ECTS (*European Credit Transfer System*).

Realizou provas públicas para discussão da dissertação "Criatividade em Contextos de Vulnerabilidade Psicossocial: uma investigação heurística à luz do referencial da ACP", em 28 de Junho de 2011, sendo aprovada, por maioria, com a classificação final de **17** (dezassete) **valores** e a qualificação de Muito Bom.

A presente certidão vai por mim assinada e autenticada com o selo branco em uso nesta Universidade.

Universidade Autónoma de Lisboa, 29 de Junho de 2011

### O DIRECTOR DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR



(PROF. DOUTOR REGINALDO RODRIGUES DE ALMEIDA)

Aluna n.º: 20081406  
Proc./Conf:

Visto,  
O Director do Departamento de Psicologia e Sociologia



Professor Doutor João Hipólito

*À vida, essa fonte de constante aprendizado e renovação.*

## Agradecimentos

À minha mãe, que, na sabedoria dos seus 99 anos, é um exemplo de vida.

Ao Professor Walter Andrade Parreira, que, pelo seu exemplo como pessoa e profissional, apresentou-me os princípios da Abordagem Centrada na Pessoa.

Aos Professores da Universidade Autónoma de Lisboa, com quem ampliei horizontes.

Ao Professor Francisco Cavalcante Júnior, pela presença, apoio, orientação e incentivo constantes.

Às crianças participantes desta investigação, pelo meu aprendizado e crescimento experiencial.

A Reginaldo Ferreira Goulart, coordenador do projeto social, e a Angélica Barbosa, educadora, pela confiança, abertura e disponibilidade.

À minha irmã, por ter se desdobrado em cuidados com nossa mãe durante todo o tempo em que morei em Lisboa, o que me possibilitou cursar o Mestrado.

Ao meu marido, pela presença sempre amorosa, pela confiança, empatia e cumplicidade.

Aos meus filhos e noras, por terem compreendido a necessidade da minha ausência e pelo amor que se traduziu em apoio, escuta e parceria.

Aos amigos de Lisboa, Fortaleza e Belo Horizonte, em especial Maria Amélia Santana, Renata Giaxa e Marco Antônio Azevedo, pelo diálogo frequente, sugestões e observações que enriqueceram a investigação.



(Foto de António José Proença)

*Se me ocupo da semente é porque escuto o seu silêncio. O silêncio com que ela abraça, tão brandamente, o seu grãozinho de terra.*

*Rita Apena*

## Resumo

A presente dissertação utilizou-se do método heurístico de pesquisa qualitativa e do referencial teórico da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Apresenta a trajetória da pesquisadora nos campos das artes plásticas e da psicologia, como proposta de utilização da expressão criativa no processo de desenvolvimento do cientista-artista. Ancorou-se nos pressupostos fundantes de tendência formativa e de tendência atualizante da ACP. A pesquisadora, imersa em um contexto de vulnerabilidade social com crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, provenientes de famílias carentes e integrantes de um programa social de uma ONG na cidade brasileira de Belo Horizonte, reflete sobre o potencial da arte para a transformação da sua própria vida e das vidas dos jovens com quem trabalhou em oficinas de criatividade, ao longo de um semestre, com a utilização de recursos de colagem, pintura, desenho, modelagem, *origami*, jogos e brincadeiras. Na proposta de síntese criativa do Método Heurístico, aplicado nesta investigação, a cientista-artista apresenta as suas descobertas na utilização da expressão criativa como forma de superação das adversidades enfrentadas pelos jovens com os quais trabalhou. A metáfora do cacto, com a sua simbologia à luz do referencial da ACP, sintetiza esta investigação heurística.

**Palavras-chave:** criatividade, ciência e arte, Abordagem Centrada na Pessoa, tendência formativa, tendência atualizante, método heurístico.

### ***Abstract***

*The present dissertation used the Heuristic Method of qualitative research and the theoretic referential of the Person Centered Approach (ACP). It shows the researcher trajectory in the plastic arts and psychology fields, as a proposal to use the creative expression on the scientist-artist development process. It bases upon formative tendency groundwork purposes and upon ACP actualizing tendency. The researcher, deeply steeped in a social vulnerability context with 7 to 14 years old children and teenager, deriving from Brazilian needfulness families and aggregated in one of ONG social program in the Brazilian city of Belo Horizonte, gives back an image about art potential to changes her one live and the lives of those young people which who she worked in creativity workshops, all through one semester, using resources of pasting, painting, drawing, moulding, origami, games and children's play. On the Heuristic Method creative synthesis proposal, applied in this research, the scientist-artist shows her discoveries using the creative expression as a way to overcome the misfortune that these young people, which who she worked, have to face. The cactus metaphor, with its symbology to light of ACP referential, synthesizes this heuristic research.*

***Key-words:*** *creativity, science and art, Person Centered Approach, formative tendency, actualizing tendency, heuristic method.*

## Índice

Dedicatória	I
Agradecimentos	II
Epígrafe	III
Resumo	IV
Abstract	V
Índice	VI
Página de título	1
<b>Introdução</b>	2
<b>Criatividade como expressão da tendência atualizante na ACP</b>	9
O conceito de criatividade ao longo dos tempos	12
Condições internas para o exercício da criatividade	16
Condições externas para o exercício da criatividade	18
Teoria da personalidade segundo Carl Rogers	20
Tendência formativa e tendência atualizante dos organismos	24
O valor do aprendizado pela via da experiência	26
O processo de tornar-se	29
A pessoa em funcionamento pleno e a expressão criativa	32
Oficinas de criação e terapias pela arte: qual a diferença?	33
Conclusão	38
<b>Procedimentos metodológicos</b>	40
O método heurístico	41
Participantes da pesquisa	43

Instrumentos utilizados	44
Fases do método heurístico	47
Engajamento inicial	47
Imersão	53
Incubação	61
Iluminação	63
Explicação	64
Síntese criativa	74
<b>Conclusões</b>	82
Referências bibliográficas	101
Bibliografia	105
Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido	
Anexo B – Descrição densa das oficinas	
Anexo C – Avaliação de percurso das oficinas de criação	
CD – Fotos:	
Materiais	
Modelagem – massa plástica	
Trabalhos expressivos selecionados pelas crianças	
Síntese criativa	

**CRIATIVIDADE EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE**  
**PSICOSSOCIAL: UMA INVESTIGAÇÃO HEURÍSTICA À LUZ DO**  
**REFERENCIAL DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA**

## **Introdução**

O texto que se segue é uma dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Relação de Ajuda e Intervenção Terapêutica e tem como proposta refletir sobre a possibilidade de se usar da criatividade e da expressão pessoal como recursos de auto-actualização em contextos de vulnerabilidade psicossocial. Resultou de uma indagação que, de um tempo a esta parte, transformou-se em questionamento de cunho existencial. Trata-se de tentar perceber em que medida temos possibilidade de exercer-nos como pessoas no contexto em que vivemos, sem nos deixarmos suggestionar e conduzir como autômatos pelas pressões diárias a que somos submetidos.

Em outras palavras, indago-me que recursos podemos utilizar para nos mantermos congruentes, e de que maneira podemos despertar e cultivar alguma consciência crítica que nos permita conviver com o sem-número de exigências e o ritmo frenético dos dias atuais. Nossa sociedade torna-se cada vez mais fluida, acontecimentos e fatores interferem diariamente na vida de todos os habitantes do planeta - independentemente de onde aconteçam, quer sejam eles econômicos, políticos, ideológicos - em função de uma sociedade globalizada, interligada, interconectada e interdependente.

Este contexto social torna-nos a todos vulneráveis, resultando muitas vezes em perturbações físicas, mentais, emocionais, instabilidade financeira, instabilidade afetiva, quebra de vínculos e perdas de maior ou menor vulto. Neste contexto, as pessoas de menor poder aquisitivo e menores possibilidades de estudo e desenvolvimento são expostas a situações de risco ainda maiores, como o desemprego, a violência doméstica, a convivência e ou dependência de álcool e drogas. Estas situações de risco, embora possam acontecer em toda e qualquer classe social, quando somadas à pobreza ou miséria por longos períodos, sem perspectivas de melhoria, podem vir a se tornar sérios fatores de desajuste psicológico e dificuldades de interação.

A procura de respostas para este questionamento existencial resultou em escolhas pessoais e profissionais que passam pelo exercício da criatividade, seja no dia a dia, na procura de novas soluções para situações e problemas, seja na criação de esculturas e outras formas de expressão pela arte, seja no trabalho terapêutico com pequenos grupos, com especial atenção para o trabalho desenvolvido com pessoas de menor poder aquisitivo e menores oportunidades de expressão plena de suas potencialidades. Resultou ainda na necessidade de ampliar meu grau de compreensão da expressão pessoal pela arte, o que me levou à formação acadêmica em arteterapia e psicologia.

A presente dissertação é, pois, uma decorrência natural deste percurso de estudo, trabalho e reflexão pelos caminhos da criatividade, da arteterapia e da psicologia. Partindo da hipótese de que a criatividade e a expressão pessoal possam se constituir como fatores de auto-actualização, foi eleito um percurso: fazer uma imersão no universo de quinze crianças participantes do programa de socialização infanto-juvenil de uma ONG, crianças estas provenientes de camadas menos favorecidas em

termos culturais e financeiros de uma capital brasileira. Tentar perceber, a partir do referencial de cada criança, de que maneira convivem com as limitações que lhes são impostas, que recursos e estratégias utilizam para se manterem saudáveis, de que maneira utilizam a expressão pessoal e a criatividade na sua vida diária.

Para tanto, a metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e procurou principalmente compreender o contexto social e psicológico destas crianças e colher informações que possam vir a ser úteis para outros pesquisadores e profissionais da Psicologia. O que pretendi, em última instância, foi tentar perceber, com os meus olhos e demais sentidos de uma cientista-artista (Giaxa, 2006) se o exercício da criatividade, aliado às seis condições consideradas por Rogers como suficientes e necessárias à mudança terapêutica, poderiam vir a propiciar às crianças um melhor conhecimento de si, o desenvolvimento de sua auto-estima e autoconfiança, bem como recursos de auto-actualização, contribuindo, desta forma, mesmo que em pequena escala, para que estas crianças provenientes de lares menos favorecidos possam vir a ser adultos mais saudáveis.

O cientista-artista é o pesquisador que interage com o mundo e com ele mesmo, ao se permitir perceber, sentir, pensar, agir e voltar à percepção sobre aquilo que foi gerado por sua ação. Esse movimento promove a integração em suas dimensões pessoal, relacional e universal, conduzindo-o em direção oposta ao individualismo da sociedade contemporânea. O artista, que é um técnico, é também sujeito que sente, faz e percebe, atua e padece, e o cientista-artista é o pesquisador que procura aliar sua sensibilidade estética ao rigor científico. (Giaxa, 2006).

Por se tratar de uma tentativa de compreensão de um contexto social e das possibilidades e recursos de pessoas que ali vivem, bem como uma tentativa de

compreensão da minha própria experiência de conviver com estas pessoas no seu ambiente, e não de uma tentativa de comprovação, optei por fazer uma investigação de cunho qualitativo, e utilizar a metodologia heurística de Clark E. Moustakas.

O método heurístico de Moustakas pareceu-me apropriado, primeiramente, porque considera como premissa a necessidade de um engajamento por parte do pesquisador anterior à investigação, e foi exatamente este engajamento da ordem do existencial que manteve a chama do interesse ao longo do percurso, no embasamento teórico, no contato semanal com as crianças e na escrita da dissertação. Em segundo lugar, as fases do método heurístico assemelham-se ao processo criativo, e isto pareceu-me não só pertinente como enriquecedor para a proposta. E em terceiro lugar, o método ressalta a importância de se falar a partir do lugar da experiência. Para Moustakas, assim como para Rogers, ninguém sabe melhor de si do que a própria pessoa, e cabe a nós, enquanto terapeutas ou facilitadores do seu percurso, tentar compreendê-la empaticamente, à luz do ponto de vista e da experiência da pessoa.

Portanto, o relato deste percurso foi feito na primeira pessoa, pois se trata de narrar a experiência pessoal e única de conviver com estas crianças e buscar compreendê-las no contexto em que vivem, a partir do meu lugar de cientista-artista que pensa, sente e cria. Coloquei-me, durante todo o percurso, como uma “observadora vulnerável” aos dados que surgiram, sendo aquela que se percebe percebendo os conteúdos da experiência e que se permite residir na experiência, em contato profundo consigo e com o outro na procura de maior compreensão do vivido.

A investigação englobou estudos teóricos e de campo. O percurso prático foi realizado por meio de oficinas, ao ritmo de dois encontros semanais de 1h30min cada. Ao longo de quatro meses, foram oferecidas 25 oficinas de criação e reflexão,

utilizando recursos expressivos como colagem, desenho, pintura, modelagem com massa plástica, bem como jogos e brincadeiras. Foi priorizado o aprendizado experiencial através da experimentação de materiais diferenciados e possibilidades múltiplas de expressão pessoal, seja pela via da expressão plástica, seja pela via de jogos e brincadeiras, seja pela interação grupal. As oficinas de criação diferem de um processo psicoterápico, embora trabalhem os significados afetivos que surgem ao longo do percurso, e também diferem de um projeto simplesmente pedagógico porque não se trata de transmitir técnicas de expressão criativa. Podem ser consideradas educativas e terapêuticas, e no presente estudo, funcionaram como um recurso propício à expressão pessoal e criativa das crianças.

A fundamentação teórica é apresentada no primeiro capítulo, “Criatividade como Expressão da Tendência Atualizante na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP)”. Contém uma introdução onde busquei contextualizar a investigação, seguida de uma revisão de literatura sobre a evolução do conceito de criatividade ao longo dos tempos e em algumas abordagens psicoterápicas, detendo-se mais especificamente na visão de Carl Rogers, criador da Abordagem Centrada na Pessoa. Aponta algumas variáveis que podem dificultar ou facilitar a expressão criativa, ou seja, as condições internas e externas para o exercício da criatividade, bem como a teoria da personalidade de Carl Rogers, no intuito de construir maior clareza para a questão. Considerei ainda importante abordar os conceitos de tendência atualizante e tendência formativa, que, juntos, constituem a pedra fundamental da Abordagem Centrada na Pessoa. Mereceu especial atenção a questão do aprendizado pela via da experiência e o processo de tornar-se, passos importantes para ser o que realmente se é. Por último, descrevi de forma sucinta duas linhas de trabalho através da expressão criativa: a terapia expressiva centrada na pessoa, de Natalie Rogers, e a arteterapia

pelo modelo junguiano, largamente utilizadas por outros profissionais, no intuito de clarificar diferenças e semelhanças e distingui-las das oficinas de criação adotadas nesta investigação.

O segundo capítulo, intitulado “Procedimentos Metodológicos”, descreve em pormenor o Método Heurístico de Moustakas, suas fases e a maneira como foi aplicado e vivenciado, passo a passo, no decorrer desta experiência de investigação. Explicita primeiramente quais foram os participantes da investigação, os instrumentos utilizados, o procedimento de obtenção de autorizações e garantias éticas resguardadas, para a seguir contemplar o enquadramento teórico e vivencial em cada fase do método, que são: engajamento inicial, imersão, incubação, iluminação, explicação e síntese criativa.

Parece-me pertinente ressaltar que a síntese criativa é um diferencial importante em termos de pesquisa científica. Trata-se de tentar representar a experiência através da expressão criativa, convidando o pesquisador a assumir o lugar de cientista-artista. A partir das mesmas técnicas e materiais experimentados pelas crianças nas oficinas, criei uma peça de origami, um painel e alguns desenhos e colagens. Todas essas expressões foram uma forma de deixar fluir as impressões e sensações do percurso, foram explorações que me ajudaram a tatear em busca dos sentidos e significados da experiência.

Foi assim que, finalmente, surgiu uma escultura em papel, na qual utilizei material reciclado. Trata-se da representação pessoal de um símbolo, uma forma-escultura que, no meu modo de perceber o processo, simboliza e reúne em si o sentido maior e mais profundo desta experiência, presentificando-a para melhor compreendê-la.

A parte final desta dissertação, ao mesmo tempo em que sintetiza os dados colhidos ao longo do percurso e relata os conhecimentos obtidos em relação à hipótese inicial de investigação, é também um exercício de compreensão e explicação da síntese criativa.

A presente dissertação não almeja obter certezas e comprovações, e sim abrir caminhos e suscitar interesse para novas indagações e investigações futuras, minhas e de outros leitores.

## **Criatividade como Expressão da Tendência Atualizante na**

### **Abordagem Centrada na Pessoa - ACP**

Vivemos hoje em um contexto social complexo, em um mundo interligado e interconectado, e cada vez mais, devido ao avanço tecnológico, as notícias atravessam o planeta no justo instante em que os fatos acontecem. Parece haver uma sensação de urgência e um ritmo de vida mais acelerado, os acontecimentos passam por nós sem o devido tempo de assimilação e elaboração em profundidade. Se por um lado somos bombardeados a todo momento com dados e mais dados do noticiário e pressões de toda ordem para nos sentirmos incluídos no sistema social, por outro lado torna-se mais fácil perceber o quanto somos parte de um todo e quanto os nossos atos interferem positiva ou negativamente no planeta.

As inúmeras transformações sócio-políticas e econômicas ocorridas no século XX e no recém-inaugurado século XXI impõem-nos uma necessidade: que nossa visão de mundo se expanda, que seja ao mesmo tempo holística e ecológica, ou seja, que se tente perceber o todo e que haja uma preocupação com os efeitos de cada ação em função da realidade total e com o desenvolvimento sustentável (Medina Filho, 1998). É de crucial importância percebermos que somos responsáveis pelo mundo em que vivemos, e que não somos donos do planeta e da natureza, somos habitantes. Se assim percebermos, certamente agiremos de uma forma criativa e não destrutiva.

Em nome do progresso, do avanço tecnológico e do sistema econômico, o ser humano e valores fundamentais vêm sendo colocados em segundo plano. Estamos inseridos em um contexto global onde predominam a alta competitividade, a necessidade de mais e melhores especializações, e as exigências de maior produtividade a baixo custo que tornaram nossa sociedade predatória (Osório, 1998). O individualismo é a tônica da sociedade contemporânea, cada um que se salve e se imponha para “vencer”.

Atualmente, as empresas já estão sendo convocadas para desenvolver seus produtos dentro de uma lógica de sustentabilidade do planeta, mas também nós, enquanto indivíduos, temos grande responsabilidade quanto ao que consumimos e quanto à forma como consumimos. Goleman (2009) afirma que, na atual crise, não existem vilões ocultos ou grupos clandestinos a conspirar contra o planeta, uma vez que todos fazemos parte de sistemas industriais e comerciais que perpetuam os nossos problemas, e que a inteligência ecológica exige uma consciência compartilhada e esforços coordenados de todos, quer enquanto empresários, quer enquanto compradores e cidadãos.

Muitas são as questões prementes, e dentre estas a miséria, a violência, a desigualdade de oportunidades e de desenvolvimento são uma constante diante da qual sentimo-nos quase sempre impotentes e fragilizados para atuar. Diante desta natureza de problemas, é usual as pessoas deterem-se na queixa, na insatisfação; esta, no entanto, pode vir a ser a primeira etapa de um processo criativo para a transformação daquela realidade. A partir do que falta, a pessoa pode optar: ou fica na queixa ou busca as soluções.

Já em 1952, Rogers atentava para a importância da criatividade e a necessidade social de um comportamento criador, o que o levou a propor em seu livro *Tornar-se Pessoa* (1961) o que ele denominou de “tentativa de uma teoria da criatividade – a natureza do ato criativo, as condições em que este pode ocorrer e a forma como ele pode ser construtivamente desenvolvido”, tendo ressaltado que esta teoria poderia vir a servir de estímulo e orientação para posteriores estudos de investigação.

Ao discorrer sobre a necessidade social de pessoas criativas, Rogers apontou para alguns setores que considerava falhos, entre eles o sistema educacional, onde me parece haver até hoje uma tendência para transmitir e acumular conhecimentos teóricos, em detrimento da experiência vivencial, o que resulta em gerações de pessoas distanciadas da sabedoria orgânica e, segundo Rogers, formatadas para “serem conformistas e estereotipadas, em vez de pensadores livremente criativos e originais.”

Apenas a título de demonstrar o grau de atualidade de suas palavras, resalto que ele fez um alerta importante no sentido de que um povo passivo e tradicional não pode fazer face às múltiplas questões e problemas atuais e que é imprescindível que indivíduos, grupos e nações sejam capazes de imaginar, construir e rever de maneira criativa as formas de estabelecer relações com as complexas mutações em todos os níveis da sociedade contemporânea.

Esta dissertação propõe uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar a criatividade como um recurso de expressão pessoal consciente e integrado, um exercício de se perceber, perceber os outros e o contexto social com um olhar mais atento e consciência crítica, o que pode resultar em soluções diferenciadas para questões individuais e coletivas. Convida a pensar a criatividade como fator de uma possível saída para o desenvolvimento de uma cidadania com consciência.

Enquanto profissionais da Psicologia, podemos ser instrumentos para que as pessoas compreendam melhor a si mesmas, o contexto em que estão inseridas e se apropriem de seu valor enquanto pessoas.

Não se trata, no entanto, de uma postura ingênua de acreditar que podemos mudar realidades macrossociais, e nem de desanimar diante da constatação de que, em grande parte, nossas vidas são determinadas por políticas decididas no âmbito do macro.

O desenvolvimento da consciência crítica nos indivíduos não é suficiente para a transformação da sociedade, mas é imprescindível para que esta ocorra. E, enquanto profissionais da Abordagem Centrada na Pessoa, aprendemos a confiar no potencial das pessoas e na tendência atualizante inerente a todo organismo, que lhes permitirá buscar e encontrar saídas para o seu desenvolvimento, mesmo em contextos menos favorecidos.

A questão da criatividade e da expressão pessoal como ferramentas de sobrevivência saudável na sociedade contemporânea, e em especial o enfrentamento de uma realidade de desigualdade social há já alguns anos me mobiliza, e por este motivo a presente dissertação de mestrado tem as seguintes perguntas norteadoras: O que torna uma pessoa saudável em um contexto social potencialmente restritivo? Como a criatividade pode contribuir para o afloramento de suas potencialidades?

### O Conceito de Criatividade ao Longo dos Tempos

A criatividade tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, devido à sua complexidade e importância para o ser humano. As definições mais antigas sobre

criatividade vêm do latim *creare* = fazer e do grego *krainen* = realizar. O conceito ou conceitos sobre a criatividade modificaram-se ao longo dos tempos. O tema já aparece em textos gregos e judaico-cristãos antigos. Era a princípio uma abordagem mística. Depois, à época do Renascimento, estava intimamente ligada à expressão artística, literária, filosófica e científica. Com Descartes (1596/1650), tivemos o dualismo mente-corpo, em que as ideias seriam alguma coisa inata, fruto de uma intuição muito desenvolvida. Darwin exerceu grande influência no conceito de criatividade com sua teoria evolucionista. A partir de Darwin, a criatividade passou a ser vista como força criadora inerente à vida. Algumas abordagens biológicas apontaram para a possibilidade de a criatividade ter origem genética.

Wechsler, em seu livro *Criatividade: descobrindo e encorajando* (2002), relaciona diversas abordagens filosóficas, biológicas, psicológicas, psicoeducacionais, psicofisiológicas e sociológicas e demonstra como persistem ainda hoje no imaginário das pessoas alguns mitos e preconceitos relacionados aos diversos modos de tentar compreender a criatividade. Para muitos, a criatividade restringe-se à criação no domínio das artes plásticas e literárias ou tem a ver com uma certa genialidade. Para outros, a criatividade seria algo inato, um dom especial, de origem genética, ou ainda alguma coisa da ordem do divino. Há também os que associam a criatividade a alguma espécie de desajuste, e, quando ligada à arte, a uma forma de loucura.

Abordaremos a seguir algumas teorias e conceitos sobre criatividade surgidas no Século XX e que perduram até os nossos dias.

Na visão gestaltista, ao criar, o indivíduo percebe o problema como um todo, as forças e tensões ali contidas, e tenta achar a melhor solução para restaurar a

harmonia do todo. Em suma, a pessoa criativa estaria sempre à procura de soluções para falhas na informação, ou o fechamento de uma forma incompleta. A solução para um problema surgiria em forma de um clique ou *insight*, de maneira repentina e de forma inusitada, não podendo ser explicada pela simples associação ou pela aprendizagem de ensaio e erro.

Também nesta linha de pensamento temos um dos grandes estudiosos da educação na área da criatividade, Paul Torrance, que definiu a criatividade como “o processo de tornar-se sensível às falhas, deficiências ou desarmonias na informação; identificar os elementos faltantes; formular hipóteses a respeito das deficiências encontradas; testar e retestar essas hipóteses e, por último, comunicar os resultados encontrados” (Torrance, 1965, citado por Wechsler, 2002, p. 40).

Da corrente cognitivista, temos Guilford (1967), que trouxe uma grande contribuição para o entendimento do conceito sobre criatividade, ao propor um estudo sobre as operações que o indivíduo desenvolve ao pensar, o conteúdo sobre o que ele pensa e os produtos resultantes do ato de pensar. Exemplificando, executamos algumas operações, tais como: cognição (discernimento, consciência, compreensão), memória, produção convergente (formulação de conclusões lógicas a partir de informações).

Para Guilford, a abertura para a criatividade estaria no exercício da produção divergente, ou seja, a formulação de alternativas variadas e a procura de diferentes soluções para um problema, a partir de uma informação. O pensamento divergente ocorre quando nos abrimos para quatro habilidades: fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração.

A fluência possibilita gerar grande número de idéias. Exemplificando, se eu quero pintar uma parede, a fluência me permite pensar sobre todas as possibilidades de cores, texturas, bordas, efeitos especiais. Já a flexibilidade permite buscar novas direções para o pensamento, o enfoque do problema sob diversos ângulos. Se a questão, por exemplo, for encontrar um jeito de tornar um espaço mais aconchegante, a pintura na parede pode ser considerada como apenas um dos itens. A flexibilidade vai possibilitar a busca de soluções as mais diversas, desde o mobiliário, a pintura na parede, até os acessórios. A originalidade relaciona-se com a produção de soluções diferentes ou incomuns, a originalidade implica dar um salto mental, ir além do óbvio. A elaboração é a habilidade de planejamento e organização, do detalhamento para que as ideias se concretizem. É uma característica importante a ser desenvolvida, pois muitas ideias brilhantes perdem-se por falta de detalhamento e estudo posterior para torná-las viáveis.

Todd Lubart, Professor de Psicologia na Universidade René Descartes, Paris 5, em seu livro *Psicologia da Criatividade* (2003), aponta uma definição nos termos da atualidade, e que é relativamente consensual: “A criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto no qual ela se manifesta” (Amabile, 1996; Barron, 1988; Lubart, 1994; Mackinnon, 1962; Ocshe, 1990; Sternberg & Lubart, 1995).

Atualmente entende-se que a criatividade não se limita ao campo das artes plásticas ou da pesquisa científica e tecnológica. Ela nos é exigida no nosso contexto diário, seja na família, na escola, no trabalho, em situações de lazer, dentre outras. Por isso, pode também ser compreendida como uma habilidade para a resolução de problemas.

Neste trabalho, interessa-nos mais de perto o pensamento das teorias humanistas, nomeadamente o pensamento de Carl Rogers, que detalharei a seguir. Nas teorias humanistas, a criatividade é vista como tendência do ser humano à auto-realização. Para tanto, é preciso que a pessoa esteja aberta às novas experiências, seja flexível em seus comportamentos e pensamentos, confie em seus sentimentos e percepções, busque sua auto-realização desfrutando o momento presente ou transformando-o quando necessário.

### Condições Internas para o Exercício da Criatividade

Rogers define o ato de criar como um processo de um indivíduo que é único: trata-se “da emergência na ação de um novo produto relacional que provém da natureza única do indivíduo, por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias da sua vida, por outro” (Rogers, 2001, p. 406). Esclarece que para ele não existe uma diferença fundamental no processo criativo, quer ele resulte em alguma obra de arte, na música, no desenvolvimento de um produto ou teoria científica, ou ainda na criação de novos processos que desenvolvam a personalidade. A criatividade pode ser utilizada tanto para ações construtivas como para ações destrutivas, dependendo do momento e da necessidade. Acrescente-se a tudo isto a resolução de maneira original e criativa de problemas do cotidiano.

Rogers considera que a causa principal da criatividade parece ser a tendência do homem para se realizar, para vir a ser as suas potencialidades; o indivíduo cria primariamente porque isto o satisfaz, porque este comportamento é por ele sentido como auto-realização. Trata-se de uma tendência direcional, no sentido da expansão,

do desenvolvimento e do amadurecimento, uma tendência para exprimir e pôr em ação todas as capacidades do organismo. “É esta tendência a motivação primária da criatividade quando o organismo forma novas relações com o ambiente num esforço para ser mais plenamente ele próprio” (Rogers, 2001, p. 407).

Tal como a tendência atualizante necessita de condições para a sua manifestação plena, a criatividade aflora mediante algumas condições internas e externas.

Rogers (1961) aponta na pessoa criativa algumas características, como: abertura à experiência, que implica em perda de rigidez e permeabilidade maior nos conceitos, nas opiniões, nas percepções e hipóteses; maior tolerância às ambigüidades; confiança nos próprios pensamentos e sentimentos; um centro interior de avaliação; capacidade para lidar com elementos e conceitos. Aliado aos traços de personalidade, encontramos o componente emocional, que é a motivação para criar, a paixão pela tarefa ou a coragem de ousar.

Portanto, o indivíduo criativo abre-se a novas percepções, é curioso e dispõe-se a deixar fluir suas ideias na busca de soluções, permitindo-se maior flexibilidade para reformular o problema até encontrar uma solução satisfatória, mesmo que ela não seja muito comum. E essa fluência e flexibilidade, aliadas à ousadia de tentar soluções diferentes, impulsionam e alimentam sua criatividade.

Para tanto, parece ser de fundamental importância que ele se conheça e se aceite, que confie no seu centro interior de avaliação. Uma das características do indivíduo criativo é justamente ter ideias pouco comuns, ainda não pensadas pela maioria. Além disso, é ele quem percebe primeiro as falhas do sistema, sente que precisam ser corrigidas e, para isso, precisa confiar em seu centro interior de avaliação, sustentar seu pontos de vista e ter independência de opinião, sem perder a abertura à opinião dos demais.

Criar envolve a coragem de caminhar por caminhos inusitados, por soluções que outros não pensaram, por experimentar tanto a certeza da descoberta quanto a solidão que isto representa. Naquele momento, aquela pessoa está absolutamente só e precisa confiar em si.

É nesse ponto que a arte pode ajudar, embora não seja a única forma de expressão da criatividade. A arte, segundo Osório (1997), define-se pela diversidade, por propor algo que é pessoal e único. A arte convida que a pessoa entre em contato consigo, que se aceite na sua expressão única e que exerça sua singularidade.

#### Condições Externas para o Exercício da Criatividade

Muitas vezes, para que a pessoa entre em contato consigo e se aceite na sua expressão única, é preciso percorrer um caminho que lhe permita vencer algumas barreiras que se impõem ou algum distanciamento da sua sabedoria orgânica.

Na abordagem centrada na pessoa, aprendemos a confiar que um ambiente que propicie condições psicológicas de segurança e liberdade pode vir a facilitar em muito esse contato da pessoa consigo, contato que gera mudanças na personalidade. E, segundo Rogers (2001), pode também facilitar a emergência da criatividade construtiva.

A segurança psicológica pode advir de três processos associados: aceitação da pessoa como um valor incondicional, estabelecer um clima em que a avaliação exterior esteja ausente e uma atitude de compreensão empática.

Segundo Rogers, “sempre que um professor, um pai, um terapeuta ou qualquer pessoa com a função de facilitar o crescimento sente profundamente que o indivíduo é um valor específico e original, seja qual for a sua condição presente ou seu comportamento, está favorecendo a criatividade” (Rogers, 2001, p. 415).

Sentindo-se acolhido na sua individualidade, o indivíduo aprende gradualmente que pode ser verdadeiramente aquilo que é, sem máscaras ou fachadas, ou distorcendo a realidade para ser aquilo que os outros colocam como condição para aceitá-lo. O indivíduo assim compreendido sente menos necessidade de rigidez e pode tentar realizar-se a si mesmo em novas formas espontâneas.

A segunda condição facilitadora do processo de autoconhecimento e aceitação da expressão criativa é deixar de emitir juízos de valor sobre a outra pessoa ou sobre sua produção a partir do nosso próprio centro de avaliação. Isto porque a avaliação representa sempre uma ameaça e pode despertar na pessoa a necessidade de se defender, gerando distorções na percepção da qualidade e genuinidade da expressão criativa. Se o facilitador se abster de considerar a obra como boa ou como má, a pessoa poderá se sentir mais aberta à própria experiência e torna-se mais capaz de atender a um centro interno de avaliações (Rogers, 2001).

A compreensão empática, aliada às duas condições anteriores, pode vir a favorecer a segurança psicológica. A compreensão empática permite-nos tentar perceber o mundo do outro a partir do ponto de vista dele, e ele, sentindo-se aceito sem julgamentos e compreendido na sua essência, pode permitir-se o acesso a todas as suas experiências e conviver mais plenamente com seu eu-real. Desenvolverei algumas destas noções mais adiante, ao abordar as questões da tendência atualizante e a formação do *self* na teoria da personalidade de Rogers.

Quanto à liberdade psicológica, o entendimento de Rogers é de que, quando um professor, os pais, ou outra pessoa na função de facilitadora do processo de expressão criativa permitem a liberdade de expressão simbólica, estarão favorecendo a criatividade. É uma liberdade para experimentar e brincar com as próprias ideias, o jogo espontâneo de associar percepções, conceitos e significações, enfim, uma liberdade para deixar fluir as possibilidades da expressão criativa.

### Teoria da Personalidade Segundo Carl Rogers

Falou-se, no presente trabalho, sobre organismo, experiência e sabedoria organísmica. Falou-se ainda sobre a possibilidade de conviver melhor com o eu-real a partir de uma melhor compreensão de si e das próprias experiências. Para explicitar um pouco melhor o que foi dito e interligar com a questão da criatividade e liberdade de expressão pessoal, destaco e comento a seguir algumas das dezenove proposições que compõem a Teoria da Personalidade de Carl Rogers.

*Todo indivíduo existe num mundo de experiências, em permanente mudança, do qual é o centro (Rogers, 1951, trad. 2004, pp.487-488).*

Este mundo interno pode ser designado como campo fenomenal ou campo experiencial e inclui tudo o que é experimentado pelo organismo. Apenas uma pequena parcela dessa experiência é conscientemente experimentada, pois muitas das nossas sensações sensoriais e viscerais não são simbolizadas. Potencialmente cada indivíduo é único para conhecer na íntegra seu próprio campo fenomenal.

Contudo, uma vasta área desse mundo de experiência está disponível à consciência e pode tornar-se consciente se a necessidade do indivíduo determinar que certas sensações passem a um primeiro plano para satisfazer a esta necessidade.

Esse mundo privado do indivíduo só pode ser conhecido de forma autêntica e integral pelo próprio indivíduo. Nenhum tipo de teste consegue detectar ou medir como a experiência é percebida pelo indivíduo. O mundo da experiência é, para cada indivíduo, de forma muito significativa, um mundo privado.

*O organismo reage ao campo perceptivo tal como este é experimentado e percebido. O campo perceptivo é, para o indivíduo, “realidade” (Rogers, 2004, pp. 488-490).*

O indivíduo não reage a nenhuma realidade absoluta, mas à sua percepção dessa realidade. Essa percepção é que é a realidade para ele. Cada percepção é essencialmente uma hipótese – uma hipótese relativa à necessidade do indivíduo – e muitas dessas hipóteses são testadas e retestadas pela experiência. O mundo torna-se, desta forma, uma série de hipóteses confirmadas que suscitam confiança e que adquire uma certa previsibilidade da qual dependemos.

Mas, associadas a estas percepções, confirmadas por experiências variadas, existem percepções que se mantêm fora de qualquer confronto. Estas percepções não confirmadas também fazem parte da nossa realidade pessoal e podem ter tanta força como as que foram confirmadas. O campo perceptual é a realidade a que o indivíduo reage. E quando a percepção se modifica também se modifica a resposta do indivíduo.

A partir da proposição de número 8, Rogers introduz a noção de *self*, que me parece ser de especial importância para a compreensão do presente tema de investigação.

*Uma parte do campo total da percepção vai-se diferenciando gradualmente como “self” (Rogers, 2004, pp. 501-502).*

*Como um resultado da interacção com o ambiente e, de modo particular, como resultado da interacção valorativa com os outros, forma-se a estrutura do self – um padrão conceptual, organizado, fluido, coerente de percepções, de características e relações do “eu” ou de “mim”, juntamente com valores ligados a esses conceitos.*

*Os valores ligados à experiência e os valores que fazem parte da estrutura do self são, em alguns casos, experimentados directamente pelo organismo, e noutros casos são valores introjetados ou tomados dos outros, mas percebidos de uma forma distorcida, como se fossem experimentados directamente (Rogers, 2004, pp. 502-506).*

A criança, na medida em que entra em interacção com o ambiente, passa a formar conceitos sobre si, sobre o ambiente, e sobre si em relação ao ambiente. Embora esses conceitos sejam não verbais e possam não estar presentes na consciência, funcionam como princípios orientadores. Intimamente associada a todas estas experiências está uma valorização organísmica directa que se revela importante para a compreensão deste processo.

A criança muito pequena hesita em fazer apreciações. Ao mesmo tempo, desponta a consciência de “eu experimento” e “eu gosto”, “não gosto”. Estas proposições apresentam descrições adequadas da experiência da criança, muito embora ela ainda não disponha dos símbolos verbais que nós empregamos. Parece valorizar as experiências que percebe como positivas para o seu desenvolvimento e atribuir um valor negativo àquelas que parecem ameaçá-la ou que não a defendem nem desenvolvem.

Neste quadro introduz-se rapidamente a avaliação do *self* pelos outros: as experiências sociais e as avaliações feitas pelos outros significativos tornam-se parte do seu campo fenomenal. Nesta fase do desenvolvimento pode ocorrer ou uma simbolização distorcida ou uma rejeição da experiência pela consciência, o que pode vir a provocar desadaptações psicológicas futuras.

A criança pode passar a ignorar informações provenientes da experiência e do seu *self* e adotar como suas as valorações provenientes de pessoas significativas (os pais, por ex.), introjetando como verdade o que eles enunciam a seu respeito (você é mau, é inadequado, é feio etc.). Desta forma, os valores que a criança liga à experiência divorciam-se muito cedo de seu próprio funcionamento orgânico e a experiência é avaliada com base nas atitudes dos pais ou outras pessoas significativas em relação à experiência.

Rogers entende que o retorno à sabedoria orgânica e mudanças construtivas de personalidade podem ser gradualmente conquistadas em contexto terapêutico em que estejam presentes as seis condições que ele considera como suficientes e necessárias. Entende também que a causa principal da criatividade parece ser a mesma tendência que ele descobriu em níveis mais profundos como a força curativa da psicoterapia: “a tendência do homem para se realizar, para vir a ser as suas potencialidades” (Rogers, 2001, p. 407). Acredito que a expressão pessoal pelo exercício da criatividade também pode contribuir e muito desde a mais tenra idade para o retorno ao *self* real, uma vez que o ato de criar pode ser compreendido como experiencial, pré-verbal e pré-simbólico.

Cabe aqui ressaltar que os contextos de risco e vulnerabilidade social em que vivem as crianças com as quais pretendo trabalhar podem conter mensagens

distorcidas e nocivas ao desenvolvimento do *self* destas crianças. Acredito ainda que, pelo exercício da criatividade, em contexto de segurança e liberdade psicológicas, estas crianças poderão minorar essas distorções e aumentar a possibilidade de se tornarem adultos mais saudáveis, conscientes e integrados.

### Tendência Formativa e Tendência Atualizante dos Organismos

O livro *A way of being* foi escrito em 1980, quando Rogers já havia percorrido um longo caminho profissional e experiencial. Encontramos neste livro um capítulo que ele diz ter escrito com real satisfação. Intitula-se *Os fundamentos de uma abordagem centrada na pessoa* e nele Rogers destaca expressamente duas tendências que tiveram uma importância cada vez maior em seu pensamento: “Uma delas é a tendência à atualização, uma característica da vida orgânica. A outra é a tendência formativa, característica do universo como um todo. Juntas, elas constituem a pedra fundamental da abordagem centrada na pessoa” (Rogers, 2007, p.38).

Neste mesmo capítulo, Rogers afirma que a hipótese central da Abordagem Centrada na Pessoa é a que se segue:

Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras (Rogers, 2007, p. 38).

Segundo Rogers, em cada organismo há um fluxo subjacente de movimento em direção à realização construtiva das suas potencialidades e uma tendência natural à complexificação. Na sua Teoria da Personalidade, Rogers defende o postulado de

que há uma tendência do organismo para se conservar a si mesmo – para assimilar alimentos, para comportar-se defensivamente em face da ameaça, para realizar o objetivo da autoconservação. Há uma tendência do organismo para se deslocar em direção à maturidade, diferente para cada espécie. Isto envolve uma auto-realização, mas é também direcional. O organismo realiza-se a si mesmo na direção de uma maior diferenciação de órgãos e funções. Também se move em direção a uma maior independência e auto-responsabilidade. Isto é verdade tanto para processos orgânicos inconscientes, como a regulação da temperatura do corpo, quanto para funções intelectuais como a escolha dos objetivos de vida.

Mesmo quando o organismo encontra um ambiente desfavorável e condições adversas, ele encontra formas de manutenção da vida, desenvolvimento e reprodução. A tendência atualizante pode ser frustrada ou desvirtuada, quando não existem as condições facilitadoras do seu desenvolvimento pleno, mas não pode ser destruída sem que se destrua também o organismo.

A auto-realização do organismo manifesta-se na direção da socialização. Brodley (1999), citada por Elizabeth Freire em seu estudo de revisão da literatura sobre a tendência à atualização, aponta algumas características da tendência atualizante, entre elas a natureza pró-social do ser humano. Os aspectos pró-sociais da tendência atualizante, segundo Brodley são:

Capacidade para identificação que leva a sentimentos de simpatia por outras pessoas, capacidade para empatia, tendência para afiliação, vinculação, comunicação, cooperação e colaboração social, capacidade para formação de regras morais e éticas e a tendência para se esforçar e viver de acordo com estas regras (Brodley, 1999, citada por Freire, s.d., p. 6).

Há que se considerar que o contexto social e cultural em que as pessoas estão inseridas pode contribuir ou interferir para a expressão plena da socialização. O presente trabalho busca compreender como as crianças participantes das nossas oficinas lidam com um contexto potencialmente restritivo de suas possibilidades enquanto pessoas, como se mantêm saudáveis, e se a criatividade pode contribuir de alguma maneira para o desenvolvimento, não só das suas potencialidades enquanto pessoas únicas, como também enquanto pessoas inseridas neste contexto.

Brodley (1999), segundo Freire, considera que o comportamento de uma pessoa decorre de características inatas e aprendidas, de circunstâncias de sua vida, e que a interação da tendência atualizante com esses outros fatores pode ou não resultar em comportamentos organismicamente construtivos, no que a sociedade considera como construtivos. Mas a tendência atualizante persiste mesmo quando as condições são menos favoráveis, como Rogers ressaltou no tão conhecido relato do florescimento das batatas na escuridão do porão de sua casa.

### O Valor do Aprendizado Pela Via da Experiência

Segundo Rogers (1980), parece existir no universo uma tendência formativa que pode ser observada em qualquer nível, e que essa tendência vem recebendo muito menos atenção do que merece.

Para o presente exercício de compreensão, parece-me importante refletir sobre o fato de estarmos inseridos numa ordem maior, universal, que rege todos os organismos. Rogers (1980) atenta para o fato de que há no universo tanto o

fenômeno da entropia quanto o da sintropia, visível nos níveis inorgânico e orgânico, e também evidente no ser humano.

Paulo Coelho Castelo Branco, em *Humanismo de Funcionamento Pleno*, observa que Rogers (Tambara & Freire, 1999, Rogers, 1980) refina o conceito de sintropia, elaborado por Szent-Gyorgyi, “ao perceber que, assim como todo organismo vivo tende à complexidade e à ordenação de forma crescente, também isso se faz presente em todo o universo, nas estrelas e nos elementos não-orgânicos” (Castelo Branco, 2008, p. 68). Quando esse estado sintrópico manifesta-se nos seres vivos e nos compostos orgânicos, é denominado de tendência mórfica por Lancelot Whyte (Rogers, 1980).

Cavalcante (2008) lembra-nos que, para Rogers, tudo que existe, incluindo os seres humanos, está em processo de tornar-se, devido ao princípio da sintropia, que tem também propriedades morfológicas. O universo forma-se e reforma-se em constante movimento, e nós fazemos parte desse todo maior. Enquanto indivíduos, somos microcosmos desse processo total, com capacidade de atualização dos nossos potenciais, desde que estejamos abertos às nossas experiências, a nós mesmos, atentos à sabedoria do nosso organismo.

Quando utilizo o termo experiência, quero me referir aos dados imediatos do que acontece aqui e agora, e não ao acumular de experiências ou de conhecimentos do vivido no passado. Para Rogers, “esta noção se refere a tudo que se passa no organismo em qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência. (...) A noção de experiência engloba tanto os acontecimentos de que o indivíduo é consciente quanto os fenômenos de que é inconsciente” (Rogers, 1977, p. 161).

No presente trabalho, já me referi à “sabedoria organísmica”, que seria a escolha pré-verbal, pré-simbólica, subconsciente do organismo humano, guiada pelo fluxo evolutivo, e que muitas vezes ignoramos. Para tanto, é preciso considerar o princípio da experiência, não só como o vivido aqui e agora, como também como a “presentificação do ser, pessoa que é vida em trans-form-ação” (Cavalcante, 2005).

E Rogers (1980) indaga-se sobre qual seria o papel desempenhado por nossa consciência nessa função formativa, ressaltando que a capacidade de prestar atenção consciente parece ser uma das etapas evolutivas mais recentes da espécie humana. A consciência, ou capacidade de simbolização, representaria uma parcela minúscula, se comparada ao funcionamento não consciente do organismo. O fluxo da vida existe e prossegue, anterior ou independentemente de tomarmos consciência dele.

Rogers (1977) entende que a consciência corresponde à representação ou à simbolização - não necessariamente verbal - de uma parte da experiência vivida. Esta simbolização pode se dar em graus diferenciados de intensidade, dependendo do nosso foco naquele momento. Quando uma experiência é simbolizada sem dificuldade, está em consonância com a imagem que fazemos de nós mesmos, com o nosso “eu”. Quando esbarra em defesas, quando está em desacordo com esta imagem, há uma tendência para a distorção ou negação da realidade. Como já foi dito anteriormente neste trabalho, a realidade é, para cada pessoa, aquilo que ela percebe.

Segundo Cavalcante (2008), Rogers observou que as pessoas têm uma tendência para tentar moldar e controlar as pessoas e fatos da sua vida, distorcendo a realidade para torná-la mais de acordo com a sua forma de percebê-las, em vez de simplesmente deixar que as pessoas e as coisas sejam o que ou quem elas são, pois é

somente desta forma que elas se transformam. Trata-se de estar na experiência, ao invés de observá-la, tentar analisá-la ou mesmo moldá-la.

As pessoas não devem dar forma ao crescimento: elas devem permitir a si mesmas serem formadas pelo crescimento. (...) As pessoas são, por seus princípios de natureza, auto-renováveis, auto-transcendentes e auto-transformadoras. Uma pessoa saudável, em pleno funcionamento, é uma pessoa no processo de tornar-se (Cavalcante, 2008, p. 24).

Outro ponto importante a ser considerado é que, quando a pessoa compreende que está em contínuo fluxo de experiências, quando se dispõe a vivê-las sem receio, quando se abre para aceitar-se em processo de tornar-se, está a caminho de ser uma pessoa em funcionamento pleno.

### O Processo de Tornar-se

Rogers (2001) diz que, abaixo do nível da situação-problema que a pessoa traz para uma relação terapêutica, parece haver uma questão central, que é ser ela mesma. E que, para chegar a ser ela mesma, percorre um caminho, um processo de vir a ser o que, no fundo, ela é. Por vários motivos e circunstâncias, naquele momento inicial do percurso, aquela pessoa está em sofrimento por alguma incongruência.

Na visão de Rogers, uma vez oferecidas a esta pessoa as condições para que ela sintasse aceita, respeitada incondicionalmente e compreendida, é criado um clima de segurança emocional e liberdade psicológica, podendo ocorrer um processo que lhe possibilitará deixar aflorar a pessoa que ela é.

De início, há muitos medos e resistências para aceitar integralmente a própria experiência. Aos poucos, a pessoa vai abandonando as máscaras e papéis que desempenhou na vida até o momento. Examina primeiro as máscaras de que tem consciência, os padrões que reconhece em si. Neste estágio do processo, muitos dos comportamentos e sentimentos da pessoa não parecem fluir das reações genuínas do seu organismo, parecem atender a uma visão idealizada de si mesma, a pessoa responde ao que pensa que deveria ser. Geralmente tem referenciais externos, tenta responder às expectativas dos outros, ou ao que ela imagina que sejam as expectativas dos outros. Rogers diz, a esse respeito:

Fico admirado em constatar quão acuradamente o filósofo dinamarquês, Soren Kierkegaard, ilustrou o dilema do indivíduo há mais de um século, com um insight psicológico aguçado. Ele destaca que o desespero mais comum é estar desesperado por não escolher, ou não estar disposto a ser ele mesmo; porém, a forma mais profunda de desespero é escolher 'ser outra pessoa que não ele mesmo'. Por outro lado 'desejar ser aquele eu que realmente se é, constitui na verdade o oposto do desespero', e esta escolha constitui a mais profunda responsabilidade do homem (Rogers, 2001, p. 124).

O que se observa é que a pessoa que está distanciada de si mesma sofre profundamente e muitas vezes não consegue perceber o que, exatamente, está errado em sua vida, e geralmente aponta para fatos, pessoas, situações, adoecimentos, ou seja, coloca o problema fora de si. E por vezes deseja que o terapeuta lhe dê uma receita ou solução. Parece-lhe difícil e até mesmo ameaçador admitir que tem uma parcela grande de responsabilidade pelos seus atos, sentimentos e pensamentos. E que pode experienciar suas atitudes plenamente.

Aos poucos, na segurança da relação terapêutica, a pessoa percebe que ela “é seu medo, ou é sua raiva, ou é sua ternura, ou o que quer que seja” (Rogers,2001, p.126). Permite-se a pouco e pouco vivenciar a pessoa que é e reconhecer a riqueza que existe em si, e parece compreender que “o eu verdadeiro é algo que se descobre tranquilamente por meio da própria experiência e não algo imposto sobre esta” (Rogers, 2001, p.129). Este, no entanto, embora rico e compensador, não é um percurso muito fácil, pelo contrário, é doloroso e sofrido retirar as máscaras e a imagem idealizada de si mesmo.

Segundo Rogers (2001), a pessoa que aflora, ao término do percurso, apresenta algumas tendências características: tem maior abertura à experiência, mais confiança no próprio organismo, passa a fazer escolhas e a tomar decisões de acordo com um foco interno de avaliação, e experimenta o desejo de ser um processo em vez de ser um produto.

Encaminha-se, pois, para a autonomia. Torna-se responsável por si mesma, assume a responsabilidade por suas escolhas e também pelas consequências. Aliás, aprende que nem sempre faz escolhas felizes e aprende com as consequências destas escolhas menos felizes também. À medida que aprende a confiar no próprio organismo e passa a utilizar o seu referencial interno, permite-se rever valores e conceitos que adotou como seus, e permite-se também a possibilidade de errar e aprender com seus erros e acertos. Sai então da rigidez para um estado de fluidez, com maior abertura e aceitação de suas experiências. Vir a ser o que se é implica processo, e processo significa fluidez.

## A Pessoa em Funcionamento Pleno e a Expressão Criativa

A pessoa criativa parece apresentar as mesmas características da pessoa em funcionamento pleno. Vejamos o que Rogers (2001) considera como características da pessoa criativa: abertura à experiência, maior tolerância às ambiguidades, confiança nos próprios pensamentos e sentimentos, um centro interior de avaliação, e capacidade para lidar com elementos e conceitos.

Parece-me que a pessoa, quando passa a ser ela mesma, torna-se naturalmente criativa, pois confia em si e nas suas percepções, e ousa experimentar. Por criatividade entendo a expressão da nossa natureza única, nas mais diversas situações do nosso cotidiano. Portanto, ao me referir à criatividade, não me restrinjo à expressão pela arte.

A partir da reflexão sobre os conceitos de tendência atualizante, sabedoria orgânica, experiência, pessoa em funcionamento pleno e criatividade, optei por trabalhar com as crianças de uma ONG de minha cidade através de oficinas de criação, oferecendo-lhes, além das condições de liberdade e segurança psicológica, materiais diversos para a expressão criativa pela arte.

Isto porque, embora perceba que a criatividade não se restringe à expressão pela arte, aprendi, ao longo da minha vida pessoal e profissional, que a arte é uma poderosa aliada para a simbolização da experiência em nível pré-verbal, facilitando o acesso consciente da experiência. Optei ainda por trabalhar com jogos e brincadeiras, pois o brincar e o interagir são de fundamental importância para o desenvolvimento do potencial criativo.

## Oficinas de Criação e Terapias pela Arte: qual a Diferença?

Parece-me importante esclarecer o que denomino oficinas de criação e o que as distingue de algumas formas de terapia, como a Arteterapia, a Ludoterapia na ACP e a Terapia Expressiva Centrada na Pessoa ou Conexão Criativa, de Natalie Rogers. Tenho formação acadêmica em Artes Plásticas, tendo me especializado em escultura, em Arteterapia segundo o modelo junguiano, pós-graduação em Arte-educação e na Psicologia identifico-me com a Abordagem Centrada na Pessoa. Esse percurso vivencial-teórico permite-me hoje alguma intimidade com a expressão criativa e com algumas possibilidades de facilitação do processo de criar.

A arteterapia segundo o modelo junguiano e a terapia expressiva de Natalie Rogers, no meu modo de percebê-las, têm muitas semelhanças e algumas diferenças. Assemelham-se no entendimento de que se trata de um processo a ser vivenciado, e que se deve propiciar uma variedade ampla de possibilidades de expressão, seja pelos materiais plásticos, seja pelo movimento corporal. Propõem ainda que se instaure um clima de segurança psicológica e que o resultado estético da expressão criativa não é o que interessa, não há um produto a ser almejado. Ambas entendem que cabe à própria pessoa apropriar-se do que cria, conferindo-lhe significado.

Diferem no entendimento quanto ao conteúdo simbólico. Enquanto a arteterapia segundo o modelo junguiano entende que há no indivíduo uma estrutura psíquica, em que o inconsciente funciona como uma espécie de vasto repositório de onde emergem as formas e símbolos, e um inconsciente coletivo onde os símbolos que emergem na expressão criativa ancoram, a terapia expressiva centrada na pessoa admite que há conteúdos inconscientes, mas não uma estrutura de personalidade.

Jung acreditava que o inconsciente continha não apenas conteúdos de caráter negativo, que deveriam ser reprimidos, mas também conteúdos de caráter positivo, qualidades que a pessoa não reconhece em si, e nisso o entendimento de Rogers é bastante similar, quando diz que a pessoa ignora aspectos da sua experiência que não correspondem à imagem idealizada que faz de si mesma, ou *self* ideal. Embora o entendimento seja similar, não é igual, pois enquanto o arteterapeuta junguiano guarda todas as produções para analisá-las junto com o cliente depois de algum tempo de percurso terapêutico, e procura compreender e interpretar os símbolos que emergem, o arteterapeuta expressivo centrado na pessoa não analisa nem interpreta, limita-se a criar um clima de segurança psicológica que permita à pessoa confrontar-se com suas experiências e transformá-las a seu tempo e ritmo, sem interpretar ou almejar resultados.

Diferem em outros tantos pontos conceituais, mas no âmbito desta dissertação vou me ater aos pontos de semelhança e diferença para a expressão criativa.

Ângela Philippini (1998) observa que há inúmeras formas de conceituar arteterapia e que uma forma seria dizer que se trata de terapia através da arte. Ressalta, no entanto, que arte neste contexto referencia o processo expressivo que acontece por meio da sensorialidade e da materialidade, ou seja, através de texturas, cores, formas, volumes, linhas que são colocados à disposição do indivíduo, sem uma preocupação com o resultado estético ou com técnicas. Outra forma de conceituar a arteterapia seria considerá-la como um processo terapêutico decorrente de modalidades expressivas diversas que servem à materialização de símbolos.

Estas criações simbólicas expressam e representam níveis profundos e inconscientes da psique, configurando um documentário que permite o confronto, no nível da consciência,

destas informações, propiciando *insights* e posterior transformação e expansão da estrutura psíquica. (...) O processo arteterapêutico é então um trajeto, marcado por símbolos, que assinalam e informam sobre estágios da jornada de individuação de cada um (Philippini, 1998, pp. 5-7).

Individuação significa tornar-se um indivíduo – aquele que não se divide face às pressões externas – e que assim procura viver de uma forma mais plena ao integrar seus talentos às suas feridas e faltas psíquicas (Philippini, 1998).

Uma oficina de arteterapia pelo modelo junguiano acontece de várias formas, mas, a título de exemplo, pode-se considerar que ela tem uma estrutura flexível, podendo iniciar por um breve exercício de consciência corporal, através de práticas de relaxamento das tensões e colocação da respiração em estágios mais lentos e profundos para rebaixar as funções de vigília e permitir um acesso mais livre às camadas inconscientes. Estes estados de leve alteração da consciência podem ser despertados também com auxílio de música suave.

A seguir, passa-se à expressão criativa. O indivíduo escolhe o material com o qual deseja trabalhar. Os materiais expressivos são organizados em embalagens transparentes ou prateleiras e são dispostos no ateliê terapêutico de forma a possibilitar a livre escolha e acesso. Durante a expressão criativa, é importante que haja silêncio por parte tanto do cliente quanto do arteterapeuta, pois se trata de um processo preferencialmente não verbal. “Isto quer dizer que a abordagem e as formas de intervenção destinam-se ao confronto com conteúdos inerentes a processos psíquicos primários e pré-verbais (que não passam pelo crivo da consciência)” (Philippini, 1998).

A terceira etapa da oficina vem após a expressão criativa, quando então é hora de colocar em palavras a experiência, e exercitar uma tentativa de compreensão do que foi produzido, embora essa compreensão evolua e se modifique ao longo do processo terapêutico. Há produções expressivas que só vão ser compreendidas na sua integridade meses depois de terem sido feitas.

A utilização dos materiais expressivos também segue alguma estrutura, no sentido de oferecer primeiramente materiais mais fáceis de serem trabalhados e formas de expressão mais simples, como a colagem. As atividades iniciais serão preferencialmente prazerosas e lúdicas, em clima de experimentação, a fim de evitar que a pessoa se iniba. Pouco a pouco, o cliente sente-se mais confortável para experimentar materiais e técnicas mais complexas como a pintura e a escultura, se assim o entender e desejar. O mais importante é que a própria pessoa escolha e decida com que material prefere expressar seus conteúdos psíquicos. A matéria prima do trabalho em arteterapia é a criatividade.

Natalie Rogers (2003) criou a Terapia Expressiva Centrada na Pessoa e entende que a combinação das artes expressivas com a Abordagem Centrada na Pessoa é um avanço natural. Sua proposta é de um processo que ela considera integrador.

O terapeuta expressivo combina movimento, arte, escrita, imaginação guiada pela música, meditação, trabalho corporal, escrita livre, comunicação verbal e não verbal para facilitar o autoconhecimento, a auto-expressão, a criatividade e estados mais alterados de consciência. Este é um processo integrador, que utiliza nossas habilidades intuitivas tanto quanto nossos processos de pensamento lógico e linear, dentro de um ambiente facilitador, centrado no cliente/grupo (Rogers, N., 1982, I Forum Internacional da ACP).

Natalie Rogers parece ter descoberto que uma forma de expressão nutre a outra e que todas juntas são transformadoras. Para ela, quando uma pessoa toma consciência de seus movimentos, abre-se para sentimentos mais profundos que podem vir a ser expressos em cor, linha ou forma e quando escreve imediatamente após o movimento ou a expressão criativa, há um fluir diferente, algumas vezes em forma de poesia. A esta inter-relação entre as diversas formas de expressão ela deu o nome de Conexão Criativa (Rogers, N., 1982).

O terapeuta da arte expressiva centrada na pessoa alia as múltiplas formas de expressão ao entendimento da Abordagem Centrada na Pessoa de que cada indivíduo é valioso e digno e tem capacidade para auto dirigir-se. Existe uma confiança na tendência atualizante presente em todos os organismos e a certeza de que cada indivíduo possui uma habilidade inerente para encontrar as respostas precisas e corretas quando se nutre de um ambiente que lhe ofereça liberdade de expressão e segurança psicológica, ambiente este onde exista escuta empática, cuidado não possessivo e um contexto de congruente abertura e honestidade. (Rogers, N., 2003).

Para a presente pesquisa, elegi o recurso das oficinas de criação, uma vez que o objetivo não é um processo arteterapêutico e sim tentar perceber se a criatividade, estimulada por jogos e brincadeiras, materiais expressivos diversos e situações de interação grupal pode contribuir como fator de expressão pessoal e auto-actualização. A estrutura e funcionamento destas oficinas serão abordados no capítulo II.

## Conclusão

Neste capítulo, procurei abordar aspectos relevantes para o entendimento do conceito de criatividade adotado nesta dissertação. Foram apontadas as variáveis que podem facilitar ou dificultar a expressão criativa, ou seja, as condições internas e externas para o exercício da criatividade do ponto de vista da ACP.

Para ressaltar a importância do aprendizado pela via da experiência e as razões de ter optado por trabalhar com oficinas de criação, foram abordados tópicos de referência conceitual, como a teoria da personalidade segundo Rogers, tendência formativa e tendência atualizante.

Foram ainda tecidas considerações sobre a pessoa em funcionamento pleno e a expressão criativa, uma vez que se propõe, no presente trabalho, que a criatividade seja compreendida como um processo de expressão pessoal, similar ao processo de tornar-se, na relação terapêutica.

Finalizando o capítulo, foram apresentadas de forma sucinta duas das terapias que utilizam a arte: a arteterapia com base no modelo junguiano e a terapia expressiva centrada na pessoa, criada por Natalie Rogers.

A título de conclusão deste capítulo, proponho que a escolha orgânica – a escolha pré-verbal, pré-consciente, do modo de ser – é guiada pelo fluxo evolutivo e que a consciência e a aceitação de si podem vir a propiciar o aumento desta capacidade. “Havendo maior autoconsciência, torna-se possível uma escolha mais bem fundamentada, uma escolha mais livre de introjeções, uma escolha consciente mais em sintonia com o fluxo evolutivo” (Rogers, 1980, p.46).

Proponho ao mesmo tempo que, se pensarmos nossa sociedade contemporânea como um organismo complexo e um todo interligado, torna-se mais clara a compreensão da nossa responsabilidade enquanto partes integrantes deste organismo, não só para a escuta interna da nossa sabedoria organísmica como também para a nossa atuação enquanto facilitadores do percurso de outras pessoas.

## **Procedimentos Metodológicos**

O que me impulsionou a realizar esta pesquisa foi tentar compreender em que medida a criatividade e a expressão pessoal podem contribuir como fatores de auto-actualização em contextos potencialmente restritivos. Ancorou-se, por um lado, na crença da tendência formativa do universo e da tendência atualizante do ser humano, mesmo em contextos limitadores da expressão pessoal e criativa. Por outro lado, na hipótese de que, pelo estímulo ao potencial criativo, as pessoas viessem a adquirir mais recursos para o enfrentamento das condições adversas da vida e se expressassem de maneira mais plena.

Realizei uma investigação teórica e prática, tendo como objetivos:

1. Compreender, do lugar do cientista-artista, como as crianças participantes da investigação lidam com um contexto social potencialmente restritivo de suas possibilidades enquanto pessoas.

2. Compreender, com as lentes do cientista-artista, se a criatividade e as oficinas de criação, aliadas a um clima de segurança e liberdade psicológicas podem contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades e para um melhor relacionamento interpessoal.

Para tentar refletir sobre este tema, optei por fazer uma pesquisa seguindo a metodologia heurística de Moustakas, o que me pareceu apropriado por algumas

razões: em primeiro lugar, porque, segundo esta metodologia, uma premissa fundamental é que haja engajamento e implicação por parte do pesquisador. Em segundo lugar, as fases deste método de pesquisa assemelham-se em muito ao processo criativo. E em terceiro lugar, porque há um grande foco na experiência vivida.

A pesquisa heurística é um esforço no sentido de retratar a experiência vivida pela pessoa que passou por ela, ou seja, trata-se de uma apropriação e de uma reconstrução da experiência em estudo por parte do pesquisador, que é um cientista-artista.

O pesquisador heurístico é alguém que está disponível para mergulhar em exaustiva busca interior, diálogos e trocas com outras pessoas, sejam elas especialistas ou envolvidas diretamente na experiência vivida. Esta abertura à experiência dá origem a um conhecimento compreensivo, diferentemente do conhecimento por comprovação através de testes e medidas estatísticas. Concordo com Moustakas quando ele afirma que, “apesar de todos os avanços em testes e medidas e na análise do comportamento humano, entender a pessoa desde o seu próprio ponto de vista, à luz de sua própria experiência, é a maneira mais real de conhecê-la” (Moustakas, citado por Vasconcelos, 2009, p. 49). Este sempre foi também o entendimento de Rogers, enunciado reiteradamente em suas obras e na sua prática psicoterápica.

### O Método Heurístico

O método heurístico (do grego *heurísko* = descoberta) foi desenvolvido dentro da matriz psicoterapêutica, mais especificamente na psicoterapia humanista com

crianças por Clark Moustakas, contemporâneo de Rogers, co-fundador da Associação de Psicologia Humanista e Presidente Emérito da *Michigan School of Professional Psychology*. Ao longo das décadas de 1960 e 1970, Moustakas desenvolveu a proposta de um método que objetiva resgatar a experiência subjetiva como tal, em que a metodologia é pensada mais como uma postura, uma atitude de investigação movida por um interesse de cunho existencial.

Segundo Cavalcante Jr. (2008), o método heurístico criado por Clark Moustakas refere-se a um processo de busca interna através do qual uma pessoa é capaz de descobrir a natureza e o sentido da experiência e desenvolver métodos e procedimentos para instigação e análise adicionais. É uma porta de entrada à residência na experiência de Polanyi (1958). Michael Polanyi usa a expressão *dwelling in* – residir em – para descrever um senso de fusão com o conhecimento pessoal, rejeita o valor atribuído tradicionalmente ao distanciamento e neutralidade científicos e sugere que, na aprendizagem experiencial, há necessidade de uma imersão no assunto em si o mais profundamente possível (Polanyi, 1958, citado por Cavalcante, 2008, p. 30).

Por se tratar de uma atitude e de um engajamento disciplinado, rigoroso e movido por um interesse de cunho existencial por parte do pesquisador, a pesquisa heurística envolve o encontro com a nossa solidão existencial. Trata-se de um encontro com a nossa própria natureza, com o nosso *self* e a descoberta de que a fonte para tomar decisões está em nós, está em estratos profundos do nosso ser, o que nos permite exercitar a capacidade de fazer escolhas conscientes, e apropriar-nos da experiência numa postura de liberdade. Quando nos sabemos inteiramente sós, decidimos, e isto nos liberta. Ou seja, “descobrimo-nos (para dentro) o cientista descobre (para fora) o mundo” (Maciel, 2004, p. 31).

O método heurístico desenvolvido por Moustakas foi cunhado como uma investigação científica em primeira pessoa porque implica na disposição do próprio pesquisador, em primeira pessoa, de procurar respostas para uma questão existencial que norteie sua vida. Esta disposição pessoal deverá estar ancorada em convicções profundas e uma constante postura de busca. Trata-se de uma postura pessoal, solitária e responsável (Maciel, 2004).

Maciel (2004) afirma que a heurística oferece uma atitude de abordagem à pesquisa, mas não prescreve uma metodologia. Para Moustakas, “cada estudo heurístico é um desafio único e criativo que objetiva revelar a natureza íntima da realidade e, desta forma, requer métodos que se adéquem à investigação particular” (Douglas e Moustakas, citado por Maciel, 2004, p. 182).

No presente estudo de investigação sobre a criatividade em contextos potencialmente restritivos, pareceu-me apropriado utilizar oficinas de criação com atividades e materiais diversos e uma estrutura flexível e atenta à demanda do grupo. Utilizei a expressão criativa por ser uma poderosa fonte de expressão pessoal, e a flexibilidade, por ser um componente essencial do método heurístico e também uma característica importante para o exercício da criatividade.

### Participantes da Pesquisa

Foram convidadas a colaborar com esta pesquisa 15 crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, participantes de projeto social de uma ONG mantida por uma paróquia da Igreja Católica na cidade brasileira de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas

Gerais. Fundada em 1993, a entidade atende atualmente 230 crianças e adolescentes, sendo 115 de 6 a 14 anos e 115 de 0 a 6 anos. Estas crianças são provenientes de famílias carentes e são atendidas em horário complementar à escola com atividades esportivas, recreativas e culturais, além de reforço pedagógico. O trabalho ali desenvolvido representa uma rede de apoio social para que as famílias possam se sentir mais amparadas e fortalecidas para conviver com um contexto de pobreza, desemprego, violência doméstica, tráfico de drogas, entre outros fatores de risco e vulnerabilidade psicossocial.

Os pais foram devidamente informados sobre o teor da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo A). Foram omitidos no trabalho quaisquer dados que pudessem identificar os participantes da pesquisa, para salvaguardar seu direito à privacidade.

### Instrumentos Utilizados

A parte prática desta pesquisa foi realizada por meio de oficinas de expressão criativa, ao ritmo de dois encontros semanais de 1h30min cada, perfazendo um total de 25 oficinas no período de fevereiro a junho de 2010.

As oficinas tiveram o caráter de uma prática de intervenção psicossocial, diferenciando-se de um grupo de psicoterapia, uma vez que se limitaram a facilitar a livre expressão criativa, sem a pretensão de atendimento psicoterápico dos participantes. No entanto, mesmo não sendo um grupo de psicoterapia e nem um grupo de ensino, as oficinas tiveram uma dimensão ou potencialidade terapêutica, na

medida em que facilitaram o *insight* e a elaboração de questões subjetivas e interpessoais, e uma dimensão pedagógica, na medida em que deslancharam um processo de aprendizagem, a partir da reflexão sobre a experiência (Afonso, 2002).

Foram utilizados materiais e recursos expressivos como colagem, pintura, desenho, modelagem com massa plástica, *origami*, criação a partir de contos, criação a partir de fotos e gravuras, criação de painéis coletivos, jogos e brincadeiras. As oficinas funcionaram como oportunidade de exploração dos materiais, estímulo à expressão criativa, criação de vínculo com a facilitadora e ampliação de vínculo já existente entre os participantes do grupo.

As atividades e materiais utilizados foram surgindo espontaneamente a partir do que se percebia ser a demanda do grupo. As oficinas seguiram, portanto, um planejamento e uma estrutura flexíveis, uma vez que, mesmo propondo atividades, entendi sempre que precisava estar atenta ao processo do grupo e oferecer atividades do interesse imediato das crianças, acompanhando o fluxo grupal. Quase sempre tínhamos três momentos básicos: um momento inicial, que podia ser uma conversa informal, um conto, jogos ou brincadeiras, um segundo momento de expressão plástica e um terceiro momento de avaliação e reflexão sobre as atividades do dia. Houve vários momentos, no entanto, em que o grupo se estendeu nas atividades, não sendo possível fazer o fechamento no mesmo dia, outras tantas vezes não se interessaram pela proposta do dia e tive de abandoná-la e ouvir a proposta deles, enfim, houve oportunidades de bastante troca e interação.

Encerradas as oficinas, promovi uma entrevista individual, onde cada criança teve um momento inicial de fazer contato com sua produção. Foi interessante e

prazeroso observar as reações e principalmente perceber que para todos foi importante viver esta experiência criativa.

Além das oficinas, em vários momentos conversei longamente com duas educadoras e com o coordenador do projeto, no intuito de conhecer um pouco mais sobre as atividades e a dinâmica da casa, a relação com as crianças, o contexto familiar e social em que se encontram inseridas. As entrevistas serviram como complemento para este exercício de compreensão, sendo a expressão criativa e o convívio com as crianças as fontes principais.

Fiz ainda uma oficina vivencial-teórica com todas as educadoras do projeto, a pedido delas e da coordenação. Esta oficina possibilitou-me conhecer um pouco melhor a equipe de educadoras, suas características pessoais, dificuldades e habilidades. Foi uma troca de experiências bem interessante para complementar a minha imersão no universo desta comunidade.

Meu objetivo, enquanto pesquisadora e terapeuta da ACP, foi de tentar compreender o contexto social e o potencial destas crianças a partir do referencial delas, co-participante da experiência delas e com o intuito de lhes oferecer um clima de segurança psicológica e liberdade para o desabrochar de sua expressão pessoal e criativa. Por se tratar de uma tentativa de compreensão e não de uma tentativa de comprovação, optei pela pesquisa de cunho qualitativo, utilizando a metodologia heurística de Clark E. Moustakas, cujas fases passo a descrever.

## Fases do Método Heurístico

Ao utilizar o método heurístico, o pesquisador vivencia fases, que não são necessariamente lineares: há um engajamento inicial, a imersão no tópico ou questão e um tempo de incubação. Essas três primeiras fases possibilitam as fases posteriores, da iluminação, explicação e síntese criativa da pesquisa (Moustakas, 1990).

A seguir, farei uma breve descrição de cada fase e um exercício de reflexão sobre a experiência de viver a presente pesquisa.

### Engajamento Inicial

O engajamento inicial é a primeira fase da pesquisa heurística, e caracteriza-se pela descoberta de um foco de intenso interesse por parte do pesquisador. O pesquisador permite-se introduzir em sua vida um relacionamento pessoal com aquilo que pretende estudar, ou seja, entra em relação de envolvimento com algo que o interpela. O interesse despertado por essa interpelação deve ser de uma intensidade forte o suficiente para servir como elemento deflagrador de um processo de diálogo interior. O problema é despertado, o pesquisador é atirado dentro dele, deixa-se envolver, angustia-se, é envolvido pela solidão. Convive com ela, “entra na experiência” e, a partir daí, toma uma decisão. Aqui, neste contexto, a “decisão” será o envolvimento com o problema pesquisado (Maciel, 2004, p. 185 – 186).

Os dois eixos que norteiam minha pesquisa adquiriram, ao longo de minha vida, um cunho existencial. Por esse motivo justifica-se, no meu modo de entender, o relato em primeira pessoa, e também o que denominei de recorte biográfico, ou seja, o relato de parte do meu trajeto pessoal e profissional que pode contribuir para a compreensão dos passos do método heurístico e da pergunta norteadora da dissertação.

Iniciei uma busca profunda de autenticidade e congruência por volta dos 38 anos, quando percebi, através de um trabalho de Consciência Corporal, que tudo o que eu vinha fazendo em termos profissionais pouco ou nada tinha a ver comigo. À época, eu desenvolvia um trabalho técnico, que exigia uma razoável dose de concentração e rapidez de raciocínio, mas que, por questões de infra-estrutura inadequada, era exercido num ambiente de intenso ruído, causando-nos a todos um desgaste acentuado e fadiga crônica. A partir daquele trabalho de Consciência Corporal, percebi que meu ritmo interno era outro, que eu necessitava, sobretudo, de silêncio e de maior contato e respeito para comigo mesma. Mais: que eu vinha desempenhando uma série de papéis com o máximo de seriedade e empenho, e, no entanto, com muito distanciamento de mim como pessoa.

Passei a me indagar sobre o que realmente me faria feliz e a seguir iniciei o processo de transformação pela mudança no âmbito profissional. Fiz o curso de Artes Plásticas, especializando-me em escultura e, mesmo sem deixar meu trabalho burocrata, dediquei-me à expressão criativa, explorando materiais diferenciados, ousando ser, o que me deixava apaziguada. Só bem mais tarde reuni a coragem suficiente para abandonar a segurança financeira e me arriscar pelo caminho nem sempre bem remunerado das artes plásticas.

De 1992 em diante a escultura tornou-se minha linguagem preferida, especialmente em pedra-sabão. Explorei outros materiais, mas sempre voltava à pedra, pela qual tinha verdadeiro fascínio. Com o passar dos anos, comecei a perceber que as esculturas dialogavam com o meu momento, que expressavam meus sentimentos mais profundos. Essa descoberta levou-me a pesquisar o assunto na criação de outros profissionais, e a me indagar por que razão muitas pessoas se impediam de criar. Esse questionamento levou-me a fazer a pós-graduação em Arte-educação. Para obter o certificado em Arte-educação, era preciso escrever uma monografia. Elegei como tema *Bloqueios do adulto para o exercício da criatividade*, pois interessava-me à altura perceber o que poderia interferir e coibir a expressão pessoal pela via da criatividade.

Concluída a pós-graduação, comecei a facilitar oficinas de expressão criativa. E foi ali, fazendo uma oficina de férias com um pequeno grupo, que me veio o convite para cursar Arteterapia. Posso dizer que a Formação em Arteterapia pelo modelo junguiano foi um divisor de águas na minha vida. Era vivencial-teórica e teve a duração de dois anos. O mergulho no processo de transformação pela arteterapia foi um precioso período de autoconhecimento através da expressão criativa. Posso afirmar com tranquilidade que ali teve realmente início meu processo de individuação, que trabalhei em terapia paralelamente ao curso.

O processo de individuação é uma conquista sem volta, é um descortinar de um jeito de ser, um estar consigo que não admite retorno: a partir desta experiência me conheço e me aceito com menos cobranças, tenho um referencial interno que me norteia, maior respeito e aceitação da minha humanidade imperfeita, mais abertura à experiência e à interação com o outro e com os acontecimentos. Viver tornou-se algo

bem mais significativo e feliz, independentemente das situações e problemas que precise enfrentar.

Aos poucos, outro questionamento existencial foi tomando forma e lugar na minha vida: a questão da desigualdade social e o que eu, enquanto pessoa e cidadã poderia fazer a respeito. Decidi que poderia tentar o caminho de colocar a serviço de pessoas mais carentes de oportunidades o que eu havia aprendido como pessoa e profissional, ou seja, tentar expressar meu potencial como pessoa e arteterapeuta e colocá-lo a serviço.

E durante este percurso de trabalho como arteterapeuta surgiu a vontade de cursar Psicologia. Voltar aos bancos de uma Universidade foi um aprendizado em muitos níveis, para além do acadêmico. Conviver com pessoas jovens ajuda-nos a rejuvenescer, e foi isso o que me aconteceu naquele convívio prazeroso com meninas de vinte e poucos anos.

O curso na Universidade FUMEC/MG é muito bem articulado, e nos ajuda a desenvolver uma certa consciência crítica, uma visão mais ampliada dos fatos, uma constante elaboração das informações que vão se entrecruzando numa rede de pensar a vida, as pessoas e a nós mesmos com uma certa autonomia em relação ao contexto em que estamos inseridos. Durante o curso, elegi a Abordagem Centrada na Pessoa como opção de trabalho, mas também me atraíram a Gestalt e a Psicologia Sócio-histórica, e por isso orientei os estágios para estas abordagens, com enfoque na área Comunitária.

No contato com a abordagem da Gestalt aprendi muito, e fiz um percurso experiencial significativo numa cidade vizinha, primeiro como estágio e a seguir como trabalho voluntário no CERC, organização não governamental voltada para o

desenvolvimento pessoal e profissional dos habitantes da comunidade de Confins. O trabalho é ali desenvolvido em forma de oficinas de criação e abrange uma faixa etária desde os cinco anos aos sessenta e poucos anos. O público infantil prevalece, mas há muitos adultos frequentando as oficinas, que vão desde o balé, a capoeira, a banda, a pintura em tela, contação de histórias, o crochê, bordados de vagonite, corte e costura, entre outros. Meu trabalho foi primeiro o de oferecer uma oficina de mosaico, em parceria com uma colega do curso de Psicologia, e depois a coordenação da equipe de oficinairos para que houvesse uma metodologia de trabalho e uma linguagem comum a todos os profissionais da casa.

Em BH trabalhei ainda como voluntária no PEV – Programa Educação para a Vida, organização não governamental apoiada pelo Instituto Félix Guattari, e que também funciona com oficinas de criação e prepara os jovens para o primeiro emprego. Ali desenvolvi um trabalho com adolescentes na faixa de 16 a 18 anos, no sentido de lhes oferecer oportunidades de reflexão e escolha de sua futura profissão.

O trabalho nas duas ONGs e na Psicologia Comunitária permitiram-me um novo olhar para a realidade de pessoas menos afortunadas quer no aspecto material, quanto em termos de oportunidade de estudo e profissão. Em Psicologia Comunitária fiz dois estágios, um no Abrigo São Paulo, que oferece a pessoas desabrigadas a possibilidade de dormir, tomar um banho, lavar sua roupa e fazer uma refeição à noite. Ali há o trabalho de assistentes sociais e psicólogos como suporte emocional e material temporário. O segundo estágio foi no Ciame-Flamengo, que também desenvolve um bonito trabalho com crianças e jovens. Ali fizemos, eu e mais quatro colegas de curso, um levantamento do perfil da comunidade, uma região de baixo poder aquisitivo e muitos casos de marginalidade e exclusão social. O Ciame-

Flamengo é uma referência significativa na vida dessas crianças e adolescentes, e é apoiado pelos pais e pela comunidade.

No contato com a Abordagem Centrada na Pessoa percebi que as três atitudes preconizadas por Carl Rogers - congruência, compreensão empática e aceitação positiva incondicional - deveriam não só ser compreendidas intelectualmente, mas sobretudo praticadas e incorporadas no meu jeito de ser. A partir daí foi um repensar e um aprendizado contínuos, na minha vida pessoal e profissional. No início de 2006, uma colega do curso de Psicologia e do grupo de supervisão de estágio, vendo meu sincero interesse pela abordagem, me propôs estudarmos juntas, talvez criar um pequeno grupo de estudos. Gostei da ideia e me envolvi inteiramente, convidando pessoas e oferecendo meu espaço de trabalho para as reuniões. Em agosto de 2006 tivemos a primeira das muitas reuniões que aconteceram até depois da minha vinda para Lisboa, pois o grupo continuou se reunindo no ateliê terapêutico até março de 2008. Convidamos para supervisionar os estudos o nosso professor, Walter Andrade Parreira, e foi no contato com ele, que já existia desde 2005, na supervisão de estágio, que percebi, pelo seu exemplo como pessoa, a importância de tentar viver de maneira congruente e praticar a compreensão empática e aceitação positiva incondicional para comigo e nas relações interpessoais. Exercício nada fácil, mas importante e necessário.

Já o Mestrado em Relação de Ajuda e Intervenção Terapêutica, proposto pela UAL, possibilitou-me a leitura sistemática e reflexão sobre o pensamento de vários autores, nomeadamente filósofos, sociólogos e psicólogos, e uma imersão na obra de Carl Rogers, amplos debates, bem como a prática intensiva da escuta ativa e de dinâmicas de grupo. Contemplou ainda conhecimentos de psicopatologia, farmacologia, ética e estudo de outros modelos terapêuticos. O método utilizado pela

UAL encoraja a leitura reflexiva, a pesquisa constante, o debate, a explanação e escrita sobre os mais variados temas. Fomos cobrados com rigor científico em cada trabalho apresentado. Durante todo o ano letivo, tivemos ainda palestras semanais sobre temas importantes relacionados com a Psicologia, feitas por profissionais renomados a convite da UAL.

Devido ao meu trajeto de vida e interesse pela criatividade, fui convidada a fazer uma comunicação nas Jornadas da ACP, tendo como tema *A criatividade como factor de empowerment*. E no ISLA, contribuí no Congresso de Terapias Expressivas promovido pela Associação Internacional de Terapias Expressivas – Vivenciarte, fazendo uma comunicação com o tema *Expressão pessoal: um jeito de ser criativo*, e facilitando uma oficina de criação para os participantes. Foram momentos significativos, de superação de antigos medos e natural insegurança diante do novo.

Sintetizando este recorte biográfico, parece-me que o tema da criatividade e expressão pessoal, aliado a um jeito de ser mais autêntico, fiel à minha sabedoria organísmica, tornou-se um projeto de vida, e tem como continuidade natural a imersão nesta dissertação de mestrado pelo método heurístico de Moustakas.

### Imersão

Segundo Maciel (2004), a imersão corresponde à mobilização efetiva do pesquisador em torno da questão. O processo assume a forma de vivência da questão, que precede em importância as anotações e registros. O pesquisador vai “viver com a

questão”. A finalidade desta fase é manter um foco sustentado de concentração sobre a questão de pesquisa.

A escolha de um projeto de cunho social para desenvolver a pesquisa foi uma decorrência natural do meu percurso pessoal e profissional. A população é que foi uma surpresa. Até então, eu só havia trabalhado com adolescentes e adultos. O que ocorreu foi que, ao retornar de Portugal, soube que o projeto em que eu havia colaborado tinha fechado por falta de verbas, mas que um dos coordenadores estava agora em outro projeto social. Fui procurá-lo, conversamos longamente, visitei o local e me encantei com a proposta e o desafio: trabalhar pela primeira vez com crianças na faixa etária de sete a quatorze anos.

Tivemos mais duas entrevistas iniciais a fim de me permitir obter maiores informações sobre o projeto social e delinear uma proposta de trabalho com as crianças. Até então, havia na casa oficinas de capoeira e atividades esportivas, além do reforço escolar. Um trabalho envolvendo arte de maneira sistemática seria uma novidade no projeto. Decidimos por um percurso com oficinas de criação, ao ritmo de dois encontros semanais com duração de hora e meia cada encontro, durante o primeiro semestre letivo, que vai de fevereiro a junho. Seriam oferecidos materiais expressivos diversos e liberdade de expressão criativa sem cobrança por resultados estéticos.

Solicitei um encontro com os pais das crianças, com a educadora do grupo com o qual eu iria conviver e com as crianças. O encontro com os pais não aconteceu, embora tenham tomado conhecimento da proposta através do coordenador do projeto antes do início das oficinas. O encontro com a educadora deu-se logo na semana a seguir e houve grande receptividade por parte dela. O encontro com as crianças

aconteceu na quadra poliesportiva e foi uma conversa informal. Sentados em círculo no chão da quadra, apresentei a eles a proposta de experimentarem criar com materiais como gravuras, massinha, lápis de cor, tinta, entre outros. Disse também que poderíamos experimentar alguns jogos e brincadeiras. Fizeram muitas perguntas, alguns mostraram-se mais tímidos e arredios, outros foram mais espontâneos e curiosos. Deixei-lhes a liberdade de pensar e decidir se gostariam de participar da experiência. Marcamos novo encontro para 15 dias depois, quando eu faria uma oficina experimental para que eles soubessem na prática do que se tratava e então voltaríamos a conversar. Neste intervalo de 15 dias, delineei um fio condutor para as primeiras oficinas.

O vivenciar das oficinas teve um desenvolvimento natural, marcado por momentos significativos que propiciaram muitas reflexões e importantes mudanças de direção. Durante todo o percurso tive o cuidado de fotografar os trabalhos expressivos (CD) e fiz uma descrição densa de cada oficina, na forma de Conto Experiencial, contendo minhas reflexões, sentimentos e percepções (Anexo B), para registro e posterior análise do percurso. Posso dizer que tivemos um momento inicial, em que havia um fio condutor sujeito a modificações segundo a demanda do grupo, um momento intermediário, marcado por dificuldades e aprendizado, e um momento final, de fechamento individual e coletivo do processo.

O 1º momento ou momento inicial precedeu as oficinas e tinha como propósito:

1. Propiciar às crianças um clima de liberdade e segurança psicológica, em que elas pudessem se expressar livremente, pela fala e pela expressão criativa.

2. Tentar perceber se as crianças deste grupo têm as características de abertura à experiência, tolerância às ambiguidades, confiança nos próprios pensamentos e

sentimentos, um centro interior de avaliação, fluência e flexibilidade. Estas características, apontadas como sendo necessárias à criatividade, são as mesmas da pessoa em funcionamento pleno (Rogers, 2001, e Wechsler, 2002).

3. Tentar perceber a forma como lidam com as restrições advindas do contexto social em que vivem e que estratégias utilizam para se manterem saudáveis.

O momento intermediário corresponde ao desenrolar das oficinas e pode ser subdividido em nove momentos significativos:

2º momento: (1ª a 6ª oficinas). Entre a primeira e a sexta oficina as crianças ora participavam com real interesse, ora se dispersavam e demonstravam desinteresse e mesmo resistência à oficina. Este fato levou-me a rever o planejamento inicial e a refletir bastante, não só para tentar perceber melhor estas crianças como para procurar recursos e materiais diferenciados para cativá-las e transmitir-lhes alguma empatia e olhar positivo incondicional. Utilizei técnicas expressivas de colagem, desenho, construção de painel coletivo, exercícios de concentração por meio de jogos e brincadeiras, estimulação dos sentidos também por meio de jogos e brincadeiras, construção de personagens. Neste 2º momento, também percebi grande dificuldade de trabalho em grupo e de interação entre as crianças.

3º momento: (7ª oficina). Na sétima oficina, percebi a necessidade de abandonar progressivamente a estrutura das oficinas e alcançar maior flexibilidade no planejamento.

4º momento: Este momento foi marcado por um corte por motivos alheios à minha vontade: minha mãe adoeceu gravemente e precisei dar-lhe atenção em tempo integral enquanto esteve hospitalizada. Interrompi as oficinas durante três semanas,

com o consentimento das crianças e da coordenação da ONG. Este momento significou para mim uma pausa para repensar as oficinas.

5º momento: (8ª a 12ª oficinas). Posso dizer que este momento foi de um recomeço em novas bases: foi um ampliar de horizontes através da informação, e esse ampliar de horizontes aconteceu tanto para as crianças, em termos de conhecimento da cultura portuguesa, quanto para mim enquanto pesquisadora, no sentido de tentar perceber melhor o universo destas crianças e o contexto social em que vivem. Nestas oficinas as crianças tiveram contato com postais e fotos de Portugal, fizeram desenhos, construíram painéis coletivos em pequenos grupos e retrataram nossa cidade e a Vila onde moram através de modelagem com massa plástica colorida. (Vide CD). Vale ressaltar que estas oficinas propiciaram-me conforto e tranquilidade quanto ao caminho a percorrer. Foi a partir destas oficinas que vislumbrei possibilidades de real interação, empatia e aceitação positiva incondicional para com este universo das crianças.

6º momento: (13ª oficina). Momento de grande soltura e flexibilidade no planejamento e execução da oficina. A técnica utilizada foi de criar uma história visual a partir de gravuras distribuídas aleatoriamente. O desafio era o de reinventar as imagens, dando-lhes novo sentido.

7º momento: (14ª a 16ª oficinas). Momento de novo retrocesso de postura: o ensino da técnica do *Origami*, dobradura em papel. Em função da proximidade do Dia das Mães, que no Brasil comemora-se no segundo domingo do mês de maio, cometi um erro e colhi aprendizado. Eu já estava conseguindo deixar fluir a criatividade das crianças, limitando-me a dar poucas diretrizes e a oferecer o material para elas. Mas, na intenção de criar alguma prenda para oferecer às mães, lembrei-

me da técnica do Origami, arte da dobradura em papel que exige disciplina, concentração e capricho. Ou seja, decidi desafiá-los em algumas dificuldades que percebia no grupo: dificuldade de ouvir, dificuldade de concentração, cuidado com detalhes. As oficinas decorreram em clima de tumulto e dispersão, e parecia-me que eles não conseguiriam aprender a técnica. No entanto, não só aprenderam (quase todos), como uma das meninas a partir de então pesquisa modelos na Internet e faz Origami sistematicamente, ensinando as dobraduras às educadoras e aos coleguinhas.

8º momento: (17ª a 19ª oficinas). Neste momento aprendi verdadeiramente a importância do brincar para uma criança. Mais: aprendi a real necessidade de me permitir ser criança junto deles, de brincar junto, rir espontaneamente, sentar no chão, reclamar, protestar, sem no entanto perder de vista que continuo sendo a facilitadora do processo. Nestas oficinas trabalhei a construção de uma história em quadrinhos a partir do relato de um conto, e fizemos vários jogos e brincadeiras.

9º momento: (20ª oficina). Nesta oficina houve um momento de explosão da agressividade e intolerância de alguns elementos do grupo. A proposta de criação de um painel coletivo, em que cada criança poderia interferir e modificar o desenho iniciado por outra criança acirrou os ânimos, resultando em críticas, intimidações e provocações, e quatro crianças envolveram-se numa briga com agressão verbal e física. Foi um momento intenso e importante para melhor compreender algumas características pessoais e grupais.

10º momento: (21ª a 24ª oficinas). Este foi um momento de repensar as relações e propiciar novas oportunidades de interação grupal e criação coletiva. As crianças, no entanto, rejeitaram sistematicamente a opção de trabalhar em grupo, preferindo

sempre a expressão criativa individual. Nestas oficinas desenharam a partir do tema da Copa do Mundo, coloriram e montaram *puzzles*.

O momento final aconteceu em dois dias distintos: uma oficina de fechamento do processo, em que fizemos jogos e brincadeiras e uma entrevista individual na semana seguinte. A entrevista individual teve como objetivo permitir a cada criança o contato com o conjunto dos trabalhos expressivos criados durante as oficinas. Durante todo o percurso recolhi e guardei em pastas individuais cada trabalho produzido para observar as expressões criativas, fotografá-las e finalmente devolvê-las aos respectivos criadores neste momento específico da entrevista individual. Todas as crianças puderam contemplar com calma os trabalhos feitos, espalhando-os no chão da sala onde aconteceu a entrevista, expressaram reações de contentamento e surpresa, recordaram as oficinas, demonstraram suas preferências pelas criações e a seguir foram convidados a escolher três a quatro trabalhos para serem divulgados (Vide CD). Por último, responderam a um questionário sucinto que funcionou como avaliação do percurso (Anexo C). Numeraram pelo grau de preferência as oficinas e atividades expressivas, e pelo resultado constatou-se que as oficinas de desenho e dos sentidos foram eleitas as preferidas, com seis votos cada uma, seguidas da de jogos e brincadeiras. As que despertaram menos interesse foram as oficinas de painéis coletivos, *puzzles* e contos.

Responderam a duas perguntas: Se gostaram das oficinas e por quê e o que levaram de aprendizado para a vida deles. Destaco algumas respostas que me pareceram significativas do percurso: “Sim, porque me ofereceu uma série de estudos e a aprendizagem sobre a arte”. “O mais importante de tudo foi o saber de trabalhar em grupo.” “Foi um coisa diferente do dia-a-dia e me ajudou a descobrir a habilidade no origami.” “Eu levo mais amor, aprendizado, alegria, conhecimento,

etc.” “Uma coisa boa que vai pro fundo do meu coração.” “Porque as brincadeiras têm aprendizado.” “Eu gostei desta oficina por ela trabalha várias coisas nos ensina a ter criatividade e nos ajuda na disciplina.”

Um último evento trouxe-me surpresa e gratificação: as educadoras pediram-me para fazer uma oficina com elas, o que aconteceu no final de junho, durante a reunião mensal da equipe de educadores do projeto. Queriam perceber melhor o meu trabalho e aprender algumas técnicas expressivas para repassar às outras turmas. Foi um trabalho interessante e uma troca instigante, uma vez que demonstrei a elas, na prática, alguns tabus sobre criatividade e também que não trabalho ensinando técnicas específicas, pelo contrário, incentivo a experimentação de materiais e crio oportunidades para a livre expressão criativa, o que, no meu modo de ver, amplia as possibilidades para que elas também passem a incentivar as crianças.

Ao longo do percurso das oficinas, que qualifico como uma imersão no universo destas crianças, a questão norteadora desta pesquisa e a forma de tentar encontrar respostas que possibilitem sua compreensão foram se modificando nos seus contornos, e a certa altura uma indagação maior se impôs: o que torna estas crianças saudáveis, apesar de viverem em um contexto potencialmente restritivo? Que mecanismos de proteção utilizam? O exercício da criatividade terá ajudado neste processo?

Foi com estas indagações que me permiti passar à fase seguinte do método heurístico, ou seja, a incubação.

## Incubação

A incubação é um momento importante e necessário, tanto para o ato criativo, quanto para a pesquisa heurística. É quando se deixa de lado temporariamente as informações colhidas para permitir que a maturação aconteça em outros níveis para além do conhecimento teórico e racional. É hora de abrir espaço para que o nosso lado intuitivo se faça presente.

Um pequeno parêntese pode ser oportuno para tecer considerações sobre o quanto o método heurístico assemelha-se ao processo criativo e por isso passo a discorrer brevemente sobre o assunto. A produção criativa também passa por estágios ou fases: ela não surge subitamente, como se fosse um estalo, uma inspiração divina ou um momento de sorte. Ao contrário, é bastante enfatizada, por vários estudiosos (Kneller,1994, Wechsler, 2002, Lubart, 2007,entre outros), a grande necessidade de um esforço mental concentrado sobre o tema ou problema em questão, a fim de que se possa encontrar uma solução criativa. Este esforço concentrado pode ser equiparado à fase de Imersão do método heurístico.

Kneller (1978), em seu livro *Arte e Ciência da Criatividade*, considera a existência de cinco fases do processo criativo: apreensão, preparação, incubação, iluminação e verificação. Na primeira fase, o indivíduo tem a sensação ou a percepção de que existe um problema a ser resolvido, sente-se perturbado por alguma coisa que é preciso ser solucionada, é tocado por algo que o mobiliza. Na segunda fase ele vai investigar sobre o problema de diferentes maneiras: lendo, anotando, discutindo, indagando, colecionando, explorando. É válido ressaltar que, nos estágios iniciais de criatividade, é importante familiarizar-se com as idéias

alheias, com o que já foi feito ou investigado sobre o problema em questão. Dessa maneira, o produto, quando vier a ser concebido, será original, ou seja, será uma forma não-pensada, até o momento, sobre aquele assunto. É extremamente difícil para qualquer pessoa tentar resolver um problema sem ter algum conhecimento sobre os fatos ou dados que envolvem o assunto em questão.

A fase da incubação é uma conseqüência direta da fase anterior de preparação. Enquanto está a ler, investigar ou explorar, o indivíduo joga com inúmeras hipóteses, em nível inconsciente, sobre as informações obtidas. Nesta fase, que tem duração indefinida, ele não apresenta nenhum comportamento relativo ao problema em tela, dando algumas vezes a impressão de que parou de se preocupar com a questão.

Moustakas, segundo Vasconcelos (2009), considera que nesta fase do método heurístico a questão de pesquisa não está tão presente, e a intuição trabalha sozinha no sentido de acessar os conhecimentos tácitos. Esta fase torna-se necessária porque o debruçar constante sobre a questão e os dados que vão sendo colhidos ao longo da pesquisa podem vir a saturar o pesquisador e prejudicar de certa forma sua capacidade de compreensão mais profunda do processo vivido.

No presente estudo, a etapa de incubação correspondeu a um período logo após o encerramento das oficinas. Deixei temporariamente os estudos e os dados colhidos e viajei durante alguns dias para um sítio calmo junto à natureza.

No retorno, distraí-me por mais alguns dias com providências de ordem prática necessárias, para então retomar os dados já agora com algum distanciamento emocional para permitir que as fases seguintes, de iluminação e explicação dos dados pudessem aflorar.

## Iluminação

A iluminação ocorre espontaneamente, em um dado momento do estado de incubação. A idéia iluminadora pode se dar em estado de relaxamento ou não, de forma nítida ou sob aparência de analogias, mas quando acontece experimenta-se a súbita certeza de que as informações, explicações e percepções, que até então encontravam-se dispersas na consciência, começam a fazer sentido e se “encaixam” num todo coerente. Isto porque a iluminação processa-se através da intuição.

Como nos lembra Maciel, a iluminação não pode ser forçada, ela simplesmente acontece. “A atitude fundamental do pesquisador deve ser a da dialética entre espera e suporte. Ele espera a questão, o seu foco, “acordar em sua consciência” e, ao mesmo tempo, procura facilitar esta imersão” (Maciel, 2004, p. 188). Em síntese, deve aprender a deixar fluir o seu processo.

Meu momento de iluminação aconteceu logo após uma supervisão com o Prof. Cavalcante, em Fortaleza e antecedeu o período de incubação. Foram muitas horas de intenso mergulho nos dados de pesquisa do grupo de orientandos, e todo aquele esforço de voltar-me para compreender e auxiliar cada participante na sua pesquisa, parece ter deslanchado subitamente a compreensão para minha própria pesquisa. Naquela noite, entre o dormir e o acordar, as ideias começaram a aflorar e durante toda a viagem de retorno a BH senti o impulso de escrever sobre tudo o que havia percebido em mim e nas crianças no decorrer das oficinas. Escrevi durante horas a fio, até esgotar as principais ideias que afloravam, para depois então retomá-las com mais calma e passá-las pelo crivo teórico. A fase de Explicação é que sucedeu a incubação, o que demonstra que este processo realmente não é linear.

## Explicação

A fase da explicação, no método heurístico, é o momento de descrever os elementos que surgiram durante o percurso e tentar perceber e explicar os significados apreendidos. Nesta fase, o pesquisador passa por um contínuo diálogo consigo, com suas sensações e percepções, com outras pessoas e com a literatura, para tentar produzir um “retrato compreensivo” da essência da questão de pesquisa a que vem se dedicando (Maciel, 2004).

Corresponde, no processo criativo, à fase de verificação, na qual o criador vai verificar se suas ideias são válidas ou nem tanto, dando vazão ao pensamento racional e convergente. É nesta fase que o raciocínio crítico e avaliador tem papel fundamental no processo criativo, pois é o momento de se pensar na viabilidade e execução da ideia. Wechsler (2002) ressalta a importância de se dedicar um tempo à elaboração das ideias, e esta é uma característica importante a ser desenvolvida, o que envolve um trabalho metódico e persistente, objetivando uma forma final original, criativa e exequível.

A fase de explicação desta dissertação, para além de trabalhar os dados colhidos à luz da teoria, passa por um esforço de reflexão no sentido de tentar perceber simultaneamente o que esta experiência representou para mim, enquanto pessoa e pesquisadora, e o que representou para as crianças que participaram das oficinas de criação.

Hoje, decorrido o percurso das oficinas, percebo que naquele primeiro momento, embora tivesse a intenção de criar um clima facilitador nos moldes da Centrada, coloquei-me inadvertidamente no papel de observadora, e não no de facilitadora do

ponto de vista da ACP. Não consegui também de imediato abandonar a necessidade de ter uma estrutura para as oficinas e atividades a propor. Pretendia, durante o primeiro mês, oferecer materiais diferenciados, com o intuito de perceber se as crianças teriam abertura à experiência e qual o material predileto de cada criança. Pretendia ainda tentar observar os vínculos afetivos já existentes no grupo e como as crianças interagiam. As oficinas, naquele momento inicial, seguiam a seguinte estrutura: um momento inicial de conversa em círculo, para ouvir o que as crianças traziam naquele dia. A seguir, era oferecido um material expressivo diferente a cada encontro, deixando que escolhessem a forma de expressão. Ao final havia nova roda e coleta de impressões, sensações, sentimentos no contato com o material e com o que surgiu durante a oficina.

Este fio condutor que idealizei, no entanto, foi abandonado já na terceira oficina, a partir do contato com as crianças. Desse momento em diante, o grupo indicou-me sempre, explícita ou implicitamente, que atividade propor, que dinâmica seguir, que material oferecer.

Conviver com estas crianças foi uma experiência de constantes indagações, alternância de sentimentos, redefinição de percurso, reflexão e experimentação de recursos materiais e humanos.

Parecia-me muitas vezes que não conseguíamos estabelecer um vínculo, outras tantas vezes senti-me incompetente e incapaz de alcançá-los no seu modo de ser. Algumas coisas eram muito novas para mim nesta imersão: foi a primeira vez que trabalhei com crianças nessa faixa etária. A maioria na faixa de 8 a 10 anos, sendo 12 meninos, com apenas um deles com 11 anos, duas meninas de oito anos e duas de 14 anos.

A princípio, senti-me insegura diante desta novidade, tateei em busca de “formas de chegar” neles. Estruturei em demasia as primeiras oficinas, na ânsia de cativá-los com atividades que me pareciam interessantes. A cada vez que eles se mostravam desmotivados ou pouco participativos, eu me questionava para tentar perceber onde estava errando na minha facilitação do percurso do grupo. Percebi que fui falha na minha vivência das atitudes e que, embora conheça bem a teoria e até acredite saber facilitar oficinas com adultos, esta experiência específica com as crianças representou um esforço significativo e um grande aprendizado experiencial de construção e desconstrução das minhas propostas de oficina e expectativas.

Aos poucos, fui percebendo que eles sinalizavam no sentido de gostarem das oficinas, mas nem sempre estavam disponíveis e dispostos a participar. Aos poucos, também, consegui abandonar a estrutura da oficina, mantendo apenas as rodas iniciais e finais, que eram nossa oportunidade de conversar sobre a proposta e todo tipo de assunto que quisessem trazer. Passei a oferecer materiais e deixar fluir a criatividade.

Numa das muitas vezes em que refleti sobre as oficinas que mais agradaram ao grupo, percebi subitamente que eu deveria simplesmente brincar mais. Descobri que eles se envolvem inteiramente quando são convidados a participar de jogos e brincadeiras, que gostam de ser desafiados, que gostam de competir e que precisam gastar energia física com movimento, como caminhar, correr, rolar pelo chão. Curiosamente, durante os jogos e brincadeiras ficam extremamente atentos, focados, participam com entusiasmo. Durante os jogos, a interação grupal desvela-se na forma de pequenos jogos de poder, algumas manobras para vencer, mas no geral constateei neles uma boa disposição para participar, independentemente do resultado.

Já na criação de painéis coletivos, percebi que raramente conseguiram agir como equipe, em todas as criações coletivas havia sempre alguém mais rígido e autoritário a impor a própria idéia ou jeito de criar aos demais. Notei também que sempre que era necessário combinarem entre eles alguma coisa antes de criar, para que o resultado fosse coletivo (como na criação da história maluca ou da história em quadrinhos), isso não ocorreu. Cada um decidiu o que fazer e irritou-se ao perceber que mais alguém iria criar algo parecido. Percebi também que não valorizam o material colocado à disposição para criar, têm grande dificuldade em guardar e organizar o material, deixam os lápis espalhados pelo chão, desperdiçam e inutilizam materiais expressivos por mais que se tente conversar a respeito. Parece-me que estas crianças já espelham algumas características da sociedade contemporânea, com relação à competitividade e ao individualismo, bem como à escassa consciência ecológica e de preservação do planeta.

Algumas características e atitudes grupais despertaram minha atenção e reflexões, e até mesmo atingiram-me emocionalmente algumas vezes. Na intenção de ser empática, senti-me frustrada em vários momentos até me conscientizar de que eu estava presa a expectativas, quando na verdade deveria ser apenas aceitante e percorrer o caminho do grupo, lado a lado com eles, sem interferir ou almejar resultados. A empatia viria em consequência desta aceitação e respeito incondicionais. Da terceira oficina até o final do percurso, o grupo decidiu por onde ir e principalmente decidiu como interagir e eu me senti ora feliz e realizada, ora confusa em vários momentos, sem conseguir perceber se estava cumprindo o meu papel de facilitadora.

Uma indagação recorrente foi no sentido de saber se eu estaria sendo excessivamente diretiva, se o fato de trazer sempre alguma proposta de atividades era

adequado. Decidi-me por uma oficina em que havia uma proposta, que poderia ser aceita ou rejeitada – e algumas vezes foi, e repensamos a partir do que eles sugeriam para o dia - materiais disponíveis e total liberdade de expressão.

Outra grande indagação foi a questão de colocar limites. Até onde deveria respeitar a interação grupal, quando intervir, quando colocar limites, quando cobrar respeito?

A meio do percurso, refletindo sobre as características individuais e de interação deste grupo de crianças, uma pergunta começou a se insinuar e a tomar forma de maneira incisiva: o que torna estas crianças saudáveis? Isto porque estas crianças pareceram-me muito saudáveis, diferentemente do que *a priori* esperava encontrar. Surpreendeu-me o fato de não haver crianças com problemas psicológicos mais sérios neste universo dos participantes das oficinas de criação, o que me leva a refletir sobre as características individuais, sobre a força da tendência atualizante, independentemente do contexto de escassos recursos de desenvolvimento de potencialidades e sobre o contexto grupal.

Retomando o entendimento de Rogers, temos que o ato de criar é “a emergência na ação de um novo produto relacional que provém da natureza única do indivíduo, por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias da sua vida, por outro” (Rogers, 2001, p. 406).

Rogers considera que a causa principal da criatividade parece ser a tendência do homem para se realizar, para vir a ser as suas potencialidades e que o indivíduo cria primariamente porque isto o satisfaz, porque este comportamento é por ele sentido como auto-realização. Trata-se, portanto, de uma tendência direcional, no sentido da

expansão, do desenvolvimento e do amadurecimento, uma tendência para exprimir e pôr em ação todas as capacidades do organismo.

Algumas destas crianças revelaram-se extremamente soltas, abertas à experiência e criaram com real prazer. A alegria e a espontaneidade foram uma constante, seja nos jogos e brincadeiras, seja na expressão através dos materiais expressivos, seja na reação aos materiais e propostas de atividades. Mostraram-se também interessadas e motivadas sempre que eu trazia alguma coisa em termos de novidade e aprendizado. No geral, são crianças curiosas e ávidas por aprender.

Embora quase todos tenham demonstrado abertura à experiência, alguns já convivem com uma cobrança interna severa, criticam-se e são irônicos nas críticas aos demais.

Todas as crianças pareceram-me afetivas, amorosas, mas ao mesmo tempo endurecidas e rudes para a idade. Apenas duas crianças revelaram-se menos ríspidas com os colegas. Parece-me que, diferentemente das crianças de classes mais abastadas, que são mais protegidas pelos pais e demoram mais a fazer contato com as agruras da vida, a não ser em casos de fatalidade, estas crianças da vila desde muito cedo são expostas a situações de carência e falta. Carecem de conforto, de estabilidade financeira, de oportunidades e estímulos ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

Pertencem, no entanto, a famílias que são quase sempre afetivas, vivem muito próximas e constroem uma rede de relações e proteção. Um dado interessante sobre o contexto da Vila surgiu durante o trabalho expressivo com massa plástica colorida. Ao descrever o que criaram, na roda final, pude perceber que as famílias constroem casas bem próximas umas das outras. Várias crianças disseram, por exemplo: “esta é

minha casa, esta é da minha avó, esta é do meu tio”... ou seja, o núcleo familiar mantém-se próximo, morando ao lado uns dos outros, o que não ocorre nas famílias de classe média ou classe média alta, exatamente pelo contexto social. Na verdade, as vilas de Belo Horizonte, antigamente denominadas de favelas, são construções irregulares, não aprovadas pela Prefeitura Municipal, e as famílias erguem novas habitações para os filhos à medida que eles crescem ou se casam, no mesmo terreno em que antes moravam apenas os pais, originando com isso os becos e ruelas entre as construções, onde é impossível a circulação de automóveis.

Embora exista esta rede de relações familiares a funcionar como fator de proteção, estas famílias vivenciam situações de risco como o desemprego, a violência, o alcoolismo, as drogas. O tráfico de drogas é intenso nesta Vila e algumas crianças convivem com esta realidade muito de perto. Neste meio, o traficante ostenta a imagem do vencedor, o que muitas vezes exerce uma influência nociva sobre crianças e adultos. Com isso, crescem mais endurecidas e prontas para se defender, reagindo com agressividade ao menor sinal de provocação.

O percurso de quatro meses com estas crianças e a constatação de que elas mantêm-se saudáveis apesar de conviverem com esta realidade de carência em diversos níveis remete-me à minha questão de pesquisa: o que as torna saudáveis? Pode a criatividade contribuir para o afloramento de suas potencialidades como pessoas?

Uma reflexão de imediato se impõe: as pessoas reagem diferentemente diante das adversidades psicossociais. Algumas enfrentam experiências devastadoras sem apresentar seqüelas, enquanto outras desenvolvem sintomas e doenças que perturbam o desenrolar de suas vidas. Estudos recentes contemplam os conceitos de fatores de

risco e fatores de proteção, vulnerabilidade e resiliência, que abordarei sucintamente no intuito de melhor compreensão da experiência e desenvolvimento das crianças participantes das oficinas de criação.

Segundo Poletto e Koller (2006), o termo risco tem sido utilizado na área de saúde mental com o significado de estressor ou fator que predispõe um resultado negativo ou indesejado. Os fatores de risco podem desencadear distúrbios físicos, psicológicos e sociais, de acordo com a severidade, duração, frequência ou intensidade dos sintomas e comportamentos que provocam. Têm sido considerados como fatores de risco o baixo nível sócio-econômico, a baixa escolaridade, ausência ou perda de um dos pais, abuso sexual e físico, uso de álcool e outras drogas por familiares, entre outros. Estudos mais recentes, no entanto, enfatizam a necessidade de se analisar os fatores de risco não como algo estático, mas como processos, uma vez que não se aplicam de modo generalizado a todos os indivíduos (Cassol & De Antoni, 2006). A identificação dos fatores de risco e seus resultados no comportamento das pessoas levam-nos a dois outros conceitos, quais sejam o de vulnerabilidade e o de resiliência.

Entende-se como vulnerabilidade a predisposição individual para o desenvolvimento de psicopatologia ou de comportamentos não esperados ou desejados para determinadas circunstâncias ou ambientes. A vulnerabilidade só se efetiva ou se torna aparente mediante condições estressoras ou fatores de risco.

Já o conceito de resiliência remete-nos à questão da tendência atualizante preconizada por Rogers. O enfoque da resiliência é similar ao da tendência atualizante, uma vez que está centrado no potencial de saúde e desenvolvimento positivo. Considera o ser humano como um ser atuante, com capacidade de

desenvolver estratégias benéficas ao seu desenvolvimento, tornando-se resistente às condições desfavoráveis e estressantes do contexto em que vive.

Resiliência é o termo utilizado na física para definir a propriedade que alguns corpos possuem de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. Aplicado à psicologia, pode ser entendido como a capacidade que o ser humano possui de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças ou dificuldades (Poletto & Koller, 2006, p. 22).

Pinheiro (2004) faz um estudo de revisão sobre o conceito de resiliência, nomeia diversas pesquisas realizadas nos últimos 30 anos e ressalta que os autores dividem-se na explicação sobre a origem da resiliência. Alguns apontam para características e traços de personalidade da pessoa (Flach, 1991; Garmezy, 1985; Wolin, 1993) enquanto outros interrogam-se sobre a possibilidade da resiliência ser fruto da interação com o meio ambiente (Rutter, 1993; Tavares, 2001; Pereira, 2001; Yunes, 2001). Conclui que, não obstante haja diversidade no modo de compreender o fenômeno da resiliência, é possível estabelecer algumas variáveis e fatores que influenciam no enfrentamento e superação das adversidades, que envolvem a compreensão do binômio fatores de risco e fatores de proteção.

Um estudo interessante para a presente dissertação é o de Moraes e Rabinovich (1996), citado por Poletto e Koller (2006). Este estudo considera como fatores de resiliência, entre outros, determinados atributos do ambiente, como uma maternagem competente, que responda às necessidades únicas da criança e propicie o desenvolvimento da criatividade e da expressividade; uma boa rede de relações informais; o apoio social formal; atividade organizada e capacidade de ter fé. Estas

autoras consideram também certas características de funcionamento psicológico das crianças como fontes de resiliência: inteligência e capacidade de resolver problemas, autonomia ou *locus* de controle interno, boa auto-estima, empatia, desejo, capacidade de planejamento, senso de humor (Poletto e Koller, 2006, p. 27), características estas também propícias à criatividade e à maturidade psicológica.

Outras pesquisas que também interessam de perto ao tema da presente dissertação contemplam estudos sobre resiliência, fatores de risco e fatores de proteção em famílias brasileiras de baixo poder aquisitivo. Estas pesquisas vêm demonstrando que há um equívoco em se associar monoparentalidade, baixo poder aquisitivo e desajuste psicológico ou desestruturação familiar (Yunes, 2001, 2003, Cecconello, 2003, 2004, Koller, 2004).

Há que se considerar ainda a presença de fatores de proteção, aqui entendidos como influências e condições que diminuem a probabilidade da criança vir a desenvolver problemas físicos ou psicológicos. Os fatores de proteção não eliminam os fatores de risco, mas aumentam a segurança psicológica, permitindo que a pessoa enfrente situações e condições adversas. Atuam como fatores de proteção algumas características individuais, como saúde física, boa auto-estima e confiança, otimismo e fé. Atuam também como fatores de proteção a afetividade da família e de grupos de amigos, que funcionam como uma rede de proteção social. A escola, a Igreja, o sistema de saúde e projetos sociais de ONGs são a rede formal de importante apoio social, possibilitando que a família sinta-se amparada e assistida para enfrentar suas dificuldades e carências.

Parece-me bem provável que as crianças participantes do projeto social da ONG onde aconteceram as oficinas de criação têm um importante apoio social e afetivo,

quer por parte da ONG, que também é mantida por uma entidade religiosa, quer exteriormente à ONG por parte dos familiares, sendo que as mães de algumas crianças são também educadoras da ONG. Todas elas estudam e pelo menos um dos pais trabalha. Ou seja, estas crianças, mesmo convivendo com a pobreza, monoparentalidade, desemprego eventual, alcoolismo e tráfico de drogas na Vila, estão amparadas quer pela família quer pela rede social formada pela escola, sistema de saúde, Igreja e ONG.

Acresce a isto as características individuais de abertura à experiência, curiosidade, bom nível de inteligência, espontaneidade e alegria, auto-confiança e razoável dose de auto-estima. Embora sejam crianças aparentemente endurecidas e agressivas, são na verdade muito afetivas e conseguem manter vínculos sociais.

Parece-me também que o exercício da criatividade, quer para a resolução de problemas do cotidiano, quer para a expressão pessoal pela arte, é um poderoso instrumento para o florescimento da potencialidade das crianças e um contributo importante para o estabelecimento de um *locus* de controle interno, fortalecimento de sua auto-estima e conseqüente auto-actualização, tão necessários no contexto em que vivem.

### Síntese Criativa

No método heurístico de Moustakas, a síntese criativa é o momento de criar uma representação de toda a experiência da pesquisa através de uma narrativa, texto, poesia, ou outra forma de expressão que guarde fortes ressonâncias criativas. A síntese criativa simbolizará o processo vivido.

Esta fase também justifica minha escolha do método heurístico, uma vez que em arteterapia utiliza-se o recurso da síntese criativa para tentar perceber os significados de um processo de mudança terapêutica. O que se faz habitualmente é explorar diversas técnicas de expressão ou executar vários trabalhos em uma única técnica expressiva, com o intuito de, através do que é denominado de amplificação, esgotar as possibilidades de significado que afloram para ao final eleger uma forma que será a síntese criativa de todo o percurso.

É uma maneira de, simbolicamente, analisar os muitos ângulos de uma determinada questão através do recurso da criatividade.

Durante o percurso das oficinas, algumas imagens brotaram a partir da postura corporal e de comportamentos de crianças representativas, a meu ver, de todo o grupo, e estas imagens talvez deflagrem o meu próprio processo criativo e sintetizem a experiência que vivi.

W. e C. são duas crianças franzinas, menores do que a maioria, aparentemente frágeis e no entanto verdadeiros “galos de briga”. Ambos desenham com facilidade e gostam de criar. A qualquer provocação, reagem com tapas e chutes.

Y. tenta se sobressair pela inteligência, ora pela crítica sobre os demais, ora pelo desafio à autoridade. Nestas horas, contraria toda sugestão, desobedece sistematicamente pequenas ordens de permanecer sentado ou em silêncio, agita, grita, fala junto. É muito habilidoso e criativo, mas não parece dar muito valor a isso. Enquanto Y. tenta se sobressair pela inteligência e habilidades, Ge. impõe-se pela força. É o maior em estatura e peso e vale-se disso para intimidar os demais. No grupo, há os que o provocam propositalmente, enquanto outros sentem-se intimidados e não o enfrentam abertamente.

L. é muitas vezes desatento e não consegue permanecer no lugar, mesmo quando está interessado na atividade. Fala o tempo todo, levanta-se com frequência e também desobedece para desafiar figuras de autoridade. Também é um menino franzino e talvez se saia mal na escola por falta de atenção, mas é criativo e inteligente.

Duas meninas parecem ter uma cobrança interna excessiva, um certo perfeccionismo que as impede muitas vezes de criar e em outras tantas vezes criam com intenso sofrimento. São excessivamente críticas, tanto em relação à própria expressão quanto em relação à expressão de outras crianças. Vencida a cobrança interna, no entanto, criam com prazer.

Estas crianças possuem em maior ou menor grau as seguintes características grupais: vivacidade, alegria, espontaneidade, inteligência, criatividade, agressividade e autocrítica exacerbada. Mais do que todas estas características, o que me impressionou sempre foi a postura de “terem que” demonstrar força, mesmo sendo tão frágeis e franzinos.

Para a síntese criativa, considerei de início expressar através da modelagem no barro as imagens que surgiram a partir da postura corporal e características de personalidade destas crianças que me parecem representativas do grupo. Pareceu-me pertinente modelar algo que simbolizasse uma semente, e durante um tempo pesquisei sementes que tivessem uma capa externa mais endurecida.

Pouco a pouco, no entanto, pareceu-me que seria mais adequado fazer nova imersão nas fotos dos trabalhos das crianças, retomar o contato com eles pela via da criação que eles fizeram e expressar através das mesmas técnicas utilizadas nas oficinas. E foi assim, revisitando as fotografias, que surgiu a ideia de criar uma

dobradura de origami contendo, no seu interior, 15 fotos de trabalhos das crianças nas diversas técnicas e materiais experimentados (Vide CD).

A seguir, reuni os quadradinhos que eles criaram a partir de um conto, e que eu havia me esquecido de devolver juntamente com os outros trabalhos. As crianças conseguiram representar cada etapa da história contada, e então montei novamente o conto a partir dos desenhos. Colei os quadradinhos em pequenas tiras de papel-cartão, respeitando todas as expressões das crianças para cada etapa e personagem. Reescrevi o conto em outras tiras de papel-cartão, utilizando cola de relevo colorida. Decidi oferecer o conjunto assim trabalhado para que o trabalho deles possa ser exposto na ONG, com uma proposta e um convite para incentivar outras educadoras e crianças a continuar trabalhando expressivamente a história. Em uma tira de papel-cartão, ao lado dos quadradinhos, o mote: Quem conta um conto, aumenta um ponto. Agora é sua vez...

Outra ideia surgiu durante um aniversário de família. Ao ajudar a organizar a mesa com os doces, deparei com o quadriculado que separa e protege os doces. Peguei-o, vi o quanto era maleável e como poderia permitir formas esculturais bonitas. Guardei dois quadriculados e comecei a explorar ideias e possibilidades de construir uma escultura a partir deste material reciclado. Em alguns momentos parecia-me que seria interessante explorar o vazio, o ato de olhar através dos quadrados, em outros momentos queria transformar os quadrados em mosaicos, colando imagens no fundo. Eram ideias fugidias e decidi conversar com um amigo e expor minhas ideias. Conversamos longamente sobre a dissertação, e ao tentar explicar o método heurístico e a síntese criativa, pude perceber melhor que o que eu buscava era tentar representar, com esta escultura, a impressão que aquelas crianças imprimiram em mim, de serem pessoas altamente resistentes e fortes, apesar da

aparente fragilidade. Eu tinha idealizado modelar em argila algumas sementes, para simbolizar o potencial de crescimento destas crianças, mas ali, naquela conversa, surgiu a figura da flor de cactos, um tipo de expressão criativa que meu orientador e eu denominamos de biomítica – uma expressão formativa da vida – o que nos permite ampliar o conceito do etnomítico apresentado por Sales (2010).

Como ocorre em todo processo criativo, quando surge uma ideia que realmente mobiliza internamente, sentimos uma necessidade premente de concretizá-la. Pesquisei intensivamente sobre os cactos e surpreendeu-me a variedade de espécies, bem como o colorido e beleza das flores. Parece-me pertinente ressaltar alguns dados obtidos, que permitirão melhor compreender a razão da escolha da flor de cactos para a síntese criativa da presente dissertação.

Como resultado desta pesquisa, passei a saber que temos no Brasil cerca de 365 espécies de cactos, sendo que mais de cem espécies estão no Nordeste. A vegetação da caatinga ocupa a maior parte dos 900 mil km<sup>2</sup> do Semi-árido nordestino e os cactos são elementos importantes desta paisagem. Os cactos mais comuns são o mandacaru (*Cereus jamacaru*) muito encontrado no habitat natural ou em meio a pastagens nas fazendas, o xique-xique (*Pilocereus gounellei*), o facheiro (*Pilosocereus pentaedrophorus*), o rabo-de-gato (*Rhipsalis paradoxa*), e várias espécies de coroa-de-frade (*Melocactus* sp). O mandacaru pode atingir até cinco metros de altura. É utilizado na alimentação de animais. Suas flores são brancas, muito bonitas e medem cerca de 30cm de comprimento. Seu fruto tem uma cor violeta forte. A polpa é branca com sementes pretas minúsculas, e é muito saborosa. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mandacaru>)

Através de outro site, fiquei sabendo que o cerrado é a segunda maior formação vegetal brasileira. Apresenta duas estações bem marcadas: inverno seco e verão chuvoso. Com um solo deficiente em nutrientes e rico em ferro e alumínio, o cerrado é uma savana que abriga plantas de aparência seca, entre arbustos esparsos e gramíneas. O Cerrado tem somente 5 espécies endêmicas de cactos: *Arthrocerus spinosissimus*, *Cereus adelmarii*, *Cereus saddianus*, *Echinopsis hammerschmidii* e *Frailea chiquitana*; os últimos dois cactos são endêmicos bolivianos que vivem em cerros isolados na zona de transição entre o cerrado e as florestas amazônicas. (<http://www.facebook.com/group.php?gid=78849542701>)

Soube ainda que os cactos são mais adaptados a ambientes muito secos, em geral, em solos formados por cascalho e areia, onde a água escoar muito rapidamente. Além disso, preferem ambientes abertos e com muita insolação, em regiões também de clima seco. Apresentam raízes superficiais, muito longas e ramificadas, permitindo o aproveitamento de uma grande área de solo que permanece úmida por pouco tempo quando chove. Há espécies que têm uma raiz principal muito grossa para acumular um bom volume de água e substâncias nutritivas. Muitas vezes, essas raízes são mais grossas que a parte aérea da planta.

Os cactos podem ter forma globosa, que são os redondos; colunar, que são os compridos; ou achatadas, como as palmas (*Opuntia*) que costumam servir de alimento para o gado. Essas palmas em especial não têm espinhos, assim não machucam o gado ao serem mastigadas.

É uma planta que pode resistir a longos períodos de seca porque sua pele, ou cutícula, é espessa e apresenta uma cera que ajuda a evitar a perda de água por transpiração. A planta tem também estômatos, que são estruturas semelhantes aos

nossos poros, que, durante o dia, sob sol forte, permanecem fechados para evitar a perda da água na forma de vapor.

Os espinhos são uma característica marcante dos cactos. Na verdade, eles representam folhas que se reduziram no processo de evolução dessa planta. Essa é outra maneira de reduzir a perda de água, porque sem as folhas eles evitam ainda mais a transpiração. Os espinhos também protegem o cacto contra predadores e podem, ainda, ser importantes na dispersão da plantas. Alguns animais podem ter partes de cactos, como as palmas, ou mesmo plantas inteiras aderidas a seus pêlos e, assim, transportá-las para outros locais, onde poderão brotar.

(<http://www.jardimdeflores.com.br/floresefolhas/A17cactos.htm>)

Feita a pesquisa sobre a planta, suas características e variedades, passei a procurar imagens. Como estava tendo dificuldades em conseguir imagens que pudessem ser reproduzidas, pedi a ajuda de amigos e familiares e recebi a contribuição de fotos pessoais, feitas na Espanha, Argélia e no continente africano. Consegui também algumas imagens de espécies do nordeste brasileiro, entre elas a flor do mandacaru, que é de singular beleza.

As imagens foram trabalhadas para ficarem todas com o mesmo tamanho e a seguir foram impressas em papel de textura e gramatura semelhantes ao da estrutura de quadriculados. Passei à construção da escultura utilizando os quadriculados de material reciclado e as imagens das flores de cactos. De início, queria apenas ressaltar com a escultura a beleza e diversidade das flores, pois começava a perceber a riqueza da simbologia que poderia advir desta construção: cada criança seria uma flor de cactos, com suas peculiaridades e beleza singular. Comecei a brincar com a ideia de preencher o quadriculado com as imagens e ao mesmo tempo com o cheio e

o vazio, procurando obter algum equilíbrio e leveza para a escultura. Aos poucos, começou a tomar forma um cacto poderoso, semelhante ao mandacaru. Na base, coleí imagens de cactos que tinham cor de terra, depois elegi outras para simbolizar o caule e do meio para cima cortei os quadriculados para representar quatro galhos, com flores de todas as cores. O resultado final pareceu-me leve, sugestivo e bastante rico em termos de simbologia para representar a experiência vivida no contato com estas crianças (Vide CD).

Percebo ainda que, na procura da melhor forma para a síntese criativa, esteve sempre presente uma espécie de mosaico, ora pela reprodução das fotos dos trabalhos das crianças, no origami, ora pelo recontar da história em quadradinhos, ora pela escolha das flores de cactos que simbolizam as crianças deste contexto da vila. E o mosaico é uma forma de expressão criativa que me encanta pela possibilidade simbólica de reconstrução e transformação a partir de cacos.

Descritas as fases do método heurístico de Moustakas, e como foram vivenciadas no percurso das oficinas de criação, passo à parte final desta dissertação, com a discussão dos resultados e conclusões.

## Conclusões

### Tomando Posse do Significado da Experiência

Esta dissertação ancorou-se, por um lado, na concepção da tendência atualizante do ser humano, que é direcional, no sentido da expansão, do desenvolvimento e do amadurecimento, “essa tendência que é a motivação primária da criatividade, quando o organismo forma novas relações com o ambiente num esforço para ser mais plenamente ele próprio” (Rogers, 2001, p. 407). E, por outro lado, na hipótese de que, pelo estímulo ao potencial criativo, as pessoas podem adquirir mais recursos de auto-actualização para enfrentar as pressões, exigências e circunstâncias adversas da vida e aprenderem a se expressar de maneira mais plena.

Contou com a participação de 15 crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, crianças estas provenientes de camadas de menor poder aquisitivo da nossa população e residentes na mesma vila, onde são assistidas através da atuação de uma ONG.

Realizei uma investigação teórica e prática, tendo como objetivos:

Compreender como as crianças participantes da investigação lidam com um contexto social potencialmente restritivo de suas possibilidades enquanto pessoas.

Compreender se a criatividade e as oficinas de criação, aliadas a um clima de segurança e liberdade psicológicas nos moldes da Abordagem Centrada na Pessoa podem contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades e para um melhor relacionamento interpessoal.

Para tentar alcançar estes objetivos, optei por trabalhar com oficinas de criação ao longo de quatro meses, utilizando materiais e técnicas de expressão criativa como desenho, colagem, pintura, modelagem com massa plástica, construção de painéis, jogos e brincadeiras, entre outros. A metodologia aplicada foi de cunho qualitativo, utilizando o Método Heurístico de Moustakas.

Passo a expor resumidamente o que foi possível compreender e aprofundar em termos teóricos através desta experiência, que teve origem na necessidade pessoal de perceber se é possível convivermos com um sem-número de pressões, influências e mudanças provenientes da sociedade contemporânea sem nos perdermos de nós mesmos. E se a criatividade e a expressão pessoal podem se constituir como recursos de auto-actualização, nomeadamente em contextos de vulnerabilidade psicossocial.

Foi ressaltado neste trabalho que nos dias atuais é de fundamental importância que indivíduos, grupos e nações sejam capazes de inovar, sejam capazes de lidar criativamente com as situações para que novas soluções apareçam e se consiga construir maneiras sustentáveis e mais equilibradas de sobrevivência.

Embora muitas vezes tenhamos a sensação de pequenez e impotência diante das decisões e acontecimentos de ordem política, econômica e social, provenientes de origens distantes e que interferem tão de perto no nosso cotidiano, urge que tenhamos consciência de sermos parte de um todo, que este todo está interligado, e se as ações de outros interferem em nossa vida, nossos pensamentos, sentimentos e

atitudes também interferem positiva ou negativamente no todo. Se pensarmos nossa sociedade contemporânea como um organismo complexo e um todo interligado, podemos perceber o grau de nossa responsabilidade enquanto partes integrantes desse organismo.

Como partes desse todo complexo e interligado, como poderemos criar mecanismos que nos permitam manter a congruência? No contexto de desigualdade social em que vivemos, como ficam as pessoas menos favorecidas em termos financeiros? Como estas pessoas conseguem lidar com um contexto social que tolhe e restringe suas possibilidades enquanto pessoas?

Com o avanço tecnológico e de estudos científicos, nomeadamente na área da física quântica, os conceitos de tendência formativa do universo e de tendência atualizante do ser humano, sustentados por Rogers, tornaram-se mais do que atuais e ajudam-nos a perceber melhor o quadro da sociedade contemporânea.

Posso dizer que houve três momentos distintos e importantes para a escrita desta dissertação: o engajamento inicial, que gerou a necessidade de estudar a fundo a questão da criatividade e da expressão pessoal, a imersão no universo das crianças, e o exercício de compreensão da experiência vivida.

Retomo agora os pontos principais na tentativa de alcançar uma síntese ao mesmo tempo acadêmica e criativa, com a liberdade que o método heurístico de Moustakas me propicia.

Para tanto, busco na imagem do cacto os elementos simbólicos que me propiciarão tecer uma costura entre a teoria e a prática, uma vez que o elegi como síntese criativa do percurso.

Entre a pergunta inicial e a representação simbólica da experiência através da construção do cacto em material reciclado houve todo um percurso de dois anos de leituras, reflexões, partilhas, a imersão no contexto da vila, as muitas conversas com os educadores da ONG, e principalmente dúvidas, imensas dúvidas. Sobre a validade da investigação. Sobre o melhor caminho a percorrer. Sobre a metodologia mais adequada, que me permitisse trilhar com segurança este caminho.

A escrita da dissertação gerou outras tantas dúvidas. Como encadear as ideias, como expor com objetividade e clareza, como transmitir através da palavra a veracidade e a intensidade da experiência de conviver durante quatro meses com as quinze crianças, como resumir e expor em palavras o universo de cada uma delas, como preservar o rigor científico e ao mesmo tempo dizer de um saber experiencial, enfim, como contribuir com uma investigação que pudesse servir de referência e incentivo a outros estudiosos do assunto?

Podemos imaginar que o contexto em que vivemos na sociedade contemporânea pode propiciar tanto progresso e interajuda quanto mudanças bruscas e instabilidade. Esse contexto globalizado de quebra de valores, em que o ser humano deixou de ser prioridade para se tornar um número ou objeto descartável, pode ser comparado a um solo ora fértil ora bastante árido, onde germina todo tipo de vegetação, desde a mais exuberante até aquela que teimosamente insiste em germinar, apesar das condições adversas ao seu florescer. Assim é o cacto, esta planta cheia de espinhos, ora pequenina, ora gigante, ora globosa, ora colunar, altamente resistente e rica em variedades de flores e colorido.

O cacto, como toda a vegetação do cerrado brasileiro, cresce com uma quantidade mínima de água e nutrientes, e contém em si toda a água necessária para sobreviver,

água esta protegida pelos espinhos. Pode ser comparado àquelas batatas que germinaram no porão frio e escuro da casa de Rogers, cuja metáfora ele utilizou em 1977, no livro *Sobre o Poder Pessoal*, para abordar um dos conceitos-chave da Abordagem Centrada na Pessoa, a tendência atualizante. Pode ainda ser comparado a boa parte da população brasileira, que dispõe de escassos recursos financeiros e escassas oportunidades de estudo, trabalho e meios de alcançar o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Prosseguindo com a analogia, atenção especial merecem as flores do cacto, com seu colorido vibrante e grande diversidade. Na síntese criativa, as crianças tomaram a forma destas flores e povoaram a escultura, resultando no mandacaru imaginário, como se uma mesma planta pudesse gerar tantas e tão variadas flores. Se pensarmos o mandacaru como a nossa população mais carente, esta população tem muitas e variadas tonalidades pessoais.

### O Aprendizado pela Via da Experiência

No início do percurso experiencial, eu fazia uma ideia preconcebida do universo de uma vila, a partir das informações de ordem generalizada que possuía. Sabia que aquela vila, em particular, era constituída em grande parte por pessoas que, embora com poucos recursos financeiros, eram trabalhadoras e tentavam propiciar a seus filhos melhores oportunidades de estudo, alimentação, orientação religiosa e, relativamente às crianças que freqüentam a ONG, oportunidade de interação com outras crianças e atividades saudáveis no horário extra-curricular. Sabia também que na vila há intensa comercialização e tráfico de drogas, alcoolismo, pessoas

desempregadas, violência doméstica. A vila situa-se entre dois bairros habitados por pessoas de alto poder aquisitivo, e os casebres coexistem com prédios e mansões de alto luxo. Pressupunha que, neste universo, encontraria crianças muito marcadas por essa desigualdade social, com fraco desempenho escolar, baixa auto-estima, agressividade, entre outras possibilidades de comprometimento psicológico.

Nas primeiras semanas, eu caminhava pela vila com muito cuidado e algum receio, pois nós, brasileiros, somos diariamente invadidos por notícias de crimes, bandidagem e toda sorte de mazelas, zelosamente publicados pela mídia, que nos inculca a imagem e o preconceito de que o favelado é um marginal em potencial, e que ali sempre corremos risco de ser assaltados, violentados, ou, na pior das hipóteses, mortos por uma bala perdida numa disputa entre gangues. Todas as semanas eu observava atentamente as pessoas que via pelo caminho e, assim, aos poucos fui aprendendo a conhecer os moradores e moradoras da vila, pessoas simples, reservadas, amistosas, tão observadoras quanto eu: elas também me viam passar com toda atenção, e sabiam o que eu estava ali fazendo e para onde me dirigia semanalmente, carregada de materiais expressivos. Havia de tudo por ali: alguns idosos tomando um pouco de sol na porta da casa, pequenos comerciantes locais vendendo frutas, legumes, mantimentos, um bar com música sempre muito alta, duas igrejas, pessoas à espera do transporte coletivo, crianças brincando. E, claro, alguns jovens e adultos aqui e ali com uma aparência nada agradável, ora sozinhos, ora em grupos de quatro ou cinco.

Pouco a pouco, o receio inicial foi deixado de lado e substituído pela admiração e respeito que aprendi a ter por este povo sofrido e com tão poucas oportunidades de crescimento. Surgiu então uma pergunta que suscitou novas leituras e o aprofundamento da questão inicial de pesquisa: como estas crianças se mantêm

saudáveis? Que fatores contribuem para que elas, expostas a um meio de certa forma hostil e restritivo, ainda assim sejam alegres, inteligentes, espontâneas, interajam normalmente e consigam um bom desempenho escolar?

#### Tendência Formativa, Tendência Atualizante e o Processo de Tornar-se

Se pensarmos em termos mais amplos, podemos considerar como uma das possibilidades de resposta o princípio da sintropia. Cavalcante (2008) ressalta que, para Rogers, o ser humano, como tudo o que existe no universo, está em processo de tornar-se devido ao princípio da sintropia. O universo forma-se e reforma-se em constante movimento e nós, seres humanos, somos microcosmos desse processo total, com capacidade de atualização dos nossos potenciais, desde que tenhamos abertura para as nossas experiências. Uma pessoa saudável, em pleno funcionamento, é uma pessoa no processo de tornar-se.

O termo experiência foi empregado nesta dissertação com o sentido daquilo que acontece no momento presente, no aqui e agora. Experiência é tudo aquilo que se passa no organismo em qualquer momento e está potencialmente disponível à consciência (Rogers, 1977). O conhecimento pela via experiencial parece ser algo da ordem do visceral, do pré-simbólico, mais próximo da sabedoria organísmica, que é guiada pelo fluxo evolutivo, e que tantas vezes ignoramos quando adultos. Ora, as crianças, com sua abertura natural para o novo, são mais propícias ao aprendizado pela via do experiencial, e neste sentido o recurso do aprendizado pela expressão criativa só pode vir a propiciar mais oportunidades de contato com esta sabedoria

organísmica, uma vez que também a arte é pré-verbal e pré-simbólica, além de ter um potencial altamente curativo.

O que foi possível observar, na interação com estas crianças, é que elas, embora convivam com uma realidade muitas vezes dura e restritiva, são capazes de manter certa leveza e alegria, curiosidade e interesse. Isto só reforça o entendimento de que, mesmo quando o organismo encontra um ambiente desfavorável e escassas condições, ele encontra formas de se desenvolver. A tendência atualizante pode ser muitas vezes frustrada, quando não existem condições ideais para seu desenvolvimento pleno, mas não pode ser destruída sem que se destrua o organismo. Enquanto há vida, portanto, há possibilidade de atualização do organismo.

Outra característica marcante das crianças deste grupo é que, embora amorosas, são rudes no trato, e reagem à menor provocação com agressividade quase sempre verbal e por vezes física. São endurecidas e têm uma postura de terem de demonstrar força, apesar de serem muitas delas bem franzinas. Esta agressividade, no entanto, pode ser considerada como necessidade de defesa, e novamente podemos buscar na analogia do cacto uma metáfora para simbolizar essa pretensa agressividade. O cacto é uma planta com muitos espinhos, que têm dupla função: reduzem a perda de água e também funcionam como proteção contra predadores. Estas crianças só reagem com agressividade quando se sentem ameaçadas na sua auto-estima, e desta forma a agressividade funciona como uma espécie de escudo protetor. Daí a sensação que eu tinha, ao observá-los, de que eles agem como se precisassem sempre mostrar força, provar que são duros, que são valentes, que não se intimidam e enfrentam as situações com coragem, mesmo quando se deparam com crianças maiores e mais bem constituídas fisicamente.

Cabe aqui considerar os conceitos abordados nesta dissertação referentes a fatores de risco e fatores de proteção, vulnerabilidade e resiliência. Mediante condições estressoras ou fatores de risco, algumas pessoas tornam-se mais vulneráveis e desenvolvem problemas físicos e psicológicos, enquanto outras mostram-se resilientes, ou seja, conseguem desenvolver estratégias benéficas ao seu desenvolvimento. Foram apontadas pesquisas realizadas nos últimos trinta anos para a compreensão do fenômeno da resiliência (Flach, 1991; Garmezy, 1985, Pinheiro, 2004, Rutter, 1993, Yunes, 2001, Poletto e Koller, 2006). Podemos considerar que a resiliência é um somatório de características e traços de personalidade da pessoa, além de determinados atributos do ambiente, que passam a atuar como fatores de proteção, tais como uma maternagem competente, que responda às necessidades únicas da criança e propicie o desenvolvimento da criatividade e da expressividade, aliada à afetividade da família e de grupos de amigos, que funcionam como uma rede de proteção social. Além disso, a escola, a Igreja, o sistema de saúde e projetos sociais como o desta ONG constituem uma rede formal de proteção.

Tais estudos sobre resiliência, fatores de risco e fatores de proteção remetem-nos às concepções de Rogers quanto à criança pequena, a formação do *self*, e o papel preponderante da família para o desenvolvimento pleno das potencialidades da criança.

Na formulação da sua Teoria da Personalidade, Rogers (1951) propõe que a melhor forma de se conhecer uma pessoa é a partir do ponto de vista e da experiência dela, uma vez que todo ser humano existe num mundo de experiências, em permanente mudança, do qual ele é o centro. Esse mundo interno e privado só pode ser conhecido de forma autêntica pela própria pessoa, já que muitas sensações sensoriais e viscerais não são simbolizadas e somente uma pequena parcela de

experiências é conscientemente experimentada. Este campo perceptivo é, para o indivíduo, “realidade”. O indivíduo não reage a nenhuma realidade absoluta, e sim à sua percepção desta realidade.

Pode-se, portanto, deduzir que diante de um mesmo acontecimento duas pessoas reajam diferentemente, sendo atingidas com maior ou menor intensidade por ele, de acordo com sua maneira de perceber esse acontecimento. Em outras palavras, uma pessoa pode reagir a um acontecimento adverso deixando-se abater ou buscando saídas e alternativas que lhe permitam enfrentar a situação, pode se mostrar vulnerável ou resiliente diante dele.

Os pais ou outras pessoas significativas na vida de uma criança desempenham um papel fundamental para que esta criança se perceba como alguém de valor e se aceite com suas características únicas, na medida em que se sente amada incondicionalmente, compreendida e na medida em que seus pais a corrigem e educam sem emitir juízos de valor depreciativos ao seu jeito de ser. A atitude dos pais, professores e figuras de autoridade contribuem significativamente para que a criança cresça com auto-estima elevada e aprenda a confiar cada vez mais na sua sabedoria orgânica.

### O Papel da Criatividade e das Condições Facilitadoras

Estas considerações levam-nos ao segundo objetivo desta investigação, que é tentar perceber se a criatividade e as oficinas de criação, aliadas a um clima de segurança e liberdade psicológicas contribuíram para o desenvolvimento das

potencialidades das crianças participantes e para um melhor relacionamento entre elas.

Para tanto, é preciso retomar os passos dados para refletir sobre dois pontos importantes: se eu, enquanto facilitadora do percurso das crianças, consegui efetivamente criar um clima de segurança psicológica e de liberdade de expressão e se a participação nas oficinas de criação, nas quais foi exercitada a expressão pessoal através das técnicas expressivas, jogos e brincadeiras, resultou em aprendizado, desenvolvimento de habilidades cognitivas e conseqüente melhoria na auto-estima e na interação grupal.

Dois recursos utilizados para o registro das oficinas foram muito úteis para amadurecer reflexões sobre o percurso: a descrição densa de cada oficina e o registro fotográfico das produções das crianças.

Quanto ao meu papel de facilitadora, considerei, ao descrever a fase de Imersão, que houve três grandes momentos. Um inicial, em que havia idealizado um fio condutor flexível com três objetivos específicos: propiciar às crianças um clima de liberdade e segurança psicológica que lhes permitisse expressarem-se livremente; tentar perceber se essas crianças tinham as características apontadas por Rogers e outros autores como facilitadoras da criatividade, ou seja, se tinham abertura à experiência, tolerância às ambiguidades, confiança nos próprios pensamentos e sentimentos, se tinham fluência e flexibilidade; tentar perceber a forma como lidam com as restrições do contexto social em que vivem e que estratégias utilizam.

Só mais tarde, na fase da Explicação, dei-me conta de que no momento inicial, que precedeu as oficinas, ou mesmo durante as primeiras oficinas, havia me colocado inadvertidamente no papel de observadora, ou de pesquisadora, e não no de

facilitadora do percurso das crianças do ponto de vista da ACP. Por esse motivo, não consegui de início abandonar a necessidade de estruturar minuciosamente as oficinas. Estando no papel de observadora, com objetivos específicos, alimentava expectativas, e isto impedia que fosse realmente aceitante como era preciso.

O momento intermediário correspondeu ao período das 25 oficinas e foi marcado por nove movimentos significativos e muito aprendido. Entre a primeira e a sexta oficinas tateamos no exercício de nos conhecermos e nos aceitarmos: ora as crianças participavam com real interesse, ora se dispersavam ou demonstravam seu desinteresse abertamente. Ofereci-lhes nesse período diversos recursos, materiais e técnicas expressivas, para tentar perceber o que mais as cativava. Já ali constatei que apresentavam grande dificuldade de interação nos trabalhos em grupo.

Naquele momento inicial, como alimentava expectativas, eu queria muito que as crianças fossem cooperativas, que gostassem das oficinas, que se interessassem vivamente pelas atividades que preparava e me frustrava cada vez que elas não demonstravam interesse. Aos poucos consegui me dar conta que não estava sendo empática e muito menos aceitante, e já na sétima oficina percebi a necessidade de abandonar as expectativas, bem como a estrutura das oficinas, e me deixar ir com o grupo, no ritmo dele. Decidi-me por uma oficina em que havia uma proposta de atividades que poderiam ser aceitas ou rejeitadas e manter apenas o hábito de sentar em círculo no início e no final de cada oficina para conversar e refletir.

Um momento bastante feliz em termos de estabelecer uma real interação com o grupo foi quando procurei levar algum conhecimento sobre Portugal e a cultura portuguesa e criar possibilidades de expressão criativa a partir das informações. Foi

um momento de ampliação de horizontes para elas e um avanço significativo na investigação.

A meio do caminho houve um retrocesso de postura, quando tentei ensinar a técnica de dobradura em papel, o Origami. Algumas crianças mostraram-se tão dispersivas, fizeram tanto tumulto, que cheguei a pensar que tinha sido um desastre total. Quase todos, no entanto, conseguiram aprender a técnica, e uma menina a partir de então passou a pesquisar modelos na Internet, exercitar as dobraduras e trazer para os colegas, ensinando como fazer. Vale ressaltar que aprender a técnica não é o que verdadeiramente importa nesta experiência, e sim o fato de que aquela criança, e outras mais por intermédio dela, descobriram em si habilidades que desconheciam.

Creio que uma das percepções mais profundas que tive, durante o percurso, foi a constatação de que era importante me permitir ser criança junto deles, brincar junto, divertir-me junto deles e com eles. Isso permitiu-me realmente facilitar o processo grupal, e desse momento em diante os jogos e brincadeiras ganharam prioridade nas oficinas.

Outro momento de aprendizado foi quando, em determinada oficina, algumas crianças deixaram extravasar sua agressividade e intolerância. Percebo hoje que fizeram isso porque já se havia estabelecido um clima de segurança e liberdade psicológicas. Foi preciso conversar muito sobre o ocorrido, para que percebessem a legitimidade dos sentimentos e os limites para a expressão desses sentimentos, que esbarram nos direitos do outro de não ser agredido fisicamente.

O momento final aconteceu com a entrevista individual, novo contato de cada criança com seus trabalhos expressivos, escolha daqueles que gostariam de partilhar e avaliação do percurso.

A convivência com elas representou para mim, enquanto profissional, um rico aprendizado e um constante exercício de reflexão e humildade, para impedir que inseguranças pessoais interferissem no processo grupal.

A seguir, passo ao segundo ponto de reflexão, que é tentar compreender se a participação nas oficinas possibilitou a estas crianças exercitar a expressão pessoal e a criatividade e se isto contribuiu de alguma forma para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Se partirmos do pressuposto de que criar é a emergência na ação de um novo produto relacional que provém da natureza única do indivíduo, por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias de sua vida, por outro, e que a motivação primária da criatividade é uma expressão da tendência atualizante, quando o organismo forma novas relações com o ambiente num esforço para ser mais plenamente ele próprio (Rogers, 2001), podemos concluir que as oficinas propiciaram amplos recursos para que um novo produto relacional se estabelecesse, mais fiel à sabedoria organísmica e mais condizente com o eu-real das crianças.

A criatividade aflora mediante fatores internos e externos que facilitam ou dificultam a expressão pessoal. O papel das oficinas foi também de tentar reconhecer as características das crianças que facilitariam ou dificultariam o desabrochar da expressão criativa, bem como localizar os fatores externos que estariam contribuindo ou cerceando esta expressão.

Durante todo o percurso, foi preservado o clima de liberdade e segurança psicológicas, e consegui razoavelmente manter uma atitude de congruência, olhar incondicional positivo e empatia. Por parte das crianças, houve adesão consciente e percepção das atitudes facilitadoras.

Quanto às características pessoais que facilitam ou dificultam a expressão criativa, pude perceber que algumas crianças foram inteiramente abertas à experiência, demonstrando alegria, espontaneidade, curiosidade e motivação para as atividades propostas nas oficinas. Outras, no entanto, já convivem com uma cobrança interna acentuada, que as impede de exercitar seu potencial criativo e reflete na interação com os demais, uma vez que são excessivamente críticas, perfeccionistas e irônicas. Três crianças relutaram durante algum tempo em participar, seja por um movimento interno de se afirmarem perante o grupo, seja por receio de se exporem. Estas crianças agiam sempre de forma a perturbar o andamento das atividades, com brincadeiras inadequadas, provocações, barulho excessivo.

As crianças mais espontâneas e abertas à experiência mostraram-se também mais flexíveis, enquanto que as demais agiram com rigidez, tentando impor suas ideias ao grupo através da crítica e da ironia.

Demonstraram ter bom nível de inteligência e boa capacidade para lidar com elementos e conceitos. Alguns são mais confiantes, enquanto outros se intimidam diante das provocações e críticas, e em várias ocasiões precisei interferir para garantir que todos tivessem igual oportunidade de expressão.

Todas as crianças revelaram grande curiosidade e interesse pelo novo. Aceitaram desafios com naturalidade e interesse. Permitem-se brincar com as ideias na procura

de soluções, divertem-se nos jogos e brincadeiras em que precisam estar atentos e se sentem estimulados e desafiados a demonstrar suas capacidades cognitivas.

Gostam de atividades em que despendem energia e esforço físico, como correr, saltar, rolar pelo chão, por isso os jogos e brincadeiras tiveram ótima aceitação do grupo. Também apreciam jogos em que precisam exercitar-se mentalmente, envolvem-se inteiramente nesse tipo de atividades. Constatei que, durante as brincadeiras, havia pequenos jogos de poder e manobras para vencer, mas de modo geral participavam animadamente, independentemente do resultado. Nesta hora ficavam muito focados, atentos ao desenrolar da brincadeira, o que nem sempre acontecia em outras atividades mais calmas.

Demonstraram dificuldade de criar em grupo porque não aprenderam ainda a dialogar e planejar algo para ser executado em conjunto. Em todas as atividades de criação coletiva houve sempre alguém em cada grupo a tentar impor suas ideias aos demais. Alguns intimidavam-se e seguiam instruções do pretense líder, enquanto outros se rebelavam e, ou abandonavam a tarefa pelo meio, ou partiam para a agressão verbal.

Acredito que as oficinas propiciaram a estas crianças ampla liberdade de expressão pessoal e criativa, mas percebo que a melhoria da interação grupal demanda um percurso mais longo, com mais e maiores oportunidades de diálogo e criação coletiva.

Quanto a saber se as oficinas contribuíram para o desenvolvimento das potencialidades dessas crianças, prefiro deixar que esta resposta venha da percepção delas, na confiança e certeza de que é a própria pessoa a mais indicada para avaliar o que se passa no interior dela. Reproduzo a seguir algumas frases que eles escreveram

na avaliação final: “As brincadeiras têm aprendido”; “Aprendi muitas coisas interessantes”; “As oficinas eram legais, aprendi a fazer muitas coisas”; “Gostei de desenhar, colorir, aprendi as dobraduras que eu não sabia”; “Aprendi coisas legais e interessantes, aprendi o desenho, a modelagem, pintura e muito mais”; “O saber de trabalhar em grupo, acho que isso é o mais importante de tudo”; e o mesmo menino escreveu: “Me ofereceu uma série de estudos e aprendizagem sobre arte”.

Uma menina que tinha excesso de autocrítica e grande dificuldade em desenhar escreveu: “Foi muito legal as coisas de desenhos”. Outro disse: “aprendi foi ter responsabilidade pelas coisas e cuidar melhor das coisas que tivermos;” e demonstrou ter percebido minha atitude em relação a eles: “ A professora Marcia é estudiosa e ela gostou de ficar com a gente e eu sei que um dia ela volta.”

E ainda: “Eu gostei dessa oficina porque ela trabalha varias coisas, nos ajuda na disciplina e nos ensina a ter criatividade”; “Foi uma coisa diferente do dia a dia e me ajudou a descobrir a habilidade no Origami e o trabalho em grupo”; “Eu levo mais amor, aprendizado, alegria, conhecimento”; “Foi uma coisa boa que vai pro fundo do meu coração”.

### Criatividade e Expressão Pessoal como Fatores de Auto-actualização

Há aproximadamente dez anos, através do trabalho desenvolvido em duas ONGs, convivo com crianças, adolescentes e adultos que moram em vilas e bairros pobres de minha cidade. Desenvolvi trabalhos com adolescentes em várias oportunidades e

conversei com pais e mães que vêm procurar ajuda para resolver problemas do dia a dia e para tentar compreender melhor seus filhos.

O que pude constatar é que estas pessoas no mais das vezes conhecem a fundo as dificuldades e limitações de ordem financeira que restringem suas possibilidades, mas não têm muita consciência dos mecanismos de ordem macro que as mantêm nesse lugar de desconforto. Desconhecem também os recursos de que dispõem e a própria força para mudar esta realidade, preferindo refugiar-se na fé religiosa e na esperança de que a proteção divina as guarde e salve de todas as dificuldades.

É bem recente ainda a consciência coletiva de que, pelo exercício do voto consciente, a população pode eleger representantes mais dignos, mais competentes e com propostas realistas de desenvolvimento para o País. Têm surgido movimentos populares de repúdio a governantes, deputados e senadores corruptos e alguns deles não conseguiram se reeleger ou foram impedidos de se candidatar nas últimas eleições, mas este ainda é um movimento tímido e incipiente.

Em todas as ONGs em que prestei minha colaboração profissional como voluntária, pude perceber que há, por parte dos coordenadores e equipe profissional, uma consciência de seu papel como agentes de mudança e facilitadores do processo de auto-actualização de sua clientela através do diálogo constante. Essas ONGs não têm como meta um tratamento assistencial no sentido de doar bens e serviços para suprir necessidades, e sim prestar um serviço de apoio a fim de que as próprias pessoas descubram seus recursos pessoais para resolver suas dificuldades. Cuidam das crianças e adolescentes em horários complementares à escola, oferecendo desta forma suporte físico e psicológico aos pais para que tenham maior tranquilidade enquanto trabalham. Atendem desde bebês, oferecendo-lhes cuidados maternos,

alimentação adequada fornecida pela Prefeitura Municipal e atividades lúdicas, até crianças de 7 a 14 anos, oferecendo-lhes suporte pedagógico, alimentação adequada, atividades esportivas e oficinas de arte.

Nesta última ONG onde desenvolvi as oficinas de criação para o propósito desta dissertação, o enfoque maior é o suporte pedagógico e prática de esportes, inexistindo ainda um trabalho desenvolvido por profissionais com formação acadêmica específica em artes plásticas e psicologia, e nesse sentido introduzi uma novidade para as crianças, com boa repercussão entre os educadores. O período de convivência de quatro meses, no entanto, foi muito curto para trazer resultados mais concretos que me permitissem inferir quanto ao processo de auto-actualização das crianças com quem trabalhei. Acredito que seria necessário um trabalho experiencial por um período mais prolongado e um acompanhamento longitudinal de cada criança, o que foge à proposta do Método Heurístico adotado neste estudo. Nesse sentido, acredito que a presente investigação poderá preceder outras mais e contribuir para que mais estudiosos se debrucem sobre a problemática da criação e expressão pessoal de crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade psicossocial no Brasil e alhures.

## Referências Bibliográficas

Afonso, L. (2002). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do campo social.

Caram, C.A. & Matos, G. (s.d.). *Caderno de contos*. Belo Horizonte: Projeto convivendo com arte.

Cassol, L. & De Antoni, C. (2006). Família e abrigo como rede de apoio social e afetiva. In Dell'Aglio, Koller & Yunes. (Org.). (2006). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. (pp. 19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Castelo Branco, P. (2008). Organismo: tendência atualizante e tendência formativa no fluxo da vida. In Cavalcante, F. S., Jr. & Feitosa, A. (Eds.). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. (pp. 65-95). São Paulo: Editora Alínea.

Cavalcante, F. S., Jr. & Feitosa, A. (Eds.). (2006). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. São Paulo: Editora Alínea.

Cavalcante, F. S. Jr. (Org.). (2005). *LER: caminhos de transform-ação*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.

Cavalcante, F. S. Jr., (2008). Psicologia humanista experiencial. In Cavalcante, F. S., Jr. & Feitosa, A. (Eds.). *Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP*. (pp. 21-43). São Paulo: Editora Alínea.

Dell’Aglío, Koller & Yunes. (Org.). (2006). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Freire, E. (s.d.) *A tendência à atualização: uma revisão da literatura*. Disponível em: <http://www.institutodelphos.com.br/downloads/index.htm>

Giaxa, R. (2006). *Aprendendo a ser cientista-artista: viagem etnográfica ao universo de Sérvulo Esmeraldo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Goleman, D. (2009). *Inteligência ecológica: o impacto do que consumimos e as mudanças que podem melhorar o planeta*. (A. B. Rodrigues, Trad.). Rio de Janeiro: Elsevier. (Obra original publicada em 2009).

Kneller, G. F. (1994). *Arte e Ciência da Criatividade*. 12<sup>a</sup>. ed. SP: IBRASA.

Lubart, T. (2007). *Psicologia da criatividade*. (M. C. Moraes, Trad.) Porto Alegre: Artmed.

Maciel, J. (2004). *A ciência Psicológica em primeira pessoa: o sentido do método heurístico de Clark Moustakas para a pesquisa em Psicologia*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica – PUC.

Masur, J. (1985). *O frio pode ser quente?* São Paulo: Ática.

Medina Filho, A.L. (1998). A teia a que pertencemos. *Imagens da transformação*, 5,10-18.

Moraes, M.C.L. & Rabinovich, E.P. (1996). *Resiliência: uma discussão introdutória*. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 6. (pp. 70-75).

Osório, V. (1998). Arte, identidade e cidadania. *Imagens da transformação*, 5, 91-96.

Pinheiro, D.N. (2004). *A resiliência em discussão*. *Revista Psicologia em Estudo*, vol. 9, 1. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a09.pdf>

Philippini, A. (1998). Mas o que é mesmo arte terapia? *Imagens da transformação*, 5, 4-9.

Poletto, M. & Koller, S. (2006). Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In Dell'Aglio, Koller & Yunes. (Org.). (2006). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. (pp. 19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rogers, C. (1977). *Psicoterapia & Relações Humanas*. (M.L. Bizzotto, Trad.). 2ª Ed. Vol. 1. Belo Horizonte: Interlivros. (Obra original publicada em 1959).

Rogers, C. (2001). *Tornar-se pessoa*. (M.J.C. Ferreira, Trad.). 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1961).

Rogers, C. (2004). *Terapia Centrada no Cliente*. (S. Vida Longa, Trad.). Lisboa: Edial. (Obra original publicada em 1951).

Rogers, C. (2007). *Um jeito de ser*. (M.C.M. Kupfer, Trad.). São Paulo: E.P.U. (Obra original publicada em 1980).

Rogers, N. (1982). *A conexão criativa*. Trabalho não publicado apresentado no I Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, México. (M. C. Battaglia, Trad.)

Rogers, N. (2003). As artes expressivas centradas na pessoa: um caminho alternativo no aconselhamento e na educação. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 5. Disponível em [www.encontroacp.psc.br/entrevista\\_natalie.htm](http://www.encontroacp.psc.br/entrevista_natalie.htm)

Sales, Y. (2010). *Incursões metodológicas em pesquisa de tendência formativa na experiência de psicoterapeutas centrados na pessoa: na vanguarda do que Carl Rogers concebeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Tambara, N. & Freire, E. (1999). *Terapia Centrada no Cliente: um caminho sem volta*. Porto Alegre: Delphos.

Tassinari, M. (s.d.). *Recursos expressivos em psicoterapia*. Disponível em [http://www.cpp-online.com.br/brasil/artigos/marcia/Recursos\\_Expressivos.htm](http://www.cpp-online.com.br/brasil/artigos/marcia/Recursos_Expressivos.htm)

Vasconcelos, T. P. (2009). *A atitude clínica no plantão psicológico: composição da* de Fortaleza – UNIFOR.

Wechsler, S. M. (2002). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. 3ª. ed. SP: Livro Pleno.

Wikipedia. (s.d.). *Mandacaru*. Disponível em (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mandacaru>)

Winter, R. (s.d.). *Cactos brasileiros*. Disponível em (<http://www.facebook.com/group>)

Cactos. *Rev. Ciência Hoje e Suplementos Agrícola e Feminino do Estadão*. Disponível em (<http://www.jardimdeflores.com.br/floresefolhas/A17cactos.htm>)

## Bibliografia

Bozarth, J. (2001). *Terapia Centrada na Pessoa: um paradigma revolucionário*. (E. Gouveia, Trad.). Lisboa: Edual. (Obra original publicada em 1998).

Ciornai, S. (Org.). (2005). Percursos em arteterapia: arteterapia e educação. *Novas buscas em psicoterapia, 64*. São Paulo: Summus.

Dewey, J. (1934). *Art as experience*. New York: Perigee Books.

Flick, U. (coord.). (2008). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artmed e Bookman.

Freire, E. (2006). *Desenvolvimento de um instrumento em avaliação de resultados em psicoterapia baseado na teoria da mudança terapêutica de Carl Rogers*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gibbs, G. & Flick, U. (coord.). (2008). *Análise de dados qualitativos*. São Paulo: Artmed e Bookman.

Glat, C.S. (1998). *Grupos de criatividade: apresentação teórica e atividades práticas*. Rio de Janeiro: Art Bureau.

Josso, M.C. (2004). *Experiências de vida e formação*. (J.C. Claudino e J. Ferreira, Trad.). São Paulo: Cortez.

Lowenfeld, V. & Brittain, W.L. (1970). *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

May, R. (1982). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

May, R. (1992). *A minha busca da beleza*. (F. Pimentel, Trad.). Petrópolis: Vozes.

Messias, J.C. (2001). *Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiencição*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Moustakas, C. (1990). *Heuristic research: design, methodology, and application*. Newbury Park, CA: Sage.

Olinda, E.M. & Cavalcante, F. S., Jr. (Org.). (2008). *Artes do existir: trajetórias de vida e formação*. Fortaleza: UFC.

Ostrower, F. (1990). *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus.

Pain, S. & Jarreau, G. (1994). *Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito*. São Paulo: Artmed. yi, M. (1958).

Polanyi, M.(1958). *Personal knowledge: Toward a post-critical philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press.

Rogers, C. (2001). *Sobre o poder pessoal*.(W.M. Penteado, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1977).

Wood, J.K. (Org.). (1997). *Abordagem Centrada na Pessoa*. Vitória: Edufes.

## Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Marcia Píramo Coelho Machado, aluna do Mestrado em Relação de Ajuda e Intervenção Terapêutica da Universidade Autónoma de Lisboa, estou realizando uma pesquisa sobre criatividade e expressão pessoal como ferramentas para o desenvolvimento das potencialidades da pessoa. Para tanto, utilizarei oficinas de criação durante o primeiro semestre de 2010, ao ritmo de duas vezes por semana, de maneira a propiciar momentos de expressão individual pelo desenho, colagem, pintura, massinha, e oportunidades de interação grupal através de jogos, brincadeiras e criação coletiva.

O intuito das oficinas é oferecer um clima de segurança e liberdade psicológica que facilitem momentos de livre expressão criativa, sem almejar resultados estéticos ou domínio de técnicas expressivas. Em cada oficina haverá também um momento de reflexão e partilha sobre as atividades do dia, de modo a propiciar que cada participante se aproprie do seu processo de criação. Todos os trabalhos expressivos serão fotografados para documentar a dissertação e comprovar a realização das oficinas. Serão publicados apenas os trabalhos escolhidos pelo participante ao final do percurso. O conteúdo das anotações que utilizarei durante a pesquisa será, exclusivamente, para fins de análise e publicação científica, suprimindo-se dados que permitam a identificação do participante.

Coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos no telefone (31) 8804 9056.

Eu, \_\_\_\_\_,

RG \_\_\_\_\_, autorizo meu filho(a) a participar da pesquisa de Márcia Píramo Coelho Machado, permitindo que ela utilize e divulgue o que foi vivido, conversado e criado nas oficinas de criação facilitadas por ela, exclusivamente para fins de pesquisa, tendo ela se comprometido a não revelar quaisquer dados que possam identificar os participantes da pesquisa. Declaro ainda ter sido suficientemente informado (a) acerca dos objetivos e da metodologia deste estudo e de que a participação de meu filho (a) é voluntária. Estou ciente de que poderei a qualquer momento retirar meu consentimento, caso isso se justifique por quebra das condições ora propostas pela pesquisadora.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pai/mãe ou responsável

## Anexo B – Descrição Densa das Oficinas

## **Descrição densa das oficinas**

### **1ª oficina – 09/02/2010**

1. Apresentação da proposta
2. Conto
3. Expressão criativa por meio de colagem e desenho
4. Construção de objeto
5. Partilha

**Participantes:** 12 crianças e a educadora.

**Materiais:** Papel, gravuras, cola, tesouras, lápis de cor, giz de cera, papel crepom, jornal, barbante.

### **Descrição:**

Hoje foi a 1ª oficina de criação. Já havia acontecido um contato anterior, no qual me apresentei, contei da proposta e da dissertação de mestrado e convidei as crianças para participarem das oficinas de criação.

Fui cumprimentar o coordenador e dirigi-me à sala de aulas. Eram 13h20 e eu imaginava que teria tempo para preparar o ambiente, mas tive uma surpresa: todos já estavam na sala, sentados e à minha espera.

Sugeri que fizéssemos uma roda e eles optaram por sentar-se em círculo, porém nas cadeiras de estudo. Voltei a explicar a proposta da dissertação de mestrado, duração das oficinas (horas semanais e meses), tipos de materiais a serem explorados e atividades. Pedi às crianças que estiveram presentes no nosso primeiro encontro que relatassem para as demais.

Durante toda a oficina, as crianças foram receptivas e cooperativas, mantiveram-se atentas e participaram de tudo.

Comecei pela narração do conto “A criação”. Envolveram-se, olhavam-me com olhos atentos, à exceção de uma delas, que já é adolescente. Esta, a meio do conto, deitou a cabeça sobre a carteira, mas depois participou da expressão criativa com interesse e zelo.

Finalizado o conto, propus a eles que fizessem um desenho ou colagem, ou as duas coisas, à vontade deles. Sobre o conto ou sobre eles, que contassem um pouco deles, daquilo que apreciam, através do desenho e colagem. Sete deles fizeram o trabalho expressivo sobre preferências pessoais e os outros cinco inspiraram-se no conto. Pareceu-me que as crianças têm gosto e tranquilidade para criar através do desenho e da colagem.

Somente a educadora descreveu seu trabalho e falou sobre si. Os demais foram mais tímidos, mais reticentes, tanto para mostrar os trabalhos, quanto para falar sobre eles. Parece-me que há um receio natural de exporem-se perante o grupo.

Antes que mostrassem os trabalhos, falei sobre o respeito e o cuidado com a expressão criativa dos colegas. Pretendo sustentar um clima de aceitação durante todo o percurso das oficinas.

A 2ª atividade foi a construção de um objeto que chamamos de “foguetinho” porque, depois de confeccionado, pode ser atirado ao ar. Trata-se de um objeto construído com material de baixo custo (jornal, barbante e papel crepom). Feito o objeto, fomos brincar na quadra e a seguir encerramos com uma roda e partilha.

Quando perguntei como foi o trabalho e se tinham gostado, responderam com entusiasmo que sim. Combinamos de nos encontrar na quinta-feira no mesmo horário.

### **Primeiras impressões sobre algumas crianças:**

I: manteve-se quieto durante a maior parte da expressão criativa. Só criou coragem depois de ver os outros trabalhos. Aí criou algo original e bonito.

L: manifestou dificuldade em obedecer regras.

C: fez um trabalho de colagem original e criativo.

Ge: arredo de início, depois soltou-se e criou com prazer. Estava alegre no final.

Hy: precisou sair logo depois do desenho porque tem outra aula.

### **Eu comigo:**

Estava tensa pela manhã, pois o início de qualquer grupo deixa-se em “estado de alerta.” É sempre algo novo, um novo desafio, e entrego-me de corpo e alma, mas sinto um pouco de ansiedade antes de começar o percurso. Quando me deparo com as pessoas, a ansiedade se desvanece, entrego-me e tudo flui.

Crianças me assustam, mas depois me solto. Preciso aprender a ser criança também, vamos ver no que dá.

Hoje precisei de alguma firmeza com L e Y, que demoraram excessivamente na execução da atividade. Eu não podia deixar que a atividade se estendesse por tempo demasiado porque prejudicaria o grupo e tentei fazê-los perceber isso, mas penso que não consegui.

**2ª oficina: 11/02/2010**

**Proposta: construção de um painel coletivo intitulado *Uma história maluca*.**

Passos de construção da história:

Num primeiro momento, há um trabalho individual, onde cada criança recebe uma folha de papel A3 e risca aleatoriamente para desinibir e soltar o traço.

Num segundo momento, procuram “personagens” que possam ter surgido nos rabiscos e os preenchem com cor.

Num terceiro momento, vem a criação do painel coletivo, com a história que surgir espontaneamente a partir dos personagens encontrados nos rabiscos. Uma criança inicia a história e os demais colaboram espontaneamente, à medida que vêem alguma conexão com o próprio trabalho.

**Participantes:** 12 crianças.

**Materiais:** Papéis A3, giz de cera, papel Kraft.

### **Descrição:**

Antes de iniciar a atividade, fizemos a roda e percebi uma certa agitação nas crianças. Havia várias máscaras confeccionadas por eles, porque no dia seguinte participariam de uma festa de Carnaval.

Só agora percebo que levei a proposta de uma oficina que “competia” pobremente com o interesse maior das crianças naquele momento. Não consegui interessá-los e nem motivá-los para a oficina. Mostraram-se dispersos e o resultado não foi o esperado. Mesmo assim, participaram até o final, uns mais do que outros.

Alguns não compreenderam a proposta dos rabiscos iniciais, não souberam encontrar formas para preencher e conseqüentemente não participaram na elaboração do painel coletivo. Este ficou pobre por falta de atenção do grupo, pois somente cinco crianças se dispuseram a criá-lo. Os demais ouviram e observaram medianamente, distraídos com conversas paralelas ou com histórias individuais.

### **Observando as crianças:**

JC: trabalhou os dois lados da folha, enchendo-a de personagens e figuras. Criou sua própria história, com início, meio e fim.

G: riscou muito a folha, dos dois lados, com explosão de traços e três cores, vermelho, preto e verde. No primeiro exercício mais suave, e no segundo com toda intensidade.

N: participou com interesse, compreendeu o exercício e foi a primeira a se dirigir ao painel coletivo para criar a “história maluca”.

C: seu trabalho tem algumas poucas linhas. Depois, deitou o giz de cera e fez personagens e manchas de cor, frente e verso.

El: Mostrou-se atento e interessado, compreendeu bem a proposta e criou um personagem interessante para a história coletiva, mas depois não o colocou no painel.

Ek: participou sem compreender muito bem a proposta, mas esteve integrado o tempo todo.

S: demonstrou interesse e entusiasmo, criou personagens e a seguir, no segundo desenho, criou uma história que fez questão de contar a todos os colegas, em pequenos grupos, de certa forma criando uma competição com a história coletiva.

I: sempre quieto, postou-se ao meu lado e olhava os meus gestos, mas não criou coragem para riscar. Entregou a folha em branco.

Mi: não compreendeu a proposta, participou pouco.

Ju: participou o tempo todo, não assinou seu trabalho, mostrou-se tímida para criar o painel.

Participaram do painel coletivo: N, El, S, JC, C.

### **Eu comigo:**

Saí do encontro frustrada e pensativa, disposta a rever a oficina seguinte para não perder o vínculo e a motivação do grupo.

No dia seguinte, cancelei a oficina do dia 18, que seria logo a seguir ao Carnaval. Não me sentia suficientemente preparada, queria amadurecer melhor as ideias, tive muitas dúvidas e receio de pôr a perder a oficina por falta de pensar e prepará-la adequadamente.

### **3ª oficina – 23/02/2010**

**Proposta:** Exercícios de concentração por meio de jogos e brincadeiras.

**Participantes:** 13 crianças.

**Materiais:** Jogos da Revista “Achei”. *Puzzles* por mim construídos a partir de gravuras com temas infantis.

**Descrição:** Decidi propor atividades que me permitissem conhecer um pouco mais cada criança em termos de capacidade de concentração e foco. Levei exercícios individuais diferenciados, e cada um tinha seu desafio de atenção. Eram exercícios da revista Achei, que têm como desafio encontrar objetos no meio de uma cena. É uma revista para crianças, bem colorida e acessível.

Fizeram dois exercícios desse tipo e a seguir montaram *puzzles* também individuais e diferenciados. Criei os *puzzles* recortando gravuras para colorir com temas infantis e colando-os em papel-cartão.

A reação foi de grande interesse, curiosidade, participação. Duas crianças, no entanto, mostraram-se arredias: Mt e Y, que preferiam ir para a quadra. Na oficina anterior, Y não participou porque tinha trabalho da escola para fazer. Nesta oficina, chegou, mostrou-se resistente a entrar na roda, reclamou que queria ir para a quadra.

Tentei observar cada criança durante as atividades e enumerei os exercícios por ordem de entrega.

1. JC foi o primeiro a terminar o exercício de encontrar as figuras e o 8º a terminar o *puzzle*. Coloriu com cuidado e capricho. Distraiu-se em conversas com L.
2. C foi o segundo a terminar os dois exercícios e o primeiro no *puzzle*. Achou muito rapidamente as figuras dos dois lados da folha e pediu mais. Montou o *puzzle* com facilidade e coloriu, terminando muito antes dos demais. No entanto, não perturbou o grupo. Observou os outros sem interferir, conversou aqui e ali discretamente.
3. G foi o 3º no primeiro exercício e o 2º no *puzzle*. Não teve muito cuidado com a colagem do *puzzle*, que ficou torto e saindo do papel de suporte. Coloriu sem muita motivação e somente a figura do carro. Pareceu-me que queria apenas cumprir a tarefa.
4. I foi o 4º a terminar a primeira atividade e o 12º a terminar o *puzzle*. Sentiu facilidade no primeiro exercício e dificuldade em montar o segundo. Coloriu com interesse e por isso ficou até o final, mesmo muito tempo depois de os outros terem terminado.
5. W foi o 5º no primeiro exercício e o 10º no segundo. Mostrou-se focado, atento e interessado. Não conversou e fez tudo com capricho, mas encontrou alguma dificuldade de compreensão da figura do *puzzle*, que era menos previsível: tratava-se de um menino praticando *surf*, e a imagem era de cabeça para baixo. W tinha também nesse dia um dos braços engessado. Persistiu na tarefa até terminá-la.
6. Ju foi a 6ª no primeiro exercício. O nível de dificuldade proposto foi compatível com a idade dela e o desempenho idem. No *puzzle* foi a 9ª. Manteve-se atenta e interessada, mas teve dificuldade para montá-lo e também para colar as partes e colorir.
7. S foi o 7º a encontrar as figuras. O exercício dele era de dificuldade mediana, mas os dois eram de encontrar as figuras em destaque, por isso talvez a demora. Ficou o tempo todo atento e em silêncio, nitidamente participativo e interessado. Fez o *puzzle* com facilidade, mas começou de baixo para cima e calculou mal o espaço para colar no papel de suporte. No final, teve de escolher entre colar saindo do papel ou eliminar partes do *puzzle*. Optou pela segunda alternativa e eliminou alguns pedaços. Coloriu cuidadosamente. Foi o 8º a terminar o *puzzle*.
8. Ek foi o 8º no primeiro exercício e o 3º no segundo. Mostrou-se interessado e participativo no segundo momento, mas durante o primeiro exercício esteve conversando com L. Colou e coloriu com capricho.
9. Y foi o 9º no primeiro exercício. Manteve-se pouco participativo e desinteressado. Conversou muito com Mt, reclamou da duração da oficina, prefere jogar futebol na quadra. Foi o 6º a entregar o *puzzle*, que montou e colou com facilidade. Coloriu muito pouco.

10. L foi o 10º no primeiro exercício. Conversou muito e teve dificuldade em encontrar as figuras. Pediu ajuda a C. L fala muito, tem dificuldade de ouvir as propostas, mas é participativo. Foi o 11º no *puzzle*, mas fez tudo com afinco e capricho.
11. El foi o 11º no primeiro exercício, que era mais complexo. Como ele tem mais idade, achei que o grau de dificuldade seria adequado. Foi o 5º a entregar o *puzzle*. Montou e colou com facilidade, mas disse-me que tem preguiça de colorir, logo perde o interesse.
12. Mt foi o 12º a entregar o primeiro exercício. Estava muito desatento, conversou com Y e abandonou o exercício a meio, fez apenas um dos lados. Foi o 7º no *puzzle*. Teve facilidade e capricho, o que me faz pensar que, se estiver motivado, poderá render bem mais.
13. N tem 14 anos. Sempre chega mais tarde porque tem uma terapia antes da oficina. Mesmo assim, fez muito rapidamente o primeiro exercício, nos dois lados e também a segunda folha de Mt. A seguir, montou com facilidade o *puzzle*, colou e foi a 4ª a “terminar”, porque não teve interesse em colorir.

Rodas de início e final da oficina: O início da oficina, como de hábito, foi feito na roda. Perguntei do Carnaval, demonstraram ter acompanhado os desfiles e resultados. Perguntei a seguir sobre a última oficina, fiz uma análise da minha percepção. Lembrei a eles que a proposta era criar uma história coletiva e vi na expressão facial deles que realmente não haviam compreendido naquele dia e só agora conseguiam perceber o que deveria ter sido feito.

Quando indaguei da pouca participação e se não tinham gostado, L resumiu assim a participação do grupo: “nós somos bagunceiros mesmo”.

A seguir falamos sobre desenhos de TV e revistas em quadrinhos. Propus as atividades, que eram a partir das revistas, e a motivação foi geral.

Na roda final estavam alegres e disseram ter gostado muito (foram bem espontâneos na resposta e na demonstração de ter gostado). Combinamos de trazer objetos de casa para fazer uma brincadeira de adivinhação na próxima oficina.

**Eu comigo:**

Saí da oficina feliz!

**4ª oficina – 25/02/2010**

**Proposta:** Jogos e brincadeiras

**Objetivo:** Estimulação dos sentidos do tato e do paladar.

**Participantes:** 14 crianças

**Habilidades:** atenção, linguagem descritiva, abertura para o novo, curiosidade, tolerância à ambigüidade, flexibilidade, humor.

**Materiais:** objetos trazidos pelas crianças, caixa-surpresa, alimentos doces e salgados.

**Descrição:** Quando cheguei, fui recebida com entusiasmo e alegria, estavam eufóricos e na expectativa da brincadeira de adivinhar objetos.

A oficina teve início com a roda de partilha. Falamos sobre futebol (houve dois jogos na noite anterior, de dois times das maiores torcidas de Belo Horizonte, e todos dois ganharam). Indaguei sobre outras atividades desportivas. Disseram gostar de vôlei, natação, basquete.

Como havia uma novata, Je, e outra criança que só tinha vindo à oficina uma única vez, falei rapidamente sobre o meu propósito com as oficinas e sobre criatividade. Expliquei o conceito de criatividade relacionado também com o fato de encontrar soluções diferentes e originais para as dificuldades e problemas do dia a dia.

Expliquei a proposta de trabalhar os sentidos do tato e do paladar, uma vez que utilizamos preferencialmente a visão. Para exemplificar, e também para conseguir que fizessem silêncio, pedi que escutassem os barulhos em torno da sala e os identificassem (havia vozes de crianças menores, gritos, barulhos de móveis sendo arrastados, um cão latiu na rua). Dentro da sala, uma menina movia a caixa onde escondeu seu objeto.

O silêncio instalou-se pouco a pouco e pude então propor a primeira atividade do dia: adivinhar o objeto trazido pelo companheiro. Cada criança, por sua vez, descreveu seu objeto e os outros tentaram adivinhar. Depois de várias perguntas, alguém sempre acertava. Não houve alguém que se destacasse, a cada objeto uma criança diferente acertava.

Três objetos, que as crianças não conseguiram adivinhar, ficaram para o final e voltaram para nova tentativa. Desses três, dois ficaram difíceis de adivinhar porque a descrição não foi adequada. Dos objetos trazidos, alguns foram originais e mais difíceis de acertar: o encaixe do esguicho de uma mangueira, um pedacinho de asfalto, um abridor de garrafas que também é chaveiro, uma pequena luminária.

As crianças participaram com entusiasmo. Seguiram as regras, esperaram a vez de descrever o objeto, não atropelaram e nem boicotaram a brincadeira.

A segunda atividade do dia foi a caixa-surpresa (Vide CD). Preparei uma caixa de papelão (caixa de sapatos), recobri-a com papel vermelho e prateado. Fiz um furo circular de modo a caber uma mão fechada. Camuflei o furo com um pano pregado à caixa e coloquei ali sete objetos: uma boneca de pano e espuma, uma bolsa para óculos, um porta-moedas, sementes de três espécies (uma oval sedosa, uma redonda áspera e outra que tinha o formato de um coquinho), folhas de mangueira

desidratadas, outra boneca de pano com formato de anjo, uma bola de borracha macia, com pontas arredondadas para massagem, folhas de papel com formato do círculo que recortei.

Cada criança examinou o conteúdo da caixa através do tato, no seu tempo e ritmo. Os outros observavam e esperavam com curiosidade. Combinamos que cada uma exploraria o conteúdo da caixa mas não poderia dizer aos outros o que encontrou até que todos tivessem experimentado.

Na hora de revelar o que imaginavam ter encontrado, usei o seguinte critério: falaram primeiro os que tinham identificado apenas um objeto, a seguir os que tinham identificado dois objetos, depois três, e assim progressivamente até atingir os sete objetos. Foram mais fáceis de identificar: a boneca de espuma, o porta-moedas (que eles chamaram de “bolsa de dinheiro”), o porta-óculos, a bola pontaguda. Quanto às sementes, disseram que eram bolinhas. Somente duas meninas mencionaram o círculo de papel e o anjo e ninguém identificou as folhas desidratadas.

Abri a caixa e fui mostrando os objetos um a um, conferindo se era isso que tinham imaginado. Passei as sementes para que as tocassem. A seguir, algumas crianças fizeram questão de pegar em todos os objetos, e elogiei a iniciativa. A receptividade à brincadeira foi muito boa.

Terminei a oficina com a exploração do paladar. Falei rapidamente sobre o paladar e a diferença entre comer e saborear. A seguir, distribuí saquinhos contendo alimentos doces e salgados, como bombons, balas, amendoim, castanha de caju, uva-passas. O alimento mais rejeitado foi a uva-passa e alguns não gostam de amendoim.

Quando perguntei sobre preferência por alimentos, metade da turma prefere alimentos doces e a outra metade prefere alimentos salgados. Duas meninas disseram gostar muito de frutas e alimentos ácidos.

O coordenador do projeto apareceu no final da atividade e foi convidado a saborear. Elogiou o grupo pela participação e pela roda de partilha. Encerramos a atividade combinando trabalhar os sentidos do olfato e da audição no próximo encontro.

### **Eu comigo**

Do primeiro encontro até hoje senti ansiedade, insegurança, medo de errar, timidez, surpresa, alegria. Pouco a pouco, vou ganhando em espontaneidade e confiança. Preciso me lembrar que trabalhar com crianças nesta faixa etária é novidade para mim.

Acho que é formidável a forma como estas crianças me aceitam, como se criança eu fosse. Talvez seja por me sentar no chão e brincar muito com eles, usar a mesma linguagem de maneira informal e afetiva.

Sei que facilitar oficinas me faz um bem enorme. Saio dali revigorada, serena, na certeza de plantar pequenas sementes a cada encontro. Acredito no que faço e isto me reconforta e dá ânimo de continuar neste caminho. É trabalhoso preparar cada oficina, mas o esforço é sempre compensado.

### **5ª oficina – 02/03/2010**

**Proposta:** Estimulação dos sentidos do olfato e da audição.

**Objetivo:** despertar o interesse das crianças por cheiros e sons, treinamento da habilidade de escuta, ritmo, atenção. Desafios maiores: silêncio e escuta.

**Participantes:** 12 crianças. Ge não quis participar. C não pôde participar porque tinha tarefas da escola para fazer.

**Materiais:** plantas para tempero e chás, sementes, areia, bambu, pás de madeira, instrumentos musicais improvisados.

#### **Descrição das atividades:**

1. Roda de experimentar cheiros diferenciados. Levei plantas a partir das quais podem ser preparados chás e temperos, como cravo, canela, macela, anis, erva doce, capim de São João, louro.

Participação: houve interesse e espontaneidade por parte das crianças. Estranharam vários cheiros, reclamaram, riram muito, mas mantiveram o interesse.

2. Extrair sons de objetos e “instrumentos” musicais improvisados. Levei vários potes com sementes diversas, que produziam sons diferentes, outros com areia, duas tampas de metal, pás de madeira, bambu (Vide CD).

Comecei a atividade com batida de palmas em tempo e ritmos diferentes, e eles gostaram. A seguir, cada um experimentou as possibilidades do seu instrumento. Ouvimos separadamente os sons e fomos agregando até que todos tocaram juntos.

A seguir, coloquei um CD do Uakti, grupo de música experimental. Esta Banda é composta por músicos de Belo Horizonte e têm projeção internacional pela qualidade da sua música. As crianças estranharam a música, não souberam ouvir e nem apreciar, porque estão mais habituados a outros ritmos.

**Tentativa de compreensão do percurso do dia:** As crianças foram brincar durante uma hora na quadra antes da minha oficina. Participaram de um jogo, a “queimada”, que demanda muita energia. Chegaram dispersos, agitados, gritavam ou falavam muito alto. Levei um bom tempo esperando que se acalmassem para começarmos nossa atividade.

Três meninos, que vêm demonstrando desinteresse desde o primeiro dia, estavam especialmente agitados. Quando chamei para a roda, não vieram, e em vários momentos tentaram perturbar a oficina, falando junto comigo, muito alto, ignorando propositalmente tudo que eu propunha fazer. Obviamente, numa oficina onde a proposta é treinar a habilidade de escuta, o resultado esperado não foi atingido. Mas, dentro da minha proposta maior, de pesquisadora, que é conhecer e sentir o mundo destas crianças, serviu para percebê-los melhor.

Na roda de partilha, dei a eles a liberdade de só participar quando realmente estiverem interessados, para não prejudicar o grupo, pois havia crianças que queriam participar e foram impedidas pelos três que agitavam e faziam barulho em demasia. Expliquei que, quem quer só perturbar, prejudica o grupo, e isto não é uma atitude positiva.

Pedi a avaliação de cada criança e a maioria disse que gostou de experimentar, principalmente os sons, mas reconheceram que as bagunças atrapalharam muito. Os bagunceiros não quiseram admitir que perturbaram a aula.

**Eu comigo:** Preparei os instrumentos para esta oficina com interesse e alegria, mas realmente não consegui manter a motivação das crianças. Não sei ainda como fazer quando se dispersam sistematicamente como hoje. Fui firme com eles, pontuei algumas coisas, porém mantive a delicadeza no trato, respeitando aquele momento peculiar do grupo. Vamos ver no que vai dar. Hoje não estou triste nem alegre. Sinto que há muito a perceber e aprender sobre esse contexto do grupo.

## **6ª oficina – 09/03/2010**

**Eu comigo:** Acordei cedo, fui ao ateliê buscar materiais para a oficina de hoje (papel Kraft em metro, lãs, fitas, contas, papel fantasia, tinta guache). Decidi adiar a oficina de argila, sinto que ainda não é hora de explorar este material. Optei por dividir o grupo maior em pequenos grupos de três ou quatro crianças, para tentar perceber como interação e se são capazes de trabalhar juntos.

Elegi para hoje as técnicas de colagem e pintura, que são as que mais desinibem e trabalham a fluidez.

Sinto-me bem, apesar de não ter ainda conseguido estabelecer um clima de empatia com algumas crianças. Pretendo conversar mais demoradamente hoje com o coordenador e com a educadora depois da oficina para tentar me informar um pouco mais sobre estas crianças e tentar percebê-las um pouco melhor.

**Proposta:** Na roda inicial, tentar perceber se refletiram sobre a última oficina e se querem continuar participando, sentir o clima do grupo.

A seguir, explorar assuntos de interesse deles e pedir que escolham personagens a partir de desenhos animados, futebol, contos, filmes. Dividi-los em pequenos grupos e propor a construção do personagem no papel Kraft, utilizando papéis, tinta guache, linhas, lãs, fitas, contos.

Uma criança em cada grupo, segundo escolha deles, servirá de modelo: deita-se no chão e outra criança do grupo desenha o contorno do corpo. A seguir, preenchem este contorno utilizando os materiais disponíveis.

**Descrição:** As crianças estavam bem mais calmas hoje quando cheguei. No entanto, não me receberam com o entusiasmo do dia da oficina de adivinhar objetos. Estavam envolvidos e interessados no uniforme que a educadora entregava a cada um.

Fomos para a quadra e sentamos na roda. Achei interessante o fato de eles se sentarem espontaneamente em roda.

**Participantes:** 16 crianças. P veio pela primeira vez. I saiu do projeto.

Conversamos sobre a última oficina. Pedi uma avaliação individual do nosso percurso. Perguntei se gostam das atividades ou não, se querem participar ou não e por que não gostam, quando for o caso.

Quase todos disseram que gostam e vão continuar. Alguns poucos disseram que a bagunça atrapalha muito e os bagunceiros de outro dia admitiram que perturbam o grupo, mas todos querem continuar. Mt disse que não gosta de arte e Ge disse que tem preguiça.

A seguir, perguntei quem gosta de revistas em quadrinhos e qual é a mais legal. Elegeram a revista “A turma da Mônica”. Propus como atividade a construção de um personagem em grupos de quatro pessoas. Gostaram da ideia e a educadora sugeriu que em cada grupo houvesse uma menina, já que elas eram apenas quatro hoje. Assim foi feito, mas os meninos demonstraram seu desagrado por ter meninas junto com eles nos grupos.

Formados os grupos, sugeri que conversassem entre eles para decidir:

1. Quem “emprestaria” o corpo para fazer o contorno do personagem;
2. Que personagem seria esse e como seria construído, e com que material e técnica.

A construção dos personagens fluiu relativamente bem, surgiram quatro figuras bem interessantes. A interação em cada grupo ajudou-me a perceber um pouco mais de cada criança.

No Grupo 1 (C, Je, El e S), houve interação e participação de todos. Conversaram entre eles, escolheram as cores a serem utilizadas, todos pintaram. A meio do caminho, não gostaram de parte do personagem e decidiram refazer esta parte com uma colagem. O resultado final não foi esteticamente feliz, mas a interação entre eles foi muito boa. Ficaram satisfeitos com o exercício. Somente El desistiu do

personagem antes que ficasse pronto e saiu do grupo para observar o trabalho dos outros, o que venho percebendo ser uma característica de seu temperamento.

No grupo 2 (N, Y, Ek e JC), N assumiu a liderança, propôs e criticou duramente a expressão de dois dos integrantes do grupo, Ek e JC, que se intimidaram e não conseguiram criar, mesmo com a minha intervenção no sentido de encorajá-los de tempos em tempos. Y uniu-se a N e criaram juntos boa parte do personagem. Na roda final, mesmo depois da avaliação, N continuou criticando os colegas e disse que não gostou do personagem. N é a única com 14 anos na sala e impõe-se pela postura de crítica, agressividade verbal e arrogância. Demorou-se excessivamente, continuou a trabalhar até bem depois que todos os outros terminaram, mesmo sendo chamada várias vezes por mim e pela educadora.

No grupo 3 (Ge, Ju, P e G), Ge impôs-se como um líder autoritário, e não deixou que os outros se expressassem. Somente Ju pôde participar e G e P criaram muito pouco. Ge é maior do que os outros e impõe-se pela intimidação.

No grupo 4 (L, Mi, Mt e W) houve grande discórdia, não souberam conversar e não aceitavam a criação dos demais. Uns faziam e outros logo a seguir interferiam na criação desmanchando-a. O resultado final desagradou a todos. Durante todo o processo agrediram-se com palavras ásperas e críticas ferrenhas.

Na roda final, que teve como tema os personagens criados, conversamos sobre o processo de criação e a interação grupal. O que mais ressalta é a intolerância de uns e outros, fazem críticas duras. Cada criança pôde expressar-se livremente na roda e apenas o grupo 1 mostrou-se contente com o processo.

**Eu comigo:** Parece-me que este foi um bom exercício de criação e oportunidade de perceber a interação grupal. Gostei da oficina.

A seguir à oficina, fui conversar com o coordenador do projeto para agendarmos uma reunião. Expliquei-lhe minha dificuldade com algumas crianças e pedi sua ajuda no sentido de saber mais sobre eles e sobre a história de vida deles.

Perguntou-me o nome das crianças e falou-me rapidamente sobre cada um deles. Um deles, segundo o coordenador, é filho de pai autoritário rígido e violento. Extremamente religioso, proíbe tudo aos filhos e é muito severo, punindo-os com surras violentas. Em sala, o que percebo é que o filho é disperso, irrequieto, fala muito, não obedece comandos.

O outro vem por gosto e vontade própria, mas, segundo o coordenador, é agressivo e tem uma relação de amor e ódio com as pessoas à sua volta. Resiste a criar vínculos. Em sala, tem-se mostrado arredio desde o início, mas quando decide participar é criativo.

O terceiro deles é filho único e foi abandonado pela mãe. O pai tenta dar a ele o máximo de oportunidades de desenvolvimento. É muito inteligente.

Na saída, encontrei a educadora sozinha na sala e conversamos um pouco também. Falou-me um pouco das crianças, disse as que lhe dão mais trabalho em sala, coincidentemente os mesmos. Disse também que N é perfeccionista e muito crítica, o que a prejudica muito. Enfatizou que as crianças são boas e que é preciso continuar tentando chegar até elas.

O coordenador e a educadora ressaltaram que houve muitas mudanças na rotina das crianças neste semestre e que, por isso, estão compreensivelmente instáveis. Houve troca de vários educadores e algumas crianças mudaram de turno na escola, o que vem representando para eles uma dificuldade significativa.

Sinto que aos poucos vou entrando no mundo de cada criança e que há muito caminho ainda a percorrer, mas começo a delinear possibilidades de compreensão empática.

### **7ª oficina – 11/03/2010**

O roteiro inicial das oficinas já sofreu alterações, à medida que o grupo me indica o caminho a seguir. Vou experimentando e descobrindo a forma de chegar ao mundo destas crianças, que atividades as cativam e motivam, que atividades não as mobilizam. Enquanto trabalham e interagem, coloco-me disponível para que se expressem como pessoas, seja na criação, seja na fala, seja na postura corporal.

**Proposta:** Para a oficina de hoje, penso propor que cada criança crie seu personagem, pois vários não ficaram satisfeitos com o resultado da criação em grupo e alguns foram impedidos de criar.

As atividades que penso sugerir são:

1. Roda inicial
2. Conversa sobre os personagens criados: observar, comentar, agora com o distanciamento no tempo.
3. Criação individual, com o tema: o que você mudaria neste personagem?
4. Cada criança receberá uma folha com jogos e brincadeiras. Cada folha é única e com isso ela deverá resolver sozinha os jogos e brincadeiras.

**Objetivos:** Com a primeira atividade, criar espaço e oportunidade para a livre expressão criativa de todas as crianças. Com a segunda atividade, promover um espaço de atenção, observação, silêncio interior.

**Participantes:** 12 crianças.

**Descrição:** As crianças estavam calmas e com espírito de cooperação. Expus os quatro cartazes da oficina de terça-feira, que eles observaram e comentaram a seu modo, ou seja, colocando apelidos, criticando, depreciando.

Indaguei a cada grupo sobre sua respectiva criação, se os personagens tinham nome, se tiveram intenção de criar algum personagem em especial. Disseram que não, que decidiram criar algum personagem imaginário, mas que, no decorrer da criação, tudo se transformou.

Percebo que há no grupo algumas crianças com características de rigidez e excesso de auto-crítica, que espelham no trabalho dos outros.

Sugeri que hoje criassem um trabalho individual, para que cada um tivesse oportunidade de construir seu próprio personagem. De início, rejeitaram a proposta e sugeriram trabalhar em dupla ou trios de acordo com afinidades pessoais.

Continuamos dialogando e chegaram à conclusão de que seria melhor trabalharem individualmente, para não caírem na mesma situação do dia anterior.

Trabalharam com meia folha de papel Kraft e utilizaram preferencialmente tinta guache. Alguns poucos optaram por lápis de cor ou giz de cera. Criaram com concentração, alguns com mais receio e auto-crítica exacerbada, outros com maior soltura e liberdade.

Duas crianças não gostaram do resultado, preferiram rasgar e refazer em casa: N e Ge. El deixou a criação pelo meio, na hora de colorir, disse que terminaria em casa, mas depois acabou por deixar o desenho comigo assim mesmo, sem terminar.

N abandonou a criação individual e insistiu em terminar sozinha o painel da oficina anterior, que pertencia ao grupo. Fez isso com o consentimento dos outros companheiros do grupo, mas houve uma certa imposição dela sobre os demais. O resultado final mudou inteiramente a proposta coletiva.

Percebi, no processo de criação de Hy, muito gosto e capricho. Quando terminou, disse que vai emoldurar este trabalho.

Ju avisou-me que deixará de vir às oficinas porque vai sair do projeto por ter mudado de escola.

Quase todos terminaram no final da oficina. Concluíram antes: Ek, W, JC e Ge. Estes fizeram a outra atividade que eu tinha trazido. Esta segunda atividade manteve as crianças ocupadas enquanto os demais terminavam sua expressão criativa.

No final da oficina, Ge, C e W desentenderam-se. Ge provocou C ao pegar o braço engessado de W e com este bater seguidamente na cabeça de C. Este revidou, acabando por atingir W, que é do tamanho dele. Ge é bem maior e mais robusto e intimida os demais com a sua agressividade. A educadora interferiu e foi firme com eles, fazendo ver a cada um o que tinha feito e qual o grau de sua responsabilidade no desentendimento. Ge revoltou-se, chorou, embora tenha provocado a situação. C expressou no seu desenho a emoção e confusão que sentiu.

Durante a briga das crianças, mantive-me quieta, sem interferir, porque não houve tempo hábil para a minha reação, uma vez que a educadora, por ato reflexo, entrevistou primeiro. Foi tudo muito rápido e confuso, e penso retomar a questão um pouco mais adiante, em outra oportunidade.

**Observação:** No dia 16 de março, quando me dirigia para a ONG, fui chamada de volta a casa porque minha mãe adoeceu seriamente, sendo necessário um tratamento hospitalar que perdurou até o início de abril. Com isso, precisei interromper as oficinas de criação, retornando no dia 06 de abril.

### **8ª oficina – 06/04/2010**

**Participantes:** 11 crianças e a educadora.

**Material:** Postais de Lisboa, livro ilustrado de Jandira Masur, *O frio pode ser quente?*, papel ofício, lápis de cor, lápis preto.

**Eu comigo:** Hoje retomo as oficinas. Tenho saudades das crianças. Retomo com a intenção de trabalhar com eles a questão das semelhanças e diferenças entre a cultura brasileira e a portuguesa, a partir das minhas experiências de viagem e moradia em Portugal. Pretendo com isso despertar sua curiosidade e respeito por uma cultura em muitos pontos diferente da nossa, além de supri-los de informação para que possam criar.

Para isso, selecionei alguns postais que pretendo mostrar a eles. Levo também o livro de Jandira Masur, *O frio pode ser quente?* É um livreto bem interessante, com poucas linhas e muitas ilustrações, e cada página trabalha a ideia de que nem sempre as coisas são o que parecem ser.

Isto porque, tanto nós, brasileiros, temos ideias estereotipadas do povo e da cultura portuguesa quanto lá fora, de um modo geral, há a imagem de um Brasil estereotipado, de Carnaval, futebol e novelas televisivas.

Pretendo permitir a estas crianças que expressem, pela arte e pela fala, como é viver em uma favela de Belo Horizonte. Será que uma favela é habitada somente por traficantes e ladrões? Esta é a pergunta que me faço há já algum tempo, e minha convivência com os habitantes de duas das maiores favelas belorizontinas me diz que não é bem assim. Como será o cotidiano destas crianças?

Imagino que, se eu reportar sobre a minha experiência em Lisboa, através das imagens que tenho (fotos e postais), vou criar espaço e motivação para que elas contem como é viver na sua Vila, também através da expressão criativa.

**Descrição:**

As crianças receberam-me com simpatia. Sentamo-nos em roda e utilizamos as cadeiras para ter o apoio para leitura.

Conversamos um pouco sobre os assuntos que trouxeram. Indagaram da saúde da minha mãe. Perguntei sobre o que fizeram enquanto estive fora. Eu estava surpreendentemente calma, querendo apenas estar com eles, desfrutar da energia gostosa das crianças.

Lembrei a eles que este trabalho vai para Portugal. Perguntei se sabiam a localização geográfica de Portugal. Y respondeu de imediato: Europa. W quis saber que língua é falada em Portugal. Expliquei que era português, que o nosso idioma veio de Portugal, com a colonização, e falei sobre a diferença na pronúncia, na escrita e também de alguns termos. N tinha conhecimento do acordo ortográfico recente.

As fotos que despertaram mais atenção foram: uma do Oceanário – queriam entender como era esse aquário gigante e de onde vinham todos aqueles peixes, como eram tratados; todas de Sintra – encantaram-se com o Palácio da Pena, o Castelo dos Mouros, a Quinta da Regaleira; uma foto do elétrico – porque é novidade para eles, uma vez que atualmente não temos em Belo Horizonte este meio de transporte público; uma com a roupa lavada dependurada do lado de fora das janelas, hábito que não temos.

A seguir dividi as crianças em grupos de três e entreguei cinco cópias do livro de Jandira Masur, com ilustrações de Michele, *O frio pode ser quente?* Folheamos bem devagar para que eles pudessem perceber o conteúdo do texto e das imagens. Sugeri que cada criança lesse uma ou duas páginas e assim fizemos.

De acordo com o interesse despertado, detínhamo-nos mais tempo numa ou noutra página. Depois de ler todo o conteúdo, pedi que criassem uma página para completar o livro a seu modo. Cada criança teve tempo para pensar e para criar sua página, inspirando-se naquela que despertou mais sua atenção. Durante a criação, ficaram em silêncio, concentrados e interessados.

Observando a criação, percebi alguns detalhes que passo a relatar. Mi, Mt e W copiaram os desenhos das páginas escolhidas, modificando-os ligeiramente, sem escrever nada.

C copiou parcialmente o desenho para desenvolver sua ideia. Desenhou uma menor e outra maior, apagou também. Vê-se a sombra dos desenhos. Parece-me que andou pensando em várias situações. A seguir desenhou um cachorro e escreveu: “cuidado atrás de você cachorro.” Depois copiou o desenho da página 19, mas deu-lhe outro significado ao escrever a frase: “está com pressa. Por que você não corre antes que acabe o tempo.”

G criou apenas uma frase, e fez bem, porque dispunha de muito pouco tempo para criar, uma vez que sai da oficina meia hora mais cedo. A frase que ele criou foi: “Se

“você tem muita fome, vê uma colher de comida e quando come não sente gosto de nada, você fica meio sem graça”.

JC fez um personagem que tem o hábito de desenhar e disse que ele parecia ser um determinado personagem de seriado televisivo, mas que na realidade era outro imaginário.

N inspirou-se na página: “O amanhã de ontem é hoje, o hoje é o ontem de amanhã.” Fez uma interrogação que ocupou toda a página, escreveu a frase dentro da interrogação e depois coloriu de verde.

Y fez uma reflexão sobre o tempo a partir das páginas 18 e 19, que diziam: “O domingo é tão curto, os outros dias duram tanto. Nas horas eles são iguais, a diferença deve estar naquilo que a gente faz.” Desenhou dois relógios, um deles marcando 12h05 e o outro marcando 8h e escreveu: “Os dois dias estão no mesmo tempo e só estão em velocidades diferentes.” Escreveu no alto da página: “Deus podia fazer uma lei em que o domingo não ficasse muito curto. Os outros dias da semana passassem mais rápido. As festas de domingo durassem muito”. Desenhou uma cruz com uma guirlanda. Escreveu “tempo” em três lugares do papel e fez duas interrogações, uma num sentido e a outra no sentido inverso. O todo pareceu-me interessante como criação.

El desenhou dois jogadores de futebol, Ronaldo e Peitinho e escreveu: curto e comprido. Bom e ruim. Desenhou ainda duas figuras, um cubo e uma pirâmide, o que não me pareceu ter ligação com a proposta, ou não percebi bem a idéia.

A educadora também criou. Tendo por base a questão da diferença das horas, ampliou a pergunta: “por que tudo que é bom dura pouco? Ex: festas, salário, coisas gostosas, momentos de alegria, dia de domingo!”

Ek inspirou-se na página 4: O manso pode ser bravo; criou outra figura tomando um choque elétrico, porém com a frase: “O inofensivo pode ser perigoso.” A seguir desenhou uma criança brincando com um cão e escreveu: “O perigoso pode ser inofensivo.”

Je desenhou duas crianças de costas, olhando a lua, e de frente, com o sol às costas. Escreveu: “quando você gosta da coisa, tudo fica melhor, mas quando você não gosta, tudo fica pior. Quando você gosta, tudo acaba rápido, mas quando você não gosta, parece que não acaba.” Escreveu: páginas 24 e 25, que a motivaram. Diz a página 24: Como será que pode uma colher cheia de doce parecer tão pouquinho que não dá nem para sentir? A página 25 diz: E cheia de remédio ficar tanto que não dá nem para engolir?

Na roda final, fizeram uma avaliação muito positiva da oficina. El afirmou que esta foi a melhor de todas para ele. Perguntei por quê. Ele respondeu que foi porque aprendeu sobre Portugal e porque também gostou do livro. Outros manifestaram-se

no mesmo sentido. Isto me motiva a prosseguir nesta linha, seguindo a demanda do grupo.

### **9ª oficina – 08/04/2010**

**Proposta:** Como as crianças demonstraram grande interesse pelo Oceanário de Lisboa, decidi explorar um pouco mais o tema. Revelei algumas fotos que tinha no computador, de uma visita àquele local. A idéia era mostrar as fotos e deixar que a expressão criativa surgisse a partir da sugestão deles. Levei ao todo 52 fotos.

**Material:** fotos, papel ofício, lápis de cor, lápis preto.

**Participantes:** 8 crianças e a educadora.

**Descrição:** Na roda inicial, depois de conversarmos um pouco sobre o número reduzido de participantes, fiquei sabendo que havia greve nas escolas, e talvez por isso a ausência de algumas crianças.

Olharam as fotos uma a uma, fui comentando, explicando, e eles admiravam e faziam muitas perguntas e comentários. Depois de meia hora nesta exploração das fotos, perguntei o que gostariam de criar.

Decidiram escolher uma foto e desenhar a partir dela. Depois, aos poucos, foram se entusiasmando, uns pediram outra folha, outros foram acrescentando peixes na mesma folha, reproduzindo o Oceanário. Pela primeira vez, desde que as oficinas iniciaram, vi uma qualidade inusitada de atenção, foco e silêncio. Estavam realmente motivados, cada um deles muito compenetrado no próprio desenho. Os trabalhos ficaram bem expressivos.

Y desenhou um tubarão e um peixe de cores muito vivas do Oceano Índico. A educadora ocupou a folha toda nos dois desenhos que fez: uma arraia e o peixe “puf”. Este nome do peixe foi sugerido por W e ela aceitou. W fez três desenhos, todos com dois ou mais peixes. Mt fez um cardume e P uma arraia e um peixe com pintas. JC fez um peixe de listas, uma arraia e por fim desenhou uma menina observando os peixes. G fez uma arraia. Ek fez dois desenhos: no primeiro representou um cardume, uma arraia e o polvo; no segundo, um pingüim na pedra e por último desenhou a lontra.

A meio da oficina, quando as crianças já tinham desenhado um a dois trabalhos, eu disse que poderiam levar as fotos em que se inspiraram. Eles ficaram surpresos, gostaram e continuaram seus desenhos, colorindo-os.

C, no entanto, ao ouvir que poderiam levar as fotos, passou a desenhar rapidamente várias figuras para poder levar mais fotos. A aflição de C era tanta que ele não quis colorir o primeiro desenho. Depois de ver reunidas várias fotos, sentiu-se mais calmo para colorir o segundo desenho. Parecia querer mostrar em casa o que tinha visto ali

na oficina. Não é a primeira vez que ele pede para levar alguma coisa do que eu trago para as oficinas. Fez dois desenhos: um retratando o Oceanário, com pingüins, água viva, arraia, polvo, peixes e outro, que coloriu, com um peixe alaranjado e um detalhe da foto externa do Oceanário.

Ge, ao perceber o movimento de C, também passou a desenhar mais peixes para ficar com mais fotos. Ge elegeu primeiro a lontra, depois o peixe-lua e o tubarão. A seguir, em outra folha, fez uma reprodução do Oceanário, com pingüim, água viva, polvo, estrela do mar, peixes.

Foram os únicos a proceder desta forma. Os demais prosseguiram no ritmo normal. Assim, cada criança levou o que quis, a seu tempo e ritmo e saíram satisfeitos da oficina. Combinamos fazer um painel com as fotos restantes para ficar exposto na ONG. A idéia do painel também foi deles, quando indaguei o que poderia ser feito com as fotos que sobraram.

**Eu comigo:** Esta foi uma oficina que considero positiva. Houve interesse e participação, e ainda por cima pude observar sem interferir na dinâmica individual e do grupo. Com isso, aprendo um pouco mais do mundo interno destas crianças. Apenas observo, sem tentativa de analisar. Deixo que o que percebo ecoe no meu interno para aflorar depois, quando puder refletir sobre o todo desta experiência no contexto da Vila.

## **10ª oficina – 13/04/2010**

**Participantes:** 10 crianças.

**Materiais:** papel tipo cartolina, lãs de várias cores, materiais orgânicos (folhas secas, raminhos, sementes), papel mâché de várias cores, lápis de cor, fotos do Oceanário.

**Descrição:** Na roda inicial, que já se tornou um hábito para eles, conversamos sobre a oficina anterior. Gostaram muito, mostraram as fotos para o coordenador do Projeto e para outras crianças que frequentam a ONG. Gostaram também de mostrar aos pais e familiares e partilhar desta forma o que aprenderam sobre o Oceanário de Lisboa.

Perguntei se ainda queriam fazer o painel com as fotos restantes. Decidiram dividir a turma em três grupos, sendo que um deles ficaria com quatro pessoas. Depois, no desenrolar do trabalho, o grupo formado por C, L, Ek e G subdividiu-se espontaneamente em duas duplas.

Cada painel ficou bem original. Utilizaram como recurso de expressão criativa os materiais que coloquei à disposição, e cada grupo utilizou o que quis e como quis.

O grupo de N, Je e Mi pareceu-me o que mais ousou em termos de criatividade. Decidiram recortar as fotos e criar um cenário bem parecido com o Oceanário, onde

as fotos representaram as pedras e corais, lãs azuis representaram peixes e coloriram o fundo de azul, além de salpicarem papel mâché. Foi um grupo que trabalhou em harmonia, com a contribuição das três, embora a iniciativa de recortar as fotos tenha sido de N. Vi-as estudando e trocando ideias sobre qual pedaço de foto ficaria melhor para compor o fundo do desenho, bem como estudando em conjunto o que mais fariam até o final do trabalho.

O grupo de C, G, L e Ek subdividiu-se em duplas, mas depois as quatro crianças assinaram os dois trabalhos, por isso relato o resultado sem especificar as duplas. Num dos trabalhos, colaram duas fotos, salpicaram papel mâché para representar peixes e utilizaram materiais orgânicos como sementes, anis e folhas secas para representar o fundo do oceano. O outro painel ficou bem interessante: colaram uma foto do peixe-lua, que contornaram com papel mâché e coloriram a cartolina com giz de cera azul.

O grupo de W, Y e JC colou quatro fotos e cercou-as com lã azul. Colaram folhas e ramos também.

**Eu comigo:** Foi uma oficina tranqüila. Ao que parece, vêm aprendendo a trabalhar em equipe: conversaram, discutiram ideias, aceitaram opiniões uns dos outros. W, C e L brigaram um pouco na disputa pelos materiais orgânicos, mas depois conseguiram negociar e chegar a um acordo. As oficinas estão se tornando um momento muito especial para mim e para eles. Acredito que a empatia, o respeito e a confiança vão-se instalando a pouco e pouco.

## **11ª oficina – 15/04/2010**

**Participantes:** 11 crianças e a educadora.

**Material:** Massa plástica de cores variadas.

**Descrição:** Hoje resolvi oferecer um material que ainda não tinha explorado com eles: massinha plástica colorida.

Conversamos na roda sobre assuntos que surgiram, e a seguir perguntei quem gostava de trabalhar com massinha. O entusiasmo das crianças foi muito visível, várias se alegraram, o que me surpreendeu, porque sempre que indaguei sobre preferência por materiais expressivos não mencionaram a massa plástica.

Expliquei a eles que, da mesma forma que eles ficaram conhecendo um pouquinho de Portugal através dos postais e das fotos do Oceanário, seria interessante que eles contassem, criando com a massinha, um pouco sobre a nossa cidade de Belo Horizonte.

Perguntei se conheciam um pouco da história de BH. Como disseram que não, contei-lhes como surgiu a cidade, como foi idealizada por Juscelino Kubitscheck, o

planejamento arquitetônico de Aarão Reis, as antigas fazendas que havia na cidade, e principalmente na região onde eles hoje vivem. Falei sobre a recuperação da praça que fica próximo ao Museu Abílio Barreto, cuja casa de fazenda é preservada e abriga o museu, e a praça reformulada é uma homenagem à antiga Fazenda do Córrego do Leitão. Esta praça tem uma fonte, que reproduz o córrego, e esculturas de leitõezinhos em cimento por toda a praça, além de jardins muito floridos, lembrando o bairro, que se chama Cidade Jardim.

Eles gostaram da sugestão e cada um decidiu livremente o que criar. Curiosamente, representaram várias das nossas praças e nenhum prédio alto, que são a característica maior de Belo Horizonte, cidade moderna de apenas 112 anos de existência. Criaram com interesse e gosto durante uma hora e quinze minutos.

Ek decidiu criar uma representação de Belo Horizonte antiga. A educadora criou a Praça da Liberdade com riqueza de detalhes, Mi fez a praça do Museu Abílio Barreto, S fez o Mineirão, nosso estádio de futebol, N fez a Lagoa da Pampulha, os demais fizeram praças mais indefinidas e casas.

Quando terminaram a modelagem, colocamos todas as criações em exposição para que observassem o conjunto. Olharam com atenção e fizeram comentários. Decidiram colocar em exposição na ONG para que todos os participantes do Projeto possam ver.

## **12ª oficina – 20/04/2010**

**Participantes:** 12 crianças e a educadora.

**Material:** Massa plástica de cores variadas. Dado o interesse das crianças, decidi continuar a explorar o material da oficina anterior, a massa plástica colorida. Desta vez trouxe uma modalidade um pouco diferente. É uma massa feita com material mais natural, mais macia e cheirosa, não tóxica.

**Descrição:** Na roda inicial, conversamos sobre a oficina anterior. Mostraram-se revoltados com as crianças menores do Projeto, que “vêm com as mãos”, no dizer deles. As crianças mexeram nas criações e algumas delas foram danificadas. Conversamos sobre possibilidades de escolher um local de exposição mais adequado, que não sofresse tantas interferências dos menores. Isso porque o local escolhido por eles ficava logo na entrada, que é caminho para o refeitório, por onde passam todas as crianças várias vezes ao dia.

Perguntei por que razão fizeram tantas praças e eles disseram que Belo Horizonte tem muitas áreas verdes. Achei interessante esta visão que eles têm da cidade, porque a mim me parece que ela tem excesso de cimento (inúmeros espigões de mais de 20 andares) e pouquíssimas áreas verdes...

Em decorrência dessa conversa com as crianças, passei a observar melhor a cidade e descobri que todas as nossas ruas são arborizadas. Não temos grandes praças e jardins, como na Europa, mas afinal temos áreas verdes sim...

Mostrei a eles o material para a oficina, e o entusiasmo foi geral. Pedi a eles que, durante o trabalho, observassem a diferença entre esta massa e a da oficina anterior: se era mais plástica, mais fácil ou mais difícil de trabalhar, como era a sensação de toque e cheiro.

Sugeri que na oficina de hoje contassem um pouco mais: que criassem a Vila onde moram, a casa onde vivem. Alguns fizeram a representação da casa sem o teto, para mostrar os cômodos, outros fizeram uma representação da fachada externa e a rua onde moram.

Apreendi hoje um dado interessante sobre o contexto da Vila. Ao descrever o que fizeram, na roda final, pude perceber que as famílias constroem moradias bem próximas umas das outras. Várias crianças disseram, por exemplo: esta é minha casa, esta é da minha avó, esta é do meu tio... ou seja, o núcleo familiar mantém-se mais próximo, morando ao lado uns dos outros, o que não ocorre nas famílias de classe média ou classe média alta, exatamente pelo contexto social. Na verdade, as vilas de Belo Horizonte, antigamente denominadas de favelas, são construções irregulares, não aprovadas pela Prefeitura Municipal, e as famílias vão construindo novas habitações para os filhos à medida que eles crescem ou se casam, no mesmo terreno que antes era dos pais, originando com isso os becos e ruelas entre as construções, onde é impossível a circulação de automóveis.

O resultado final da oficina, em termos de expressão criativa, foi muito rico e revelador da condição de cada criança. C, Mt e L não quiseram representar a casa deles, preferiram criar a rua, pessoas, uma praça da Vila.

### **13ª oficina – 22/04/2010**

**Proposta:** Contar uma história a partir de gravuras de revistas.

**Participantes:** 13 crianças.

**Material:** Gravuras, canetinhas, lápis de cor, lápis preto, cola branca, papel ofício.

**Descrição:** Hoje trouxe gravuras e uma proposta: vamos contar uma história a partir das gravuras? Pode ser escrita, colada, desenhada com lápis preto ou de cor, canetinhas, o que decidirem.

Aceitaram de pronto, e passamos à escolha das gravuras. Cada criança pegou aleatoriamente duas gravuras do monte que eu trazia nas mãos. Circulei no meio das carteiras, e cada criança pegou as suas. Alguns quiseram trocar uma, duas vezes,

outras gostaram das que pegaram. O resultado da expressão criativa foi bem diversificado.

G colou três figuras e contou uma pequena história. Dizia assim. “Ontem eu passei de Jet-ski com minha mãe, meu pai e família e fui com estes óculos e no hotel que eu fiquei tinha essas quadras.” (erros ortográficos mantidos).

Mi viu a foto de uma mesquita marroquina e fez uma comparação com as igrejas de Minas Gerais. Escreveu: “Em Minas Gerais as igreja são grandes são cheias de pessouas os padres se vestem de branco e de roxa. Em Marrocos tem mesquita”. (erros ortográficos e de pontuação mantidos). A segunda gravura era de uma extração de borracha na Amazônia. Desenhou uma árvore e escreveu: “A árvore borracha serve para fazer as borrachas que usamos hoje. Mais para fazer pneus à base de outras coisas.” Na verdade, Mi não conseguiu se soltar do racional e deixar fluir as ideias. Ela cria timidamente, com muita cobrança interna, sempre diz que não sabe desenhar. Parece-me que não aprecia o que faz e impede-se de explorar os materiais.

El divertiu-se criando falsas conexões entre as imagens. Intitulou o todo de “coisas malucas”. Colou as gravuras, intercaladas com sinais de adição (+ e =) como se, adicionando-as umas às outras, resultassem na última. O resultado final ficou original, criativo e bem-humorado. Fez uma folha frente e verso e uniu duas folhas através de um recorte de revista, conseguindo se diferenciar dos demais exatamente porque se permitiu brincar com as ideias e imagens.

S criou “A história enventada” (erro ortográfico mantido). Colou uma gravura sobre o Pantanal, mas, tal como Mi, ateu-se ao racional. Sua “história enventada” é uma descrição de cada animal, que ele retirou do artigo da revista. Mas, a seguir, soltou-se no desenho e fez um bom trabalho expressivo a partir da foto de um papagaio e escreveu: “É um animal chamado papagaio conhecido por todas as pessoas brasileiras.”

Ek partiu do recorte de duas imagens: uma jovem e um cavalo. Criou uma história em quatro partes, com frases e desenhos, que intitulou de “A grande corrida”. Diz a história: (todos os erros ortográficos e de pontuação foram mantidos). “1ª parte: Um dia chuvoso Joaquina estava voutando da casa de sua tia Lucose. 2ª parte: Passou 10 anos ela voutou. No camilho ela encontrou um filhote de cavalo. 3ª parte: Ele creceu e gostava de assistir corrida até que a corrida chegou a cidade dele ele queria participar. 4ª parte: Ele treino o dia chegou. Ele estava perdendo mas pensou na Joaquina e correu com toda a velocidade e venceu!!!”

Acho simplesmente encantador esse mundo da criança, onde os animais pensam, têm sentimentos... Ek foi o que mais produziu, em termos de elaboração de ideias e escrita de texto, além de desenhar passo a passo a história que narrou. Penso que teve motivação e gosto de criar.

Je fez duas histórias, frente e verso da folha, uma para cada gravura. Na primeira, ela leu a reportagem da revista, colou a gravura e comentou resumidamente o que leu: “Em Minas Gerais foi posto uma lei que fala que agora a educação vai começar desde dos 5 anos. Pois as crianças vam desenvolver mais desde dos 5 anos aprender mais e ser mais adiantados nas notas, provas, exercícios etc. Assim pensam melhor das escolas e não pensam mais nas drogas etc.” (erros ortográficos e de pontuação mantidos). Na segunda, deixou o esforço criativo de lado, colou a imagem e copiou parcialmente a reportagem a respeito do furacão Katrina.

Mt colou as imagens e copiou o texto da página. Mt sempre investe muito pouco na criação, mas deixou de lado a postura de “bagunceiro” e vem participando das oficinas.

L colou as imagens, interligando-as entre si e com o texto. Avisou que não queria escrever nada. Depois fez um retângulo e desenhou ali uma abelha. Mesmo abstendo-se de maiores vãos na criação, fez um trabalho ordenado, limpo, didático, simétrico.

Ge fez uma brincadeira ao correlacionar jogadores de futebol e alimentos. Escreveu: “Ronaldo + comida = gordo.” No verso do papel, colou três figuras: um jogador, um prato de iscas de peixe e duas garotas na praia e fez uma interligação entre as imagens: “jogador + comida = neném”. Por cima deste lado da folha, colou outra, inteiriça, com um desenho e anúncio de um telemóvel com mp3, e escreveu: “menores de 18 anos”.

P colou imagens frente e verso da folha. Na primeira, uma porção de peixe cozido com molho de alcaparras. Escreveu: “Gostosura”. Qué um pedaço?” (erro ortográfico mantido). E fez uma expressão de quem realmente gosta deste tipo de alimento. No verso, colou uma imagem do Brad Pitt no papel do personagem do filme. Escreveu: “O gradiador”. (erro ortográfico mantido). E escreveu ainda, como se fosse a fala do personagem: “Não mexe comigo! Se mexe morre!”

Y chegou um pouco atrasado e por isso não se inteirou bem da proposta. Copiou a nota de uma revista sobre Fortaleza e a seguir fez um desenho limpo, claro e harmonioso.

C teve bastante trabalho para criar sua história. Primeiro elegeu quatro personagens. Colou três carinhas, que nomeou: Lucas, Vítor e Júlia. Desenhou o quarto personagem, que chamou de Ester. Depois saiu da carteira onde estava sentado e foi continuar o trabalho no chão. Ali ficou durante um longo tempo, entretido e atento. Escreveu textos e colou imagens para completar o texto, interligando-os através de linhas. Escreveu: “Lucas estava assistindo na (colou a imagem de uma TV) Record. Vítor estava querendo comer (colou um lanche). E depois Vítor ganhou um (colou um troféu) de tanto comer lanche. E depois o pai dos meninos (a) começou a briga por dinheiro.” (colou uma imagem com duas caras e dinheiro ao fundo). Por último, colou duas vacas e disse que eram do L e do Ek. Ou seja, conseguiu criar alguma

conexão no início, mas depois se perdeu com as imagens das vacas. Não quis comentar seu trabalho na roda final.

W surpreendeu-me com sua facilidade para olhar uma imagem e transpor para desenho. Fez uma vaca em pormenores com muita facilidade, mas a seguir desmanchou-a, refez, desmanchou e por fim deixou ficar um desenho bem menos elaborado. Fez o mesmo observando um rosto estampado numa gravura. Incentivei-o a confiar mais nele mesmo, disse-lhe que poucas pessoas conseguem desenhar com esta facilidade, e que não desmanchasse tanto seu desenho.

Na roda final, expusemos todos os trabalhos e cada criança apresentou o seu. Fiz comentários ressaltando aspectos positivos e incentivando maior soltura e ousadia para criar.

**Eu comigo:** Esta foi a oficina mais descompromissada em termos de estrutura. Venho passo a passo saindo do papel de facilitadora e deixando que eles criem a partir do material sugerido.

Hoje aconteceu algo diferente: atrasei-me dez minutos e quando cheguei eles já estavam à minha espera, sentados nas carteiras na disposição em que elas habitualmente ficam, encostadas nas paredes da sala. Sentei-me numa delas e um dos meninos foi logo dizendo: vamos fazer a roda? Eu disse que sim, e os outros imediatamente puxaram as carteiras formando o círculo. O convite para a roda, que a princípio relutaram em aceitar, agora parte deles e é prontamente aceito, o que me deixa apaziguada e feliz.

Vê-los interessados, motivados e buscando expressar suas ideias com espontaneidade é muito gratificante.

Quando as crianças saíram, tive o retorno da educadora, que me disse que as oficinas a cada dia fluem melhor, e que as crianças estão gostando.

#### **14<sup>a</sup>, 15<sup>a</sup> e 16<sup>a</sup> oficinas – 27/04, 04/05 e 06/05/2010**

**Proposta:** Sequência de dobraduras de Origami, cartão para o Dia das Mães.

**Materiais:** papel ofício, papel fantasia, papel encorpado, giz de cera, lápis de cor, canetinhas, régua, borracha.

**Participantes:** 13 a 14 crianças em cada oficina.

**Descrição:** Em função da proximidade do Dia das Mães, que no Brasil comemora-se no segundo domingo do mês de maio, cometi um erro e colhi aprendizado. Eu já estava conseguindo deixar fluir a criatividade das crianças, limitando-me a dar poucas diretrizes e a oferecer o material para elas. Mas, na intenção de criar alguma

prenda para oferecer às mães, lembrei-me da técnica do Origami, arte da dobradura em papel que exige disciplina, concentração e capricho. Ou seja, decidi desafiá-los em algumas dificuldades que percebo no grupo: dificuldade de ouvir, dificuldade de concentração, cuidado com detalhes, e de certa forma atropelou o ritmo do grupo em vez de respeitá-lo.

Levei um livro didático, que ensina a fazer Origami e lancei a idéia: vamos tentar fazer dobraduras como os japoneses? Naquele livro havia a dobradura de uma caixa no formato de estrela que poderia ser uma prenda singela e de baixo custo para oferecerem às mães, porém não revelei isto de imediato, pois queria primeiro ter certeza de que eles estariam motivados para aprender a técnica. Como havia no livro dobraduras de peixes, pingüins e aves, eles gostaram da idéia e resolveram experimentar.

Levei este livro no dia 22 de abril e no dia 27 propus construirmos a primeira dobradura do livro, a mais fácil em termos de execução, que era um pato. Aconteceu, no entanto, que neste dia tiveram aula de capoeira antes da nossa oficina e chegaram excessivamente agitados. Durante toda a oficina falaram junto comigo e foi difícil ensinar a dobradura. No final, todos fizeram dois patos, mas eu saí com a sensação de que não tinham compreendido e muito menos aprendido.

Na roda final, lancei o desafio: vamos ver quem consegue trazer vários patinhos na próxima oficina? Naquela quinta-feira não fui (29/04), ganhando tempo para refletir melhor e tentar perceber o que tinha dado errado.

Quando cheguei na outra terça-feira, dia 04 de maio, eles espontaneamente levantaram o assunto e assumiram que tinham perturbado propositalmente a oficina. Conversamos com tranquilidade sobre isso e voltei a perguntar se eles gostavam das oficinas e se queriam continuar. Disseram que sim.

E, para minha surpresa, quando afirmei que, com tanta bagunça eles não tinham aprendido, eles discordaram e disseram que sabiam fazer o patinho. Eu então busquei uma folha de papel para cada um e pedi que fizessem a dobradura e brinquei: “Ah, é? Aprenderam no meio daquela bagunça toda? Então eu quero ver esta mágica...”

Eles riram, divertidos, e fizeram rapidamente os patinhos. Mais: ensinaram para as crianças que faltaram à oficina anterior. No final da atividade, perguntei: “Quer dizer então que vocês conseguem conversar, fazer bagunça e aprender, tudo ao mesmo tempo? Isso para mim é um mistério!”

Eles riam e concordavam. Uma das meninas, Je, treinou em casa e trouxe uma montagem: um lago cheio de patinhos, feito com todo capricho.

Nesta oficina, ensinei a fazer a dobradura de um cata-vento, que é um pouco mais complexa e prepara para a seguinte, que seria a caixa-estrela para as mães. Eles fizeram o cata-vento com facilidade.

Algumas crianças têm mais dificuldade de compreender os passos da dobradura. Mostrei individualmente como fazer, procurando incentivá-los. Outros têm verdadeira impaciência e camuflam a dificuldade através da conversa.

No final da oficina, perguntei se gostariam de tentar fazer a caixa-estrela ou se preferiam fazer um cartão para as mães. Uns optaram pelo cartão, e a maioria pela caixa. Na oficina seguinte, do dia 06 de maio, cheguei mais cedo e levei material para as duas atividades: a caixa e o cartão.

Fizemos primeiro a dobradura em um papel ofício para treinar. Estavam novamente agitados e conversando muito. Foi preciso mostrar individualmente os passos da dobradura e enquanto mostrava a um, os demais falavam muito alto, faziam uma balbúrdia.

Feita a caixa no papel ofício, entreguei a cada um uma folha de papel mais encorpado, de cor rosa, para fazerem o cartão. Coloquei à disposição os seguintes materiais: giz de cera, lápis de cor, canetinhas, régua, borracha.

Criaram a seu gosto, sem nenhuma interferência da minha parte. Neste momento, ficaram concentrados e em silêncio relativo (sempre há algum que conversa). Ficaram satisfeitos com o resultado.

A seguir, fizemos a caixa-estrela em folhas de papel-fantasia e novamente fizeram a maior balbúrdia, falaram junto comigo. Algumas dobraduras ficaram muito bem feitas, outras refletiram o grau de impaciência daquela criança.

### **17ª oficina – 11/05/2010**

**Eu comigo:** Hoje tive uma surpresa e um retorno feliz: uma das crianças pesquisou na Internet e aprendeu a fazer mais dobraduras. Trouxe uma dobradura de dinossauro (Vide CD), bem complexa, que ensinou a algumas crianças que quiseram aprender. Se uma criança se interessa e cria espontaneamente, no meu modo de sentir, foi válida a oficina.

**Proposta:** Construção de uma história em quadrinhos a partir do conto africano “O homem sem sorte”, que se encontra no Caderno de Contos do Projeto Convivendo com Arte, pp. 98-100.

**Participantes:** 12 crianças.

**Materiais:** Quadrinhos de papel-cartão, cola colorida, lápis preto, borracha, canetas hidrográficas.

**Descrição:** Hoje a educadora não foi e por isso os meninos queriam ter ficado na quadra para brincar. Indaguei que ligação tinha a falta dela com a nossa oficina. Se eu estava lá, obviamente o horário seria da oficina. Perguntei uma vez mais quem

gostava da oficina e vários levantaram o braço em sinal de adesão. Perguntei quem detestava e ninguém se manifestou. Perguntei quem gostava mais ou menos. Três meninos se manifestaram, dizendo que preferem jogar futebol. Percebi que eles gostam de atividades mais agitadas, que demandam mais energia, quando criticaram a aula de capoeira nos dias em que é mais lenta. Perguntei se de agora até o final das nossas oficinas, em junho, queriam aprender alguma técnica ou aprender a reciclar materiais. Não manifestaram grande interesse.

Na realidade, quando a educadora não está presente, o interesse maior deles é desafiar a minha autoridade, explorar os limites do nosso relacionamento. Há três crianças que insistem em perturbar os trabalhos, levantam-se, gritam, provocam outras crianças. Mas ontem o grupo reagiu, vários se manifestaram chamando a atenção deles. Minha atitude nessas horas é sempre de fazê-los ver que, agindo assim, prejudicam a todos e tento incentivá-los a participar das atividades e cooperar com o grupo.

Estabelecido o silêncio, propus a atividade do dia: a construção de uma história em quadrinhos a partir de um conto. contei o conto, que eles ouviram com atenção, e divertiram-se com o final inesperado. Propus que combinassem entre eles o que cada um faria para termos a história toda reproduzida em forma de desenhos. Não houve, no entanto, grandes diálogos. Cada um anunciou o que iria fazer, chegando mesmo a tons de voz mais agressivos para impor sua escolha. Criaram à vontade, alguns desenhando primeiro com lápis preto, outros utilizaram canetas hidrográficas e outros usaram cola colorida. Os resultados ficaram bem interessantes, pelo recurso à cola colorida. Na próxima oficina vamos iniciar observando os trabalhos e verificando se conseguiram reproduzir a história e conversar um pouco sobre interação grupal.

## **18ª oficina - 13/05/2010**

**Proposta:** Oficina de jogos e brincadeiras

**Estrutura:** Na roda inicial, o grupo tenta recontar a história da oficina anterior pela escolha e disposição dos trabalhos expressivos.

A seguir, uma sequência de jogos e brincadeiras, todos com o objetivo de trabalhar a capacidade de atenção:

1. **Lá vai:** Este jogo inicia-se com os componentes do grupo sentados em círculo. O facilitador inicia o jogo com uma frase que pode ser: “Lá vai a banda”, e todos a repetem, um a um. A seguir, o facilitador acrescenta nova frase e todos repetem, e assim por diante, até que a sequência de frases seja suficientemente complexa para exigir a atenção de todos os participantes.
2. **Percepção de si e do outro:** Dois participantes oferecem-se como voluntários. Ficam frente a frente e se observam por um minuto sem verbalização. A seguir, ficam de

costas um para o outro e o grupo faz perguntas, ora para um, ora para o outro, sobre a indumentária ou outro detalhe do companheiro que observou.

**3. Jogo das palmas:** O grupo anda pela sala aleatoriamente. O facilitador bate palmas para indicar subgrupos que os componentes deverão formar de acordo com o número de palmas. Exemplo: se o facilitador bater três palmas, formam-se grupos de três. Saem do jogo os que não conseguirem entrar nos subgrupos.

Roda final.

**Participantes:** 12 crianças.

**Descrição:** Iniciamos a oficina com a roda de conversa. Comentamos sobre a última oficina e sobre o comportamento deles. Os que fizeram bagunça desculparam-se como de hábito. Perguntei também sobre o presente que fizeram para as mães. Um deles contou que a mãe ficou emocionada e os demais disseram que elas gostaram.

Propus observarmos os desenhos da “história em quadrinhos” da oficina anterior. Distribuí aleatoriamente os quadradinhos a todas as crianças, para que elas montassem a história no chão, no meio da roda, de acordo com os desenhos que tivessem em mãos. Cada um saberia a melhor hora de encaixar seus quadradinhos.

Mantiveram-se interessados e participativos. Dois deles, espontaneamente, sentaram-se no centro da roda para ir posicionando os quadrados à medida que os demais iam levando para eles. O curioso é que conseguiram representar graficamente todo o enredo, com diversas expressões criativas sobre os principais fatos e personagens do conto.

Foram criados 31 quadrinhos. Y fez três desenhos representando a fase inicial do personagem principal. Dois deles com lápis preto, o primeiro para acentuar o tom de queixume e no segundo para representar a solidão em que o personagem se encontrava. O terceiro desenho, quando o personagem decidiu reagir e buscar respostas para os seus problemas, ganhou a representação de uma lâmpada, a cor amarela e a frase: “já sei!”.

JC também fez o personagem principal, com uma roupa muito parecida com a que eles gostam de vestir: boné, jeans, pulseira. Uma criança representou a floresta que o personagem decidiu explorar e nesta floresta representou os outros personagens e a casinha acolhedora que aparece na história. A personagem da árvore foi a favorita nos desenhos: foram feitos dez quadradinhos, seis representando o 1º encontro com a árvore e quatro representando o 2º diálogo, no retorno do personagem principal.

O lobo despertou a atenção de seis crianças, sendo que quatro representaram o lobo sofrendo e dois fizeram a pintura da última cena da história, quando o lobo salta sobre o personagem. Seis crianças fizeram a luz que representava o Criador, na imagem de um sol bem brilhante. Dois desses desenhos têm olhos, nariz e boca. A árvore também foi humanizada, tanto com ar feliz quanto com ar sofredor. A casinha

acolhedora despertou a atenção de três crianças e somente uma delas fez a casa do Criador.

Todos gostaram de participar da montagem e também do resultado final. Percebi que eles aprenderam o conto. Fomos recordando a história a cada desenho colocado no meio da roda.

A seguir, perguntei quem gostava de jogos. O entusiasmo foi geral. Propus brincarmos hoje, fazendo três jogos. Começamos pelo “Lá vai”. Aderiram repetindo em coro, alguns com mais facilidade, outros com mais dificuldade. A meio da brincadeira, todos tinham entendido. W e Ge reclamaram da dificuldade. Terminada a sequência, Y iniciou outra espontaneamente. Disse uma frase a título de proposta, e eu repeti para incentivar os demais. Repetimos e ele conseguiu criar uma sequência com três frases. JC também propôs e tentamos repetir. O clima era de riso e descontração.

Terminada esta brincadeira, fizemos a segunda, que foi a de percepção de si e do outro. Esta foi muito fácil para eles, ninguém errou nada e não despertou muito entusiasmo. A terceira brincadeira foi o jogo das palmas. Divertiram-se formando os grupos e os que saíam não gostavam muito.

Por último, deixei-os livres para sugerir o que fazer com o tempo restante. As duas meninas preferiram desenhar e me ofereceram o desenho. Um grupo de quatro crianças brincou o jogo de palmas Pedro, Pedro, Paulo, Paulo e divertiram-se bastante. Os demais voltaram-se para a construção de objetos com o lego. Eles parecem gostar muito dessa atividade com lego.

Notei que Ge fez uma metralhadora em tamanho natural. Não é a primeira vez que ele retrata armas (no desenho e agora na construção de objeto). Outros fizeram caminhões e garagens.

Na roda final, fizemos a avaliação desta oficina (que agradou a todos) e das anteriores. Pedi que apontassem qual tinha sido a melhor. Citaram várias: a de construção de personagem em grupo e individual, a do paladar, as do Oceanário de Lisboa, a de adivinhar objetos.

Perguntei se, nas próximas oficinas, querem reservar uma parte do horário para jogos e brincadeiras. Adoraram a proposta.

**Eu comigo:** Penso que agora encontrei o rumo com estas crianças. Finalmente percebi, ao vê-los brincar com tanta alegria e espontaneidade, o quanto ainda são crianças que gostam de BRINCAR. O rumo é a brincadeira e o jogo.

Também parecem gostar muito do lego. Já havia percebido isso no dia anterior. Como terminei quinze minutos antes do horário normal, foram ficar na sala de outra educadora. Quando terminei de organizar a sala, passei por eles e vi-os todos sentados no chão, em silêncio, muito interessados em construir formas no lego.

Penso que esta é uma outra atividade para explorar (em grupo). Acho importante criar oportunidades de interação entre eles.

### **19ª oficina – 18/05/2010**

**Proposta:** Oficina de jogos e brincadeiras e construção de um painel coletivo. Atendendo à demanda do grupo, pretendo sugerir hoje três brincadeiras para o início da oficina. Como às terças-feiras eles estão na quadra, vou fazer a oficina lá mesmo.

#### **Brincadeiras:**

1. Pedro, Pedro, Paulo, Paulo. Trata-se de um jogo de palmas em que cada participante chama os demais, que devem repetir a fala anterior e chamar novo participante. Quem erra sai do jogo.
2. Amigos de Jó. Jogo em que se passa um pequeno objeto, que pode ser uma tampinha de refrigerante, executando uma pequena coreografia enquanto se canta a música folclórica “Escravos de Jó”.

As duas brincadeiras permitem trabalhar o ritmo e a atenção.

**Painel coletivo:** A proposta é que as crianças comecem a desenhar simultaneamente em diferentes partes do painel. Passados alguns minutos, bato palmas e eles trocam de lugar, interferindo no trabalho uns dos outros, de forma a que resulte uma criação do grupo. Com isso, pretendo incentivar a interação e diminuir as cobranças internas que algumas crianças têm já bastante exacerbadas.

**Descrição:** Cheguei mais cedo, por volta das 13h, para conversar com a educadora. Queria trocar ideias e perceber melhor a realidade destas crianças. Conversamos sobre o meu trabalho com as crianças, e o que eu mais queria saber era se elas têm a mesma dinâmica com outros educadores, se há um determinado padrão de comportamento e motivação, ou se se comportam de modo diferente nas oficinas.

Já há algum tempo eu me sentia muito incomodada com as advertências sobre as crianças. A educadora sempre dizia a eles, antes das oficinas: “se não comportarem direito na aula da Márcia, vão perder a quadra”. Isto me incomodava porque parecia-me ir em direção oposta ao meu entendimento de que elas devem ser livres para escolher estar na oficina e devem participar espontaneamente, movidas pelo gosto e interesse.

A educadora explicou-me que esta é uma prática corrente na casa e que é a forma que as educadoras utilizam para colocar limites em todas as atividades, porque não têm outros meios. São crianças, segundo ela, tratadas em casa com excessivo rigor, os pais batem nelas, por isso os educadores tentam resolver as questões menores sem chamar os pais para conversar e só chamam quando acontece algo realmente sério.

Conversamos também sobre quem são os moradores desta vila, mas pretendo retomar essa conversa em outro dia com calma e tempo, para compreender melhor esta realidade.

No decorrer da conversa, ela me avisou que somente cinco crianças estavam presentes. Algumas tiveram que voltar para casa porque chegaram atrasadas e outras tinham médico ou dentista. Resolvi adiar o painel coletivo para outro dia e fazer a mesma atividade com as peças de lego, ou seja, propor uma construção coletiva com as peças de lego. Para isso, teriam de conversar entre eles e chegar a um acordo sobre o que construir e como construir.

Quando cheguei à quadra, vi que afinal havia nove crianças, mas mantive a proposta do lego, pois já tinha deixado o papel Kraft e demais materiais na sala.

Iniciamos a oficina com as brincadeiras. A primeira foi Pedro, Pedro, Paulo, Paulo. Sentados em círculo, jogamos várias vezes na tentativa de que todos acertassem, mas não conseguimos. Sempre havia alguém que errava. Divertiram-se, mas percebi que alguns se intimidam ao errar, e outros gostam de expor os que erram ao ridículo.

A segunda foi “Os amigos de Jó” e demoramos a entrar numa cadência que fosse até o final da canção. Também aqui havia as crianças que não acompanhavam a coreografia.

A seguir, propus a construção coletiva com as peças de lego. Expliquei que eles deveriam conversar entre eles para decidir o que fazer e que era importante que todos participassem.

L sugeriu a construção de um castelo, JC a de caminhões. A ideia de construir o castelo entusiasmou os demais. Mas o “como” fazer revelou novamente a dinâmica do grupo: há sempre alguém que lidera. Hoje foi Y, que pegava as peças muito rapidamente e foi erguendo colunas. Os demais começaram a cooperar e a procurar as peças, passando-as para ele. Enquanto isso, L fazia sozinho o contorno do castelo, que no final da construção serviria como muralhas.

N irritou-se em menos de cinco minutos e decidiu fazer um castelo sozinho, só que em versão menor. Mi encolheu-se e disse que não ia participar. Ek mostrou-se intimidado e passivo, depois decidiu ajudar N. Com isso, Mi aderiu e formou-se um grupo de três pessoas e o outro com seis.

Só depois de algum tempo as crianças começaram a entrar em um acordo, e passaram a conversar e a ouvir sugestões uns dos outros. Mantiveram, porém, os dois grupos.

Durante o processo, mostrei-me interessada sem interferir na dinâmica, confiando que o grupo agiria como desse conta e que o resultado final seria aquele que o grupo fosse capaz de criar. Na roda final, pedi que se expressassem. N reclamou do grupo,

os demais não viram por que razão ela se excluiu. Ficaram satisfeitos com o resultado, cada qual entendendo que contribuiu para a construção do castelo.

## **20ª oficina – 20/05/2010**

**Proposta:** Oficina de jogos e brincadeiras e construção de painel coletivo.

**Objetivo:** Propiciar oportunidades de brincar e de interagir em grupo.

**Participantes:** 14 crianças.

**Materiais:** Papel Kraft em metro, giz de cera.

**Descrição:** Na roda inicial, perguntei a cada um dos ausentes na oficina anterior o motivo de terem faltado. El foi muito sincero, disse que nesse dia estava com preguiça. Realmente, vi-o caminhando pela rua ao se dirigir à ONG. Vinha devagar, quase pedindo para ser barrado na entrada do prédio por atraso, que foi o que acabou por acontecer. Mt disse que preferiu soltar pipa junto com seu irmão, porque não gosta da aula de capoeira, que antecede nossa oficina. Je explicou que teve de ir para o trabalho da mãe devido à greve dos professores. P vem muito pouco.

Levamos dez minutos para começar, cinco minutos à espera de que fizessem silêncio para que eu então pudesse propor as atividades do dia. São crianças agitadas e têm o mau hábito de falar todos juntos, e interferem na minha fala dando gritos, perturbam a meu ver no intuito de chamar atenção.

Mesmo assim, conseguimos iniciar e fazer duas brincadeiras, que descrevo a seguir. Na primeira, tratava-se de “seguir o chefe”. Uma criança voluntária saía da sala e nesse momento escolhíamos um(a) chefe, que seria a pessoa a iniciar um movimento espontâneo que o grupo deveria imitar. Quando a criança retornava à sala, deveria tentar descobrir quem era o chefe. Esta brincadeira transcorreu de maneira tranqüila e todos participaram espontaneamente e com alegria.

Terminada esta brincadeira, precisei esperar novamente pelo silêncio para que me ouvissem e compreendessem a brincadeira seguinte. Expliquei que deveriam escrever nomes conforme preferissem: de pessoas ou de plantas, animais, etc. Sugeriram nomes de jogadores de futebol, mas logo a seguir decidiram por nomes de animais. Os nomes foram escritos em pedacinhos de papel, dobrados e me foram entregues. Cada criança, por sua vez, tentaria adivinhar o animal correspondente ao papel que sorteava ao entrar no meio do círculo. Com uma fita e um prendedor de papéis improvisei um cordão. A criança que se oferecia para adivinhar o animal colocava o cordão voltado para as costas, com o papel já agora aberto para as outras crianças lerem. Tinha de fazer perguntas sobre o animal para as outras crianças até conseguir descobrir.

As crianças tiveram de início dificuldade em fornecer somente as informações solicitadas, logo à primeira pergunta davam respostas muito completas que caracterizavam bem o animal e a pessoa descobria de imediato. Talvez tenham feito isso propositalmente, para chegar logo a sua vez de adivinhar. No entanto, todos tiveram sua vez.

Novamente aconteceu uma grande dificuldade para iniciar a atividade seguinte. Fiz a proposta de construírem o painel coletivo, eles aceitaram, e então, como o papel Kraft não era grande o suficiente para desenharem simultaneamente as 14 crianças, dividi a turma em dois grupos, que se revezariam a cada cinco minutos na produção do painel. A intenção era de uma criação coletiva, na qual cada criança poderia interferir e modificar o desenho iniciado pelo colega.

Penso que foi um erro, pois, executada desta forma, a atividade exacerbou algumas características do grupo e o clima tornou-se tenso, cheio de críticas, intimidações e provocações por parte de algumas crianças que iniciaram o painel e não queriam se desapegar de suas criações, passando a pressionar as crianças do segundo grupo para que não modificassem os seus desenhos e até mesmo as cores que utilizaram. Em vão eu tentava lembrá-los que agora o momento de criação pertencia ao segundo grupo e que estes poderiam criar à vontade.

Passados os cinco minutos do segundo grupo, a primeira turma retornou e cada criança deu continuidade ao seu trabalho individual. Mais cinco minutos e voltou o segundo grupo. Mostrei a todos que faltava unidade ao painel e sugeri a este grupo que criasse essa unidade utilizando os recursos que julgassem necessários.

Nesta hora, uma das meninas coloriu o fundo na parte central do painel, e procurou um tom de azul aproximado do que o colega utilizou no desenho. Este não gostou, ameaçou-a e passou a criticar a menina com agressividade. Mt aderiu e começou a provocá-la também. Ela a certa altura reagiu com muita raiva e agrediu Mt fisicamente, com socos e ponta-pés. No outro lado da sala, L provocou W e este também reagiu com agressividade e acabou por envolver JC na briga. Acredito que vários fatores contribuíram para desencadear tanta violência. Um deles é o sentimento de posse do trabalho criado. Outro pode ser uma questão de afirmação pessoal perante o grupo. Outro é que eu não tenha tido habilidade para facilitar a expressão criativa de modo a não possibilitar que chegassem a esse nível de agressão. Foi, no entanto, tudo muito rápido e não consegui evitar que se agredissem.

O que percebo é que estas crianças provocam umas às outras o tempo todo e também reagem com agressividade verbal e física a toda e qualquer provocação. Sentem também necessidade de desafiar figuras de autoridade, no caso as educadoras em geral, incluindo-me neste papel. Parece-me que espelham a nossa sociedade competitiva e individualista e que, dado o contexto da vila em que moram, aprendem desde muito cedo a serem endurecidas, ríspidas, impõem-se pela força e são provocativas no intuito de intimidar os demais.

A construção deste painel evidenciou também para mim que eles não gostam que os outros interfiram na sua criação. Isto é bem complicado para eles. Os integrantes do primeiro grupo, quando voltavam a criar, davam continuidade ao seu próprio desenho e quando estavam de fora coíbiam o segundo grupo, que acabou por se sentir intimidado e ousou muito pouco.

## **21ª oficina – 01/06/2010**

**Participantes:** 13 crianças.

**Proposta:** Construção de novo painel com tema a ser escolhido por eles.

**Objetivo:** Propiciar nova oportunidade de interação grupal e criação coletiva.

**Materiais:** Papel ofício, lápis de cor, lápis preto, papel Kraft em metro.

**Descrição:** Na semana anterior não tivemos oficinas em função de outras programações da ONG. Retomamos o percurso com uma interferência pontual do coordenador do projeto. Na oficina anterior, algumas crianças extrapolaram os limites da civilidade, agredindo-se verbal e fisicamente. Não consegui encerrar a oficina e precisei conversar com a educadora e com o coordenador sobre o ocorrido. Entendo que há uma grande diferença entre liberdade de expressão simbólica e a expressão de sentimentos e pensamentos que se traduzem em comportamentos francamente hostis.

Como são crianças em formação, pareceu-nos adequado retomar o ocorrido, após uma semana, quando os ânimos já não estão exaltados e há possibilidade de procurar a compreensão dos motivos que levaram as crianças a agir daquela forma agressiva.

O coordenador me deu a palavra e eu iniciei comunicando ao grupo minha intenção de procurar compreender o que aconteceu naquele dia. Fiz um breve resumo da proposta daquela oficina: a construção de um painel com a participação de todos, em que cada criança, ao criar, poderia modificar ou transformar o desenho do companheiro. Recordamos que eram dois grupos. Indaguei quem pertencia ao primeiro grupo e quem pertencia ao segundo. Pedi que relatassem o que aconteceu. Perguntei aos integrantes do primeiro grupo se se lembravam de terem coagido os colegas que tentavam dar sua contribuição modificando o desenho iniciado por eles. Eles negaram, mas os integrantes do segundo grupo confirmaram que sofreram pressões.

A seguir, o coordenador teve uma conversa de aproximadamente 15 minutos sobre a necessidade de aprenderem a argumentar sem agredir. Mostraram-se aparentemente entediados, os olhos baixos, e alguns fizeram movimentos para tentar desviar o foco da conversa. Não me pareceram interessados, porém o comportamento deles melhorou sensivelmente depois desta conversa. Duas crianças, no entanto, assim que

foi distribuído o material expressivo, voltaram a se agredir fisicamente (as que sempre agem assim) e por isso o coordenador retirou-os da oficina e comunicou aos pais. Talvez o que eles mais temem seja a ameaça de chamar os pais e comunicar o que fazem de errado na ONG, pois têm medo da punição.

Passamos à discussão da atividade do dia. Com a proximidade da Copa, optaram por fazer um painel com este tema. As ideias, no entanto, não afluíam. Propus então que criassem desenhos individuais para discutir o que colocar em seguida no painel. Os desenhos criados representaram um campo de futebol com os times, as bandeiras do Brasil e da África do Sul, o troféu da Copa, o escudo da camisa do Brasil e a camisa 10.

O tempo da oficina foi mais curto devido à conversa inicial e por isso limitamo-nos à criação individual, deixando o painel para a oficina seguinte.

## **22ª oficina – 08/06/2010**

Pareceu-me que os desenhos da última oficina, embora feitos com interesse, refletiram escassez de informação sobre a Copa, e sem informação não se cria. Por esse motivo, comprei algumas revistas que abordavam o tema da Copa e recortei de uma delas informações sobre os vários times, os seus respectivos grupos, as bandeiras de todos os países participantes, o uniforme e esquema tático das seleções.

**Proposta:** Construção de painel coletivo a partir dos desenhos da oficina anterior e novas ideias a partir das informações complementares.

**Participantes:** 11 crianças.

**Materiais:** Desenhos, recortes de revista, lápis preto e de cor, papel Kraft, papel ofício.

**Descrição:** espalhei no chão, no centro da roda, os recortes das revistas e os desenhos da oficina anterior. Propus que fizéssemos hoje o painel coletivo sobre a Copa, tema que haviam sugerido. As crianças, no entanto, sentiram-se mais motivadas a fazer desenhos individuais a partir dos recortes. Agiram com o mesmo interesse daquela oficina em que desenharam a partir das fotos do Oceanário de Lisboa.

Escolhiam um recorte, retiravam dali alguma informação, representavam no papel ofício, depois escolhiam outro recorte. Surgiram desenhos sobre bandeiras de vários países, uniformes, colagens, e até o mascote da Copa, o simpático leopardo Zakumi.

As meninas não se motivaram e por isso dei-lhes liberdade para criarem algo diferente. Mi fez a Minnie a partir de um enfeite que havia na sala e N copiou algumas informações que lhe pareceram interessantes.

**Eu comigo:** A oficina transcorreu de forma amena. Percebi que as crianças não estão interessadas em trabalhar em grupo. Parece-me que este ainda é um caminho a percorrer. Falta muito diálogo, interação, aprender a argumentar, saber falar, saber ouvir e saber silenciar. Mas este aprendizado é deles e não terei tempo hábil de acompanhar o processo, uma vez que só temos mais três oficinas.

### **23ª oficina – 10/06/2010**

**Participantes:** 11 crianças.

**Materiais:** Fotocópia do Zakumi, cola colorida, lápis de cor. *Puzzle* dos países africanos, papel ofício.

**Proposta:** Transmitir informações sobre o continente africano, divisão política, línguas e dialetos, diversidade cultural.

Atividades: Montar um *puzzle* com os países africanos e colar em papel ofício. Depois de montado o mapa do continente, colorir de acordo com a divisão política ou de acordo com as línguas e dialetos. Colorir o Zakumi, mascote da Copa.

**Descrição:** Iniciei a oficina com uma conversa informal, perguntando se estavam estudando sobre a Copa e a África nas escolas. Alguns sim, outros não. Expliquei-lhes, então, que a África é um continente, mostrei o mapa e sua localização geográfica, falei sobre descobertas arqueológicas que indicam ser a África o berço da civilização, falei sobre as várias línguas e colonizações, costumes e sobre a culinária africana, que influenciou a brasileira, nomeadamente a culinária baiana.

A seguir, propus que fizéssemos primeiro o *puzzle*, mas eles estavam mais interessados em colorir o Zakumi e assim fizeram. Cada criança escolheu a melhor forma de colorir o impresso que levei, que continha apenas o contorno do mascote. Utilizaram lápis de cor, colagem e cola colorida. Notei que, embora muito interessados, não tiveram o devido cuidado ao utilizar a cola colorida e alguns desenhos ficaram borrados. Não gostavam, pediam logo outro, mas continuaram a levantar a folha com a cola ainda molhada, borrando novamente.

São crianças com muita energia, irrequietos e agitados, e isto se reflete em alguns trabalhos. Como o que aqui interessa é o ato de criar e não os resultados estéticos, agi como sempre, sem interferir ou sugerir nada. Deixei-os à vontade para criar a seu modo.

Outro detalhe que sempre me chama a atenção: o descuido e descaso com os materiais. Deixam os lápis espalhados pelo chão, e quando solicitados a apanhar e ajudar a organizar a sala, mantêm-se imóveis como se não tivessem ouvido o pedido.

No final da oficina, foram assistir à abertura da Copa na sala de TV da ONG.

## **24ª oficina – 17/06/2010**

**Participantes:** 13 crianças.

**Materiais:** mapas do continente africano, lápis de cor, , cola, papel ofício.

**Proposta:** Dar continuidade à proposta de conhecer um pouco mais sobre o continente africano, em função da realização da Copa.

**Descrição:** Na roda inicial, conversamos sobre a Copa e sobre o primeiro jogo do Brasil. Ouvi os comentários sobre o desempenho da seleção brasileira. Percebi que várias crianças têm grande interesse por futebol, independentemente da Copa.

A seguir, indaguei se tinham aprendido nas respectivas escolas um pouco mais sobre o continente africano. Várias crianças estavam mais bem informadas. Indaguei também se se lembravam do que havíamos conversado na oficina anterior. São crianças muito vivas e inteligentes, e demonstraram ter assimilado bastante bem as informações que lhes passei.

Propus que cada criança observasse o mapa que lhes entreguei e escolhesse como colori-lo: de acordo com a divisão pelas línguas e dialetos ou de acordo com a divisão política. Coloquei o mapa que lhes serviria de orientação no chão, no centro da roda, e cada criança ajeitou-se de modo a observar e escolher o que faria.

A seguir houve um longo silêncio produtivo. Estes momentos são mágicos, são preciosos momentos em que se empenham e criam com profunda concentração, interesse e prazer. Ali, neste momento, estão inteiros e expressam com total liberdade.

Terminada esta etapa, cada criança recebeu um *puzzle* do mapa do continente africano. Esta atividade representou um desafio, pois, como o mapa é uma novidade para eles, tiveram que se guiar pela forma dos pedaços, e quando finalmente conseguiam, ficavam realmente satisfeitos com a conquista.

Esta foi uma oficina tranqüila e feliz.

## **25ª oficina – 22/06/2010**

**Participantes:** 11 crianças.

**Proposta:** Jogos e brincadeiras.

**Descrição:** Como esta seria nossa última oficina, resolvi fazer alguns jogos e brincadeiras e no final distribuir algumas guloseimas.

Começamos com um aquecimento em forma de corrida. Dividi o grupo em dois subgrupos. Como o número de participantes era ímpar, um deles ofereceu-se para ajudar a fiscalizar de um dos lados da quadra, enquanto eu marcava a linha de partida do outro lado da quadra.

Repetimos o processo três vezes, e a atividade transcorreu bem.

A segunda brincadeira foi a das palmas, que já fizemos algumas vezes e eles gostam muito.

A terceira foi sugerida por eles, e é um jogo similar a uma disputa de futebol.

Terminada a etapa das brincadeiras, sentamos em roda e saboreamos juntos as guloseimas.

Combinamos o próximo encontro, no qual eu farei a devolução dos trabalhos para cada criança, conversando individualmente com elas.

### **Entrevista individual e avaliação do percurso - 24/06/2010**

**Participantes:** todas as crianças.

**Proposta:** devolução dos trabalhos, avaliação do percurso feito e escolha dos trabalhos a serem divulgados.

**Descrição:** Dirigi-me à sala de atendimento psicológico da ONG, que fica em outro andar, enquanto a educadora organizava um sorteio que determinou a ordem de atendimento de cada criança.

Segui o mesmo esquema com todos: cada criança recebeu uma pasta com todos os trabalhos produzidos e teve oportunidade de apreciá-los a seu tempo e ritmo. A seguir, solicitei a cada um que escolhesse três trabalhos para serem publicados na dissertação. Por último, entreguei a cada criança uma folha de avaliação das oficinas.

Algumas crianças tiveram dificuldade para escolher os trabalhos para serem divulgados, uns porque gostam de quase todos, outros por excesso de autocrítica. Duas crianças tiveram dificuldade em responder ao questionário da avaliação, mais por dificuldade de leitura e escrita.

Esta foi a única vez em que conversei individualmente com as crianças sobre o percurso. Eu tinha como certo que alguns deles não gostaram das atividades, mas percebi, pela maneira como se debruçaram sobre os trabalhos, e pelas observações que fizeram, pela expressão de contentamento ao observá-los, que estava enganada. Foi uma surpresa muito agradável perceber que todos deixaram-se transformar pela experiência, cada um no seu devido tempo e medida.

## Anexo C – Avaliação do Percorso das Oficinas de Criação

## AVALIAÇÃO DE PERCURSO DAS OFICINAS DE CRIAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Estudo: \_\_\_\_\_

Durante este semestre, tivemos oficinas de criação e oficinas de jogos e brincadeiras. Utilizamos vários materiais e técnicas expressivas e gostaria de saber o que você mais gostou de experimentar. Coloque pela ordem de preferência, sendo o número 1 para o que mais gostou e assim por diante até o que menos gostou:

Desenho ( )

Colagem ( )

Adivinhação ( )

Painéis coletivos ( )

Modelagem com massinha ( )

Dobradura em papel – Origami ( )

Quebra-cabeça ( )

Oficina dos sentidos: tato, audição, paladar ( )

Contos ( )

História em quadrinhos ( )

História maluca ( )

Jogos e brincadeiras ( )

Você gostou de participar das oficinas? Sim ( ) Não ( )

Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O que você leva deste aprendizado para a sua vida? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Este CD é parte integrante da dissertação de mestrado  
de Márcia Píramo Coelho Machado Proença  
Lisboa, 2010

# Materials



Oficina dos sentidos - olfato



Oficina dos sentidos - audição



Oficina dos sentidos - tato



Oficina dos sentidos - tato

# Modelagem – massa plástica



Modelagem – Foto 1



Modelagem – Foto 2

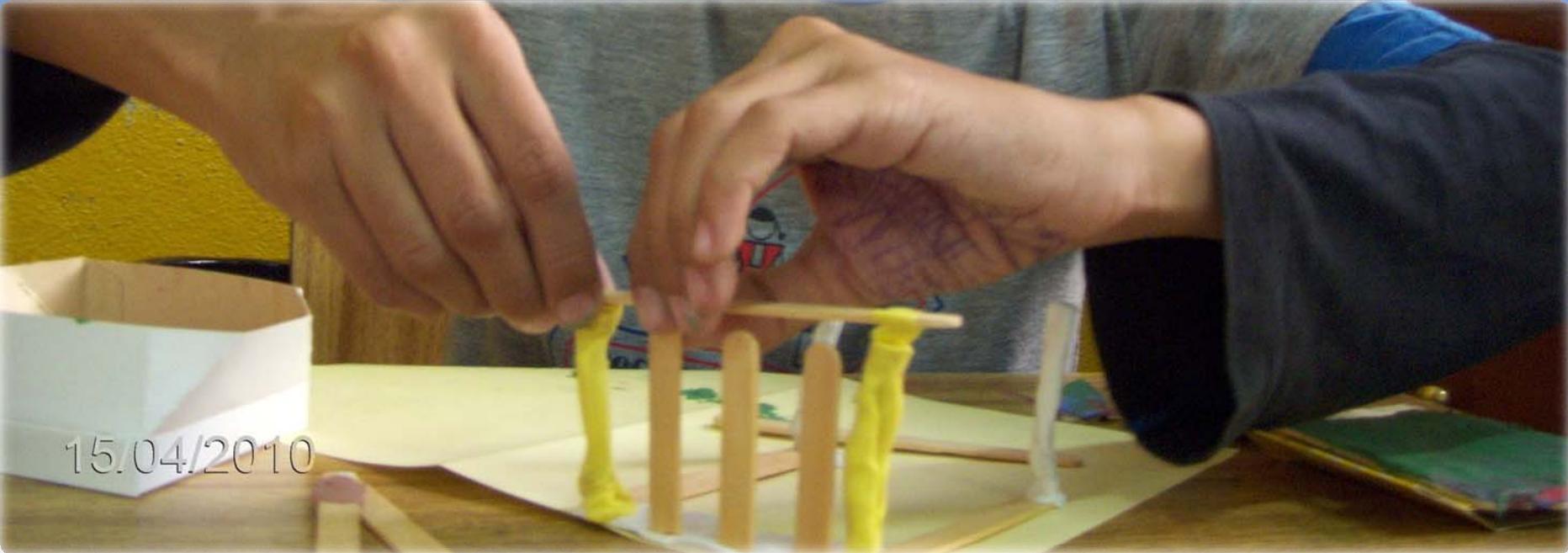


Modelagem – Foto 3





15/04/2010



15/04/2010

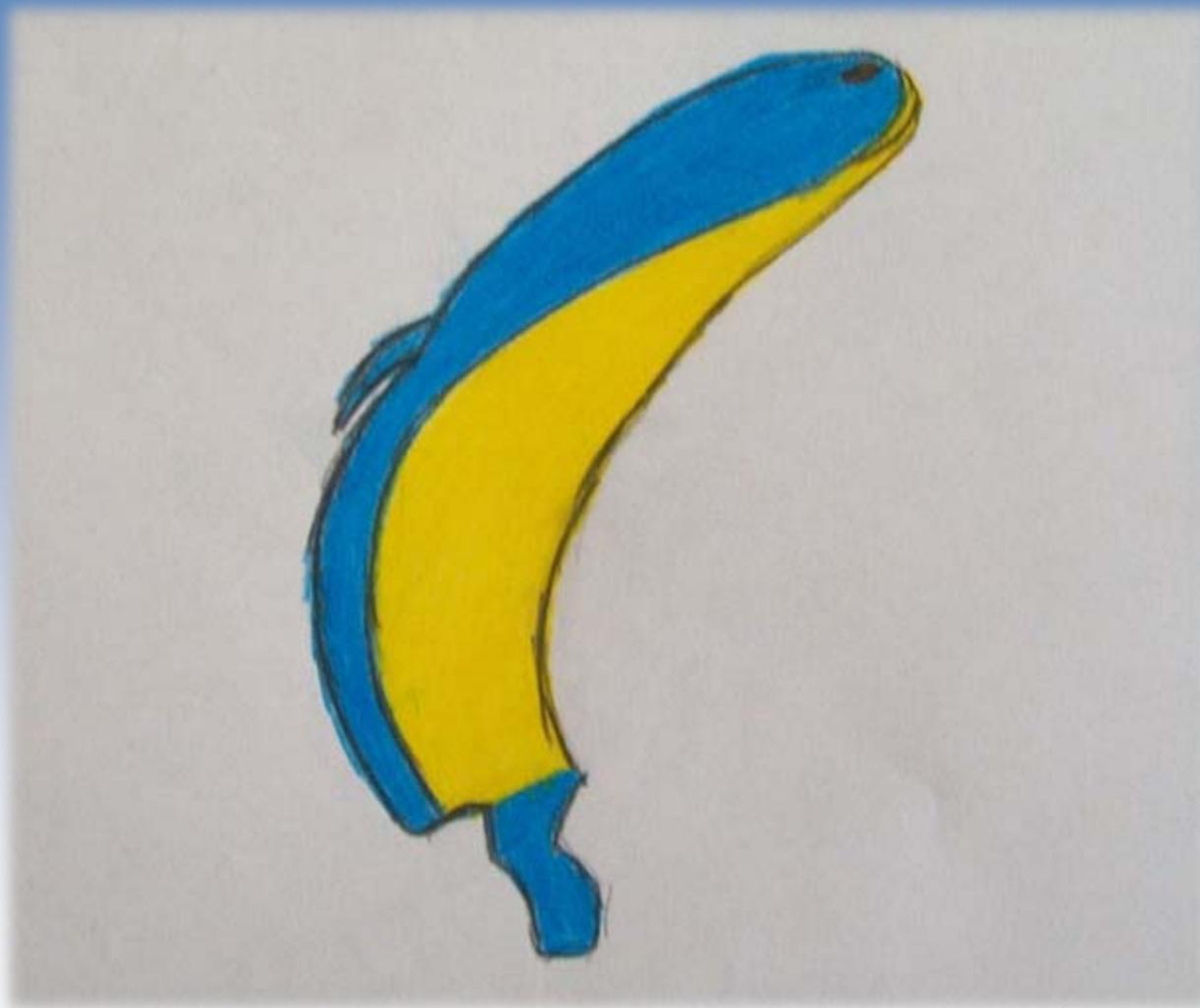


22/04/2010

# Trabalhos Expressivos Selecionados pelas Crianças



Trabalhos Expressivos- Oceanário de Lisboa



Trabalhos Expressivos- Oceanário de Lisboa

Desenho – Foto 2



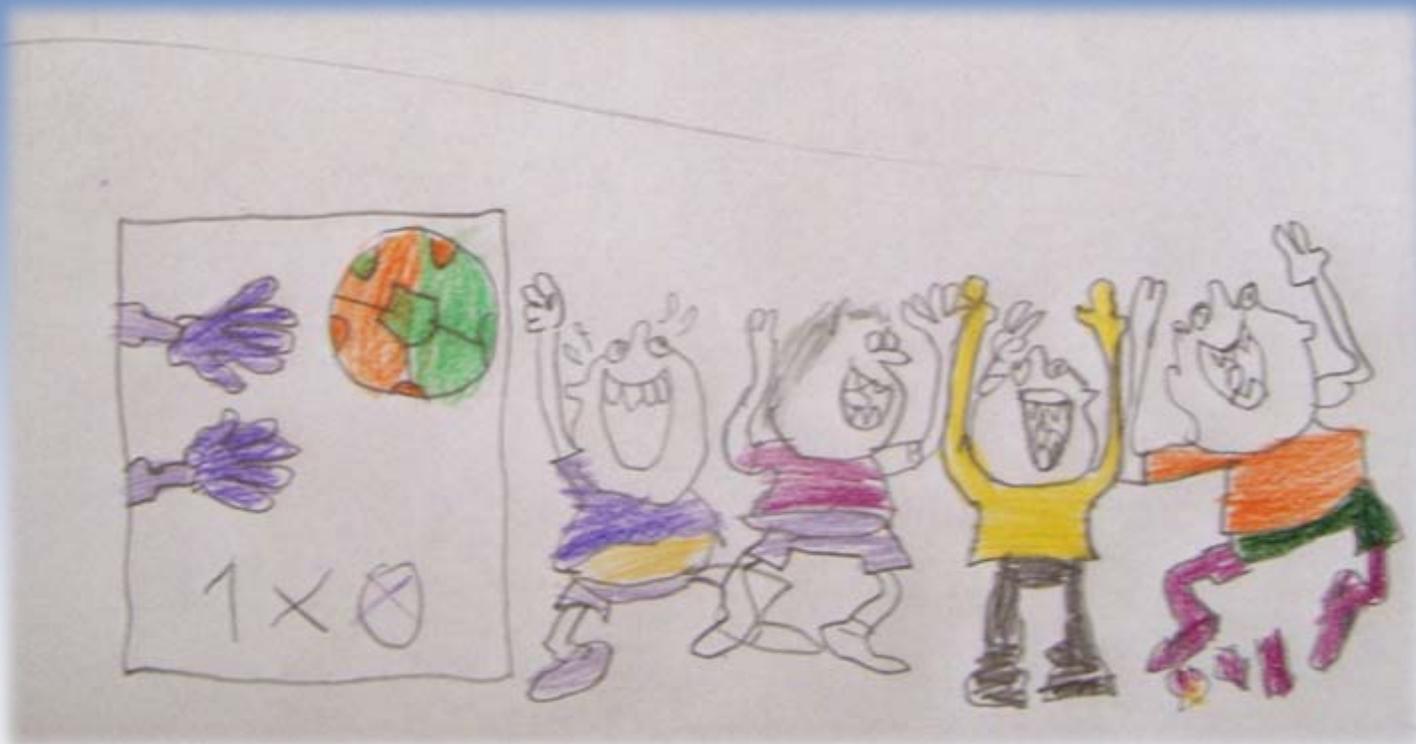
Trabalhos Expressivos- Oceanário de Lisboa





Trabalhos Expressivos – Inspirado no livro  
O frio pode ser quente?

Desenho – Foto 5



Trabalhos Expressivos – Inspirado no livro  
O frio pode ser quente?



Trabalhos Expressivos – Inspirado no livro  
O frio pode ser quente?



Trabalhos Expressivos – Inspirado no livro  
O frio pode ser quente?



Trabalhos Expressivos



Trabalhos Expressivos

Origami – Foto 10

# A História Emventada

## CHIAS

- 1 Durante a estação das chias, que vai de novembro a março, os rios transbordam e alagam os campos.
- 2 Os patos e seus filhotes espalham-se pelas áreas inundadas. E nesse época são alguns pontos, como o pau e o caracol, usados como a referência para indicar as saliências da terra, no momento conhecido como proçama.
- 3 O galo é levado para o terreno mais alto, que permanece seco.

## VAZANTES

- 1 Em abril os rios começam a voltar para o seu leito e muitas colônias ficam espalhadas nos lugares que se formam nos campos.
- 2 Para passar, jacarés e aranhas, essas lagoas são um verdadeiro banquete.
- 3 Resquedas pela matéria orgânica carregada pelos rios, as pastas crescem. O banquete dessa vez é de peixe, dos carnosos, das capivaras e outros herbívoros.
- 4 Grças, jaguatiricas e sucatas, sem estão no topo da cadeia alimentar de Pantanal, são atraídas pela abundância de peixes.



peixes  
→ É um animal feroz e feio com os dentes afiados e perigooso.

flamingo  
→ É um ave com o bico comprido. Gosta de ficar na água.



→ É um animal chamado papagaio conhecido por toda as pessoas brasileiras.

1ª parte El grande Corrido

Um dia chovendo Joaquina estava  
sentando da casa de sua tia Lucre

2ª parte

Passado anos ela voltou  
na família ela encontra  
um filhote de cavalo



3ª parte

Ele cresceu e gostava  
de assistir corrida  
até que a corrida  
chegou a cidade dele  
ele queria participar

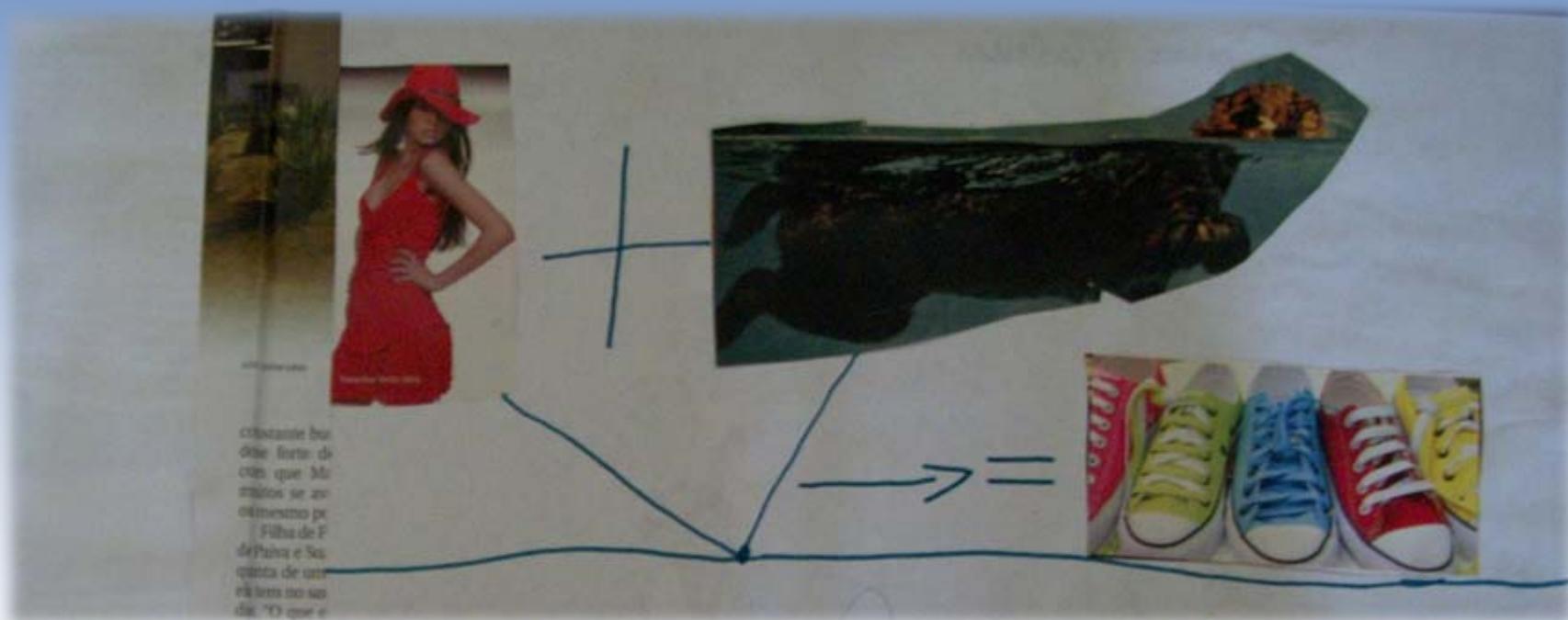


Ele queria

4ª parte

dia chegou. Ele estava  
curioso mas pensou  
na Joaquina e correu com toda a velocidade  
e venceu!!!









Trabalhos Expressivos



Trabalhos Expressivos

Desenho – Foto 16



Trabalhos Expressivos

Desenho – Foto 17

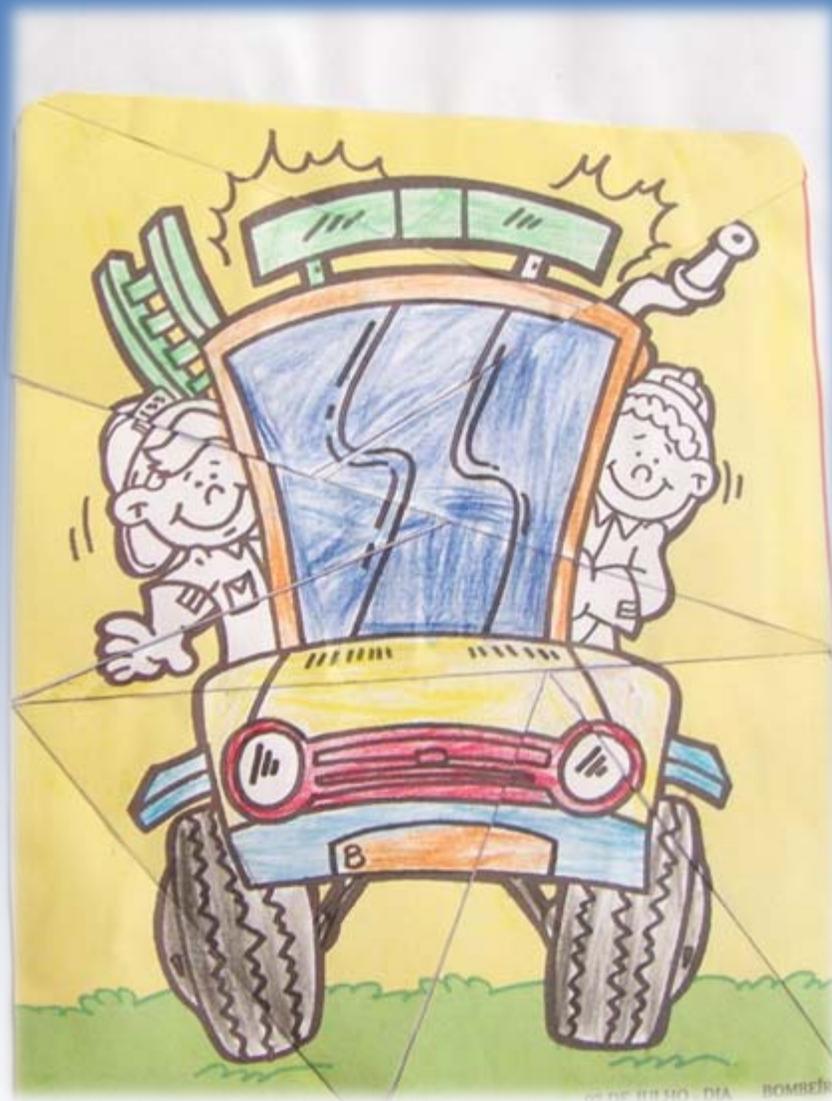


Trabalhos Expressivos



Trabalhos Expressivos

Desenho – Foto 19



Trabalhos Expressivos

Puzzle – Foto 20



Trabalhos Expressivos

Puzzle – Foto 21

# Síntese Criativa



Síntese criativa – dobradura em papel



Síntese criativa – dobradura em papel



Síntese criativa – dobradura em papel



Síntese criativa – dobradura em papel



Síntese criativa – dobradura em papel



Síntese criativa – dobradura em papel



Síntese criativa

Cacto – Foto 1



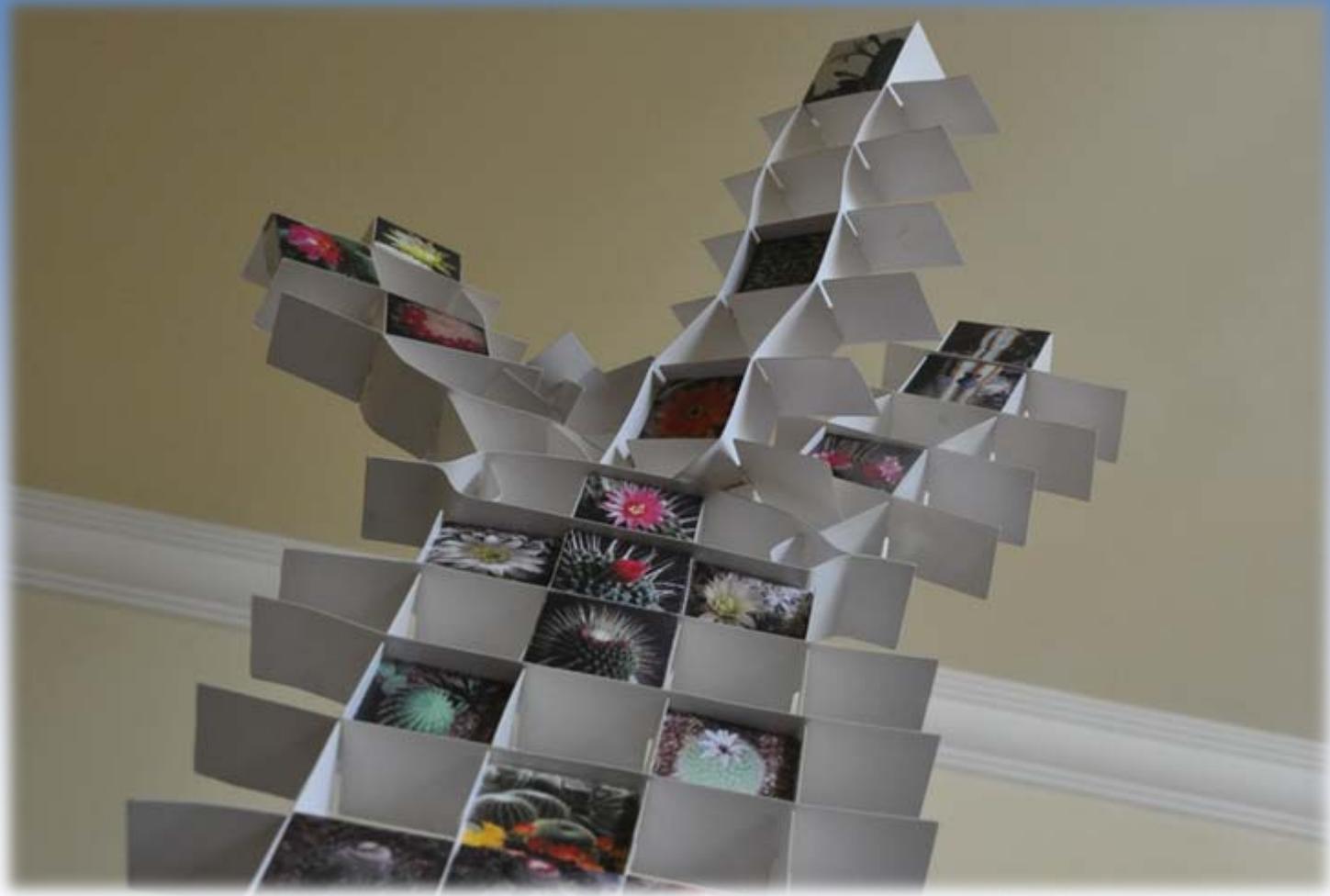
Síntese criativa

Cacto – Foto 2



Síntese criativa

Cacto – Foto 3



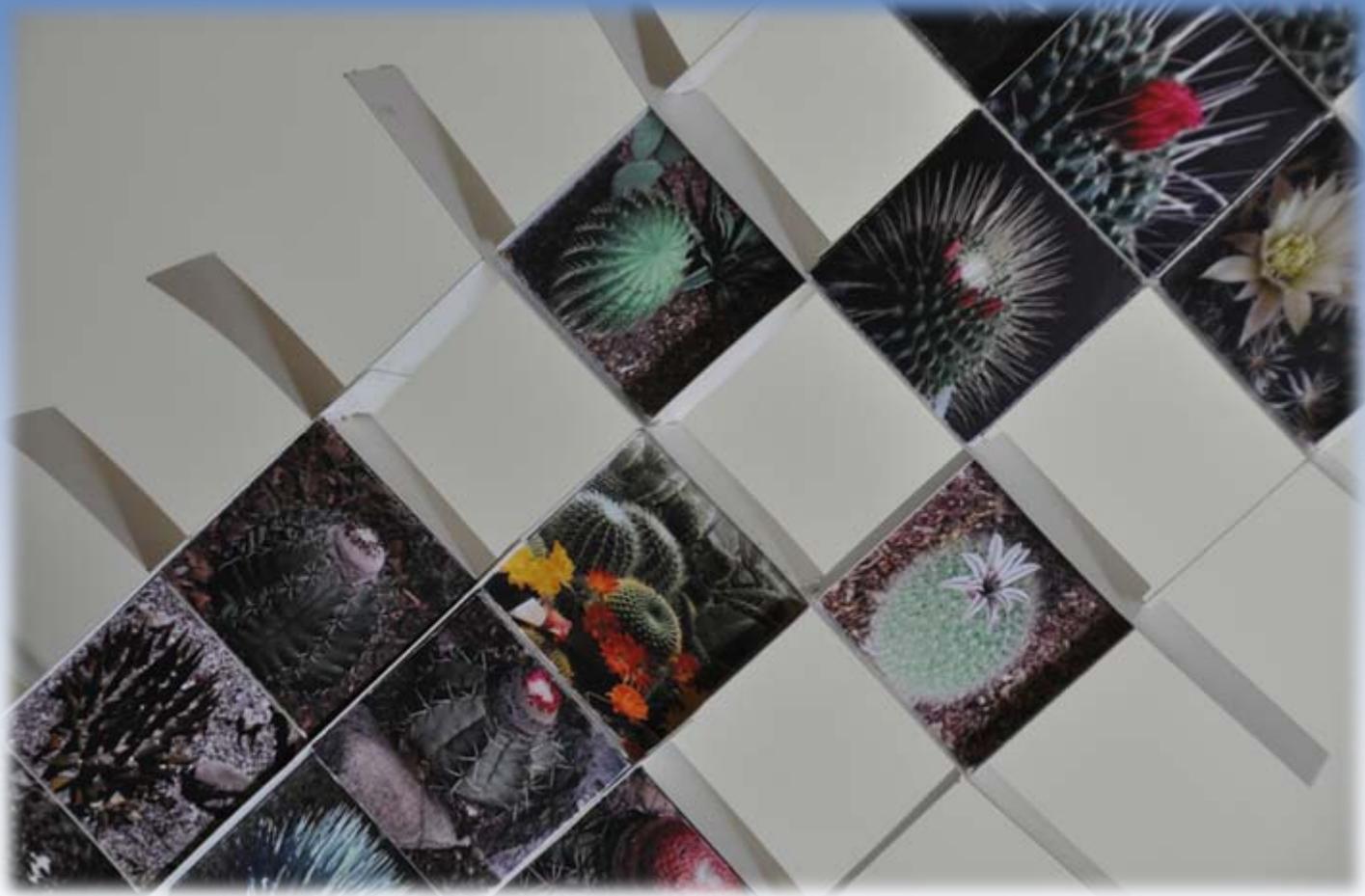
Síntese criativa

Cacto – Foto 4



Síntese criativa

Cacto – Foto 5



Síntese criativa

Cacto – Foto 6



Síntese criativa

Cacto – Foto 7



Síntese criativa

Cacto – Foto 8



Síntese criativa

Cacto – Foto 9



Síntese criativa

Cacto – Foto 10